

MONICA CORREIA DANIELS

TRAÇOS FÍSICOS, IMAGENS SOCIAIS: REPRESENTAÇÕES DA FEIÚRA

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Sociologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof. Dr.
Renato José Pinto Ortiz

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
15/12/1999

BANCA

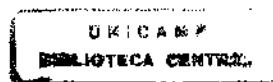

Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz (Orientador)


Profa. Dra. Maria Lygia Quartim de Moraes


Profa. Dra. Leila da Costa Ferreira

Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos (suplente)

Dezembro / 1999



UNIDADE	Bo
N.º CHAMADA	T/UNICAMP
	D 228 m
V.	Ex.
TOMBO BC	40709
PREC.	278/00
C	☐
D	☒
PREÇO	\$11,00
DATA	25/03/00
N.º CPD	

CM-00135045-3

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Daniels, Mônica Correia
D 228 m **Traços físicos, imagens sociais: representações da feiúra /**
Mônica Correia Daniels. - - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: Renato Ortiz.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Corpo humano. 2. Estética. 3. Sociedade de consumo.
4. Envelhecimento. 5. Modernidade. I. Ortiz, Renato.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Agradecimentos

À Noemi, Nobuko e Marília, das quais as contribuições foram fundamentais na minha vida acadêmica

Ao Luigi e Edmar pelo carinho e apoio

À Marilene, que me ajudou na elaboração do projeto inicial desta pesquisa

Ao Prof. Oswaldo H. Ceschin, por sua atenção, comentários e sugestões

Ao Prof. Renato Ortiz, pela orientação

Sumário

Introdução.....	01
1- O corpo moderno	
A aparência significativa.....	22
2- Estética e expectativas sociais.....	47
3- Formas Físicas e Traços Sociais	
Estética e etnia.....	71
Estilos de vida.....	84
Aparência e espaço urbano.....	99
4- O corpo camuflado.....	110
O corpo obsoleto.....	129
Ressurgências do corpo.....	139
Considerações Finais.....	153
Bibliografia.....	162

Introdução

Somos muito suscetíveis a nossa própria imagem. Atributo de superfície, a aparência física concentra em nossa cultura uma diversidade de significados que adquire grande densidade no que diz respeito às relações humanas e ao mundo social. A vida cotidiana é revestida das qualificações que atribuímos aos outros. No espaço social, diante da variedade de rostos, formas, presenças de inúmeros indivíduos, a todo tempo transmitimos e recebemos todo tipo de impressões, que são tão constantes como inevitáveis, muitas até imperceptíveis. Sabendo que os seres humanos se percebem e se avaliam em relação a diferentes critérios, o que se associa às imagens produzidas com respeito ao que chamam de feiúra?

A sensação experimentada em relação as características da aparência tida como feia reporta-nos imediatamente ao âmbito da subjetividade, a uma percepção estética particular, extremamente incorporada em nossa sensibilidade. Esta imagem resiste de imediato à reflexão. O efeito de uma impressão estética suspende a linguagem¹. Remete-se a um espetáculo consensual e não um conteúdo semântico.

O corpo é lugar de estruturas e sensações. Apresenta-se enquanto superfície sobre a qual se inscreve o social e como experiência vivida. É sempre apreendido no nível do sensível, mas se reporta à estrutura de uma formação social. Em função da forma evidente pelas quais as impressões estéticas se impõem a nós, tende a nos escapar o processo sócio-cultural ao qual as mesmas dizem respeito. Pois se temos sempre em evidência a experiência do vivido corporal, sempre nos foge, ao mesmo tempo em que se apresenta em

¹ Flahault, F. *La beauté, la convoitise et la peau*, in: *Beauté, laideur*, Communications, n. 60, 1995

nós, as estruturas sociais que se inscrevem no corpo. A feiúra, no entanto, diz respeito não apenas a um desagrado estético. Essa impressão sobre o outro ou sobre si próprio, que se produz em função do confronto a diversos parâmetros identitários que compõem nossos julgamentos estéticos, é percorrida sem cessar por implicações de ordem moral, política, ideológica. Portanto, o veredito estético diz respeito a um sistema de imagens em comum.

As respostas sociais à aparência do outro obedecem a modelos relativamente estereotipados em nossa cultura e a tipos de interação quase ritualizados. Como demonstra Maisonneuve², através de pesquisas específicas, nossos julgamentos de gosto que supomos espontâneos, analisados estatisticamente, aparecem como quase automáticos. Nós o proferimos, no entanto, de modo relativamente alheio às categorias sociais que os determinam. Há inclusive uma certa convergência de gostos com respeito ao corpo, ainda que se considere as diferenças de classe, sexo, idade, etc. Embora os modelos axiológicos, como certos tabus corporais se rompam ou desapareçam e que surjam em determinadas circunstâncias atitudes e práticas novas, os padrões estéticos tendem a se conservar mantendo em grande parte sua influência e seu prestígio. Possuímos um sistema de impressões estéticas usuais apoiado em um dispositivo de normas e significações que diz respeito a um conjunto de características de nossa cultura. É nessa perspectiva que focalizamos a imagem da feiúra. Referimo-nos à feiúra convencional, produzida a partir de padrões estéticos bem estabelecidos e arraigados socialmente, e não a gostos e formas de produção da aparência alternativos³.

² Maisonneuve, J. *Modèles du corps et psychologie esthétique*, Paris, Puf, 1981

³ Como é o caso de pessoas que procuram assumir uma postura mais crítica em relação aos imperativos com respeito a apresentação pessoal. Essa atitude tende a ocorrer, por exemplo, em certos grupos de jovens.

O reconhecimento comum sobre as aparências humanas não se deixa de vincular a ideologias e preconceitos. Por isso mesmo produz enunciados discriminatórios que se revelam nas apreciações estéticas. Esses julgamentos, apesar de serem considerados frequentemente atos banais trazem consigo uma certa cumplicidade com determinados valores sociais que encarnam nosso modo percepção e classificação das diversas imagens da aparência humana. Nahoum afirma que o veredito estético se acompanha de uma síntese do outro, destituída de toda razão de ser e afastada das regras morais justas (a generosidade como dever) ou de um saber (o outro é antropologicamente igual a mim)⁴. O veredito da feiúra assinala uma forma social de estigmatização mais sutil, diferenciando-se de outras mais explícitas (como por raça, sexo, classe social) na qual o indivíduo é compelido moralmente camuflar sua atitude. É nesse sentido que a autora afirma que a feiúra traz o prazer de uma exclusão, sem culpa, do outro⁵. Maisonneuve, por sua vez, chama atenção para a contradição existente entre divergência ideológica e convergência de gostos estéticos. Mesmo quando os códigos sociais são contestados vê-se persistir uma normatividade decididamente vivaz, que é a da estética⁶. Assim o autor destaca, recorrendo a Maertens, que mesmo em alguns grupos que manifestam, de algum modo, certo caráter social contestatório - como *punks*, *hippies* - e que apresentam diversas formas de infrações aos códigos estéticos oficiais, estes não são renegados totalmente. Suas transgressões

artistas, intelectuais.

⁴Ibid, p. 30

⁵Nahoum, V. *Les canons de la laideur*, Communications, 1995, p. 29-47

⁶Maisonneuve, Jean. *op.cit.* Para o autor a percepção estética do corpo obedece muito provavelmente a um processo de inculcação ao mesmo tempo precoce e generalizada. Estudos especializados mostram que crianças a partir de três anos já discriminam entre rostos belos e feios.

tendem a se concentrar no âmbito do vestuário, sem recusar totalmente os padrões de corpo e de rosto⁷.

Nossas regulações permanentes, nossos referenciais identitários, estão bastante enraizados nas expectativas com respeito ao corpo. Uma contravenção estética maior atinge nossa tranquilidade habitual, suscita o mal estar, retira-nos instantaneamente do âmbito da ordem, sem nos darmos conta claramente do que desencadeia isso e dos elementos que se colocam nesse processo. Pensemos na imagem do monstro. O monstro desarticula nossos referenciais. Ele exhibe pulsões fundamentais, *sugere a morte da razão, a perda da identidade, a alteração da alma, a passagem para a loucura*⁸. Uma exarcebação da feiúra tende a nos subtrair de nossos parâmetros identitários.

Hoje em dia o corpo é todo regulamentado, nada parece escapar ao controle, à compreensão. A ciência tratou de organizar nossas representações corporais. Rompido seus vínculos com a natureza, extraído de seu antigo contexto, o corpo moderno, submetido totalmente à ordem da racionalidade, passa a se reportar apenas à sua materialidade através do linguajar da biologia, da anatomia, da fisiologia, etc. Seu caráter arrebatador, insólito passa a ser apreendido pelo discurso racional. Em todos seus aspectos torna-se diferenciado ao mesmo tempo em que se apresenta mais normatizado, compreensível e manipulável, tanto em seu funcionamento interno como em sua configuração externa. O viés do discurso racional se coloca entre o olhar humano e as diferenças corporais que de alguma forma recebem destaque. Assim sendo, há uma mutação nos discursos sobre o corpo e nas classificações que

⁷ Maisonneuve, Jean, *op. cit.*

⁸ Héritier, J. *Le Martyre des Affreux: la dictature de la beauté*, Denoël, 1991, p.73

eles elaboram que proporcionam novas formas de falar e de fazer ver o corpo humano.

A idéia de ordem sustenta nossa relação com a aparência física. Os dispositivos modernos permitem reparar o corpo em termos de sua constituição física tanto interna, como externa. A aparência, amplamente incorporada enquanto suporte de signos, deve se dar em conformidade com a ordem desse tecido social regido pela racionalidade moderna. Há uma necessidade em organizar as naturezas corporais, em definir padrões, classificações, exaurindo-se as diversas formas em que o corpo pode nos parecer estranho e arrebatador e as normalizando segundo o discurso racional. Como mostra Le Breton, num mundo onde o corpo é a marca do indivíduo, uma alteração maior em sua apresentação tende a confundir os sinais que através dele se mostram aos olhos dos outros. *Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação maior introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo*⁹. As anomalias corporais vão sendo regulamentadas pelos diagnósticos clínicos. A apresentação corporal é mais diversificada, no mundo moderno, porém mais previsível. A feiúra contemporânea possui caráter menos arrebatador, estranho ou insólito. É uma feiúra convencional.

Recorrendo a Canguilhem, podemos considerar a noção de monstro, e as transformações em nosso imaginário a respeito da monstruosidade bem ilustrativas das mudanças relativas às expectativas corporais modernas. O monstro, esse retrato exacerbado da feiúra, assinala o corpo como pavor. Ele abala pela imagem que faz pesar sobre nosso ser cultural. É uma caricatura do caráter inapreensível da natureza. O monstro manifesta a tendência para o

⁹ Le Breton, D. *A Síndrome de Frankenstein*, in: Sant' Anna (org), *Políticas do Corpo, Estação Liberdade*,

desaparecimento do significado em favor da presença do corpo sem sentido, surpreendente, caracterizando um processo de absorção dos signos pelo seu contrário¹⁰. Como mostra Canguilhem¹¹, no período medieval conviviam-se com os monstros numa despreocupação em distinguir ficção e realidade. *A Idade Média, que não é assim designada por ter deixado coexistir os extremos, é a época onde se vê os loucos viver em sociedade com os sãos e os monstros com os normais*¹². A partir século XIX encerra-se o louco no asilo para servir ao ensino da razão e o monstro no bocal do embriologista para servir ao ensino da norma¹³. O monstro hoje não nos arrebatava mais, pois é explicado biologicamente, tornando-se naturalizado. A transparência da monstruosidade para o pensamento científico rompe com toda relação com o monstruoso. Os traços morfológicos estranhos tornam-se sintomas. A monstruosidade parece revelar o segredo de suas causas e de suas leis. Quando a monstruosidade é tornada um conceito biológico, quando os monstros são repartidos em classes conforme as relações constantes, quando se torna possível experimentalmente provocar o monstro, este se torna naturalizado; ao irregular passa-se atribuir uma regra, a previsão. Isso mostra como o corpo, amplamente inserido no pensamento racional, não é mais lugar do que nos arrebatava ao modo como ocorria antigamente. O estranho é normalizado pelos diversos discursos sobre o corpo que a sociedade moderna produz. Os índices que liberam o percurso do olhar são convertidos em signos através da enunciação de um discurso que atribui aos caracteres aberrantes um estatuto significativo dotando-os de sentido, transformando o que

1995, p. 49-67

¹⁰ Ver Gil, José. *As metamorfoses do corpo, A regra do jogo*, Lisboa, 1980, p. 39-42

¹¹ Canguilhem, G. *La monstruosité et le monstrueux*, Diogene, n. 40, 1962

¹² *Ibid.*, p. 36-37

¹³ *Ibid.*, p. 37

choca a visão em um enunciado clínico ou científico. Não há mais espaço para se conviver com o que não se enquadra à ordem humana. Para o racional a crença no monstro é sintoma de fraqueza da razão. As causalidades miraculosas, portanto, cedem diante das causalidades físicas num mundo onde tudo é concebido sob o modelo mecanicista. A racionalidade humana elimina o caráter insólito dessa aparência, dessa aberração que convivia com as aparências normais da Idade Média.

Assim, diante de um mundo onde a estranheza das aparências é normalizada, a feiúra hoje se caracteriza menos por uma imagem exarcebada de uma estética negativa, revelando temores de caráter diferente. O que estrutura a existência do corpo atualmente não é mais a irredutibilidade do sentido, mas a troca dos elementos e das funções que lhe asseguram a ordem. As características negativas do corpo evocadas pela feiúra advêm menos de uma estranheza suscitada; os aspectos feios, são os que passam a ser considerados sob algum aspecto desviantes, a partir do que se estabeleceu como ideal. À medida que às maiores diferenciações morfológicas são inscritas classificações médicas, biológicas, a feiúra se apresenta com menos frequência de forma arrebatadora; sua presença maior atualmente é enquanto uma desfiguração banal, convencional. E é através desta normatividade que se apresenta em termos de estética, saúde, higiene que se voltam as sutis tiranias humanas com respeito a aparência desviante. Pois as diversas diferenças corporais adquirem na vida moderna classificações que as situam numa hierarquia de valores e significados, que se dão em função da proximidade com o que se estabelece como ideal corporal. As exigências modernas redesenham os sinais físicos do que é considerado feio ao mesmo tempo em que o caráter arrebatador das

aparências é normalizado, racionalizado, diagnosticado, é regulamentado em múltiplos aspectos. A feiúra moderna passa a se configurar na tirania do detalhe.

Se pensarmos, nos discursos dirigidos para os cuidados com a aparência física, podemos notar que crescem constantemente as restrições estéticas relativas ao corpo, aumentando a censura social sobre os aspectos feios da aparência, sem que esses requisitos se atrelem diretamente à exigência de beleza física.

Possuímos um registro corporal comum que, embora variando entre os indivíduos e entre os grupos sociais, constrói um conjunto de referenciais comuns com respeito à aparência corporal. Diversas pessoas que encontramos no dia a dia nos são relativamente indiferentes quanto a sua apresentação. Não a julgamos belas nem feias, mas estão dentro de nossas expectativas comuns com respeito ao corpo. Elas possuem um determinado padrão de rosto e corpo, um certo cuidado de higiene, comportamento, gestualidade, vestimenta que se adequam às nossos parâmetros identitários, não agredem nossa sensibilidade estética. Algumas aparências, no entanto, nos proporcionam alguma forma de repulsa. Trata-se de um desgosto que se produz em função do não cumprimento com requisitos estéticos mais comuns e generalizados entre os indivíduos.

As interações sociais, as impressões sobre o outro são muito suscetíveis a oscilações em função do grau de cuidados que o indivíduo deve ter com seu corpo. Há aspectos dos cuidados físicos que se não levados em conta na apresentação pessoal abalam instantaneamente o contato social, produzem formas de rejeição. Podemos destacar as atenções com a higiene, os cabelos, o odor, os movimentos do corpo, a adequação das roupas, as expressões faciais. São diversos aspectos quase imperceptíveis da aparência que

modelam as interações sociais, mas que quando faltam ou falham interferem imediatamente nas relações, justamente por seu grande enraizamento nestas. A transgressão destas expectativas, esboça os contornos do ridículo, do marginal, do grosseiro, fere nosso nível de tolerância com respeito ao corpo.

É nesse sentido que focalizamos a feiúra. A relação da aparência feia com essa rede de expectativas comuns passa a ser problematizada à medida em que o consumo apresenta-se crescentemente na cultura moderna como uma importante instância na criação de padrões estéticos comuns, refinando-os cada vez mais. O fenômeno social de sofisticação da vida inclui também a sofisticação do corpo. Essa dinâmica produz formas de intolerância com respeito às aparências não inseridas nesses processos. Os imperativos sociais com respeito ao corpo constituem-se aspectos fundamentais ao mesmo tempo da normalidade e da idealidade¹⁴. A feiúra apresenta sua problemática neste contexto, à medida em que se constrói cada vez mais formas de sociabilidade normatizadas por ideais de aperfeiçoamento físico. Portanto, procuramos discutir a representação social desta categoria estética levando em conta essa sensibilidade crescente incidindo cada vez mais na expressão da aparência, buscando-se apreender os significados e valores que se colocam em jogo nesse refinamento crescente dos cuidados físicos.

Héritier atenta para a tendência da estética humana a se atrelar ao elitismo e a intolerância¹⁵. Por trás da diversidade de modelos físicos, diz o autor, destaca-se sempre um: o do bem sucedido socialmente. A sociedade contemporânea engendra seus referenciais específicos nessa relação. Na cultura moderna os investimentos na aparência constituem-se cada vez mais requisitos fundamentais para

¹⁴Maisonneuve, J. *op. cit*

expressão da identidade na vida social. À medida que a relação entre individualização e socialização envolve crescentemente a produção estética do corpo (atrelada estreitamente ao grau de inserção no consumo) diversos traços físicos feios tornam-se progressivamente mais distante das expectativas comuns, incrementadas numa sociedade inserida num processo crescente de estetização. A cultura de consumo sofisticada os termos da relação entre produção do corpo e vida social. Um conjunto maior de referenciais e expectativas se atrelam a esse processo de “socialização” do corpo. Se por um lado a vida moderna promoveu uma série de hábitos de cuidados físicos, muitos destes até imperceptíveis de tão incorporados em nosso cotidiano, por outro, esse mesmo processo acrescenta sinais de feiúra naqueles que exclui em maior ou menor grau.

Compreendemos que a cultura de consumo é aspecto fundamental da produção da feiúra convencional. Operando em nosso ambiente, através de um repertório de imagens a partilhar cotidianamente, forma uma espécie de senso comum a respeito da beleza e feiúra das aparências físicas contemporâneas: ao mesmo tempo que promove as características físicas tidas como belas, revela os qualificativos estéticos desprestigiados. Presidindo atualmente a modelagem dos corpos e as práticas corporais, a cultura de consumo apresenta papel fundamental na construção de nossa imagem corporal, engendrando atitudes perceptivas e comportamentais com respeito à estética corporal.

O processo de racionalização que incide na relação entre corpo e indivíduo na cultura moderna tem como uma de suas tendências as práticas atuais de cuidados físicos. Compreendemos que estas são expressões de um processo sócio-cultural que sublinha

¹⁵Héritier, J. *op. cit*

todo um conjunto de dispositivos e de procedimentos que mobiliza diversos campos sociais - oriundos principalmente da ciência e tecnologia - que se orienta no sentido da *preservação ou restabelecimento de um ideal perene do corpo, a modelagem e a manutenção da aparência como valores próprios. Compreendemos que à elaboração e inculcação destes valores modernos de corporeidade está hoje afeto um autêntico campo social, dotado de legitimidade que se impõe de maneira indiscutível ao conjunto do tecido social*¹⁶.

Uma das expressões das práticas corporais modernas encontra-se, particularmente, na mídia escrita, como informações no âmbito da estética e saúde. Diversos discursos voltados para a aparência e bem estar corporal estenderam-se muito sobre esse campo. Mesmo jornais e revistas que não tratavam frequentemente dessas temas passaram a incluí-los com mais constância. Assim, para fundamentar nossa abordagem procuramos selecionar como material empírico revistas orientadas principalmente para o campo das informações estéticas e comportamentais. Selecionamos três periódicos de cobertura nacional – *Vip*, *Boa Forma e Corpo a Corpo*, publicadas entre janeiro de 1997 a junho de 1999. Destas duas – *Boa Forma e Corpo a Corpo*, são femininas. Publicam especificamente matérias para uma certa representação do universo feminino. Os anúncios de ambas as revistas são em boa parte, de produtos compatíveis com essa versão de mulher e seus problemas estéticos. A revista *Vip* trabalha numa linha de representação de um certo tipo de identidade masculina. Seus temas giram em torno de comportamento, sexualidade, estética, trabalho, lazer. Apesar de não ser uma revista dirigida estritamente a questões de estética e saúde, como as

¹⁶Rodrigues, A. D. O corpo e a linguagem, Revista de Comunicação e Linguagens 10/11, 1990, p. 25-32

femininas, os problemas referentes a saúde e aparência corporal são temas sempre recorrentes. Procuramos aliar a análise empírica das práticas corporais veiculadas nessas revistas a uma reflexão acerca de alguns traços gerais da representação predominante da feiúra na cultura de consumo. Esta abordagem se desenvolve focalizando alguns aspectos relativos as formas pelas quais os processos de racionalização, urbanização e diferenciação social transformam as categorias de percepção e apreciação do corpo moderno.

Através do repertório de informações estéticas veiculado nessas revistas podemos ter uma amostra da feiúra canônica que se apresenta na cultura de consumo. Os modelos corporais que aí são exibidos apresentam-se nas tendências da moda predominantes em âmbito internacional. Suas fontes são principalmente a publicidade, os grandes eventos de moda (como desfiles em Milão, Paris, Nova Iorque, etc.), personalidades famosas da mídia, modelos e esportistas. Tais referências preenchem um aspecto do perfil das revistas: informar sobre as tendências estéticas, os padrões prestigiados e orientar a respeito de diversos procedimentos estéticos com vista a aproximação desses modelos. Todos seus conselhos em cuidados com o corpo orientam-se a partir desses referenciais. Veiculando as tendências da moda com respeito a roupas, acessórios, maquiagem, corpo, rosto, cabelos, indicam o que é prestigiado e o que deve ou não ser considerado problema estético. Há, portanto, um modelo de corpo e de apresentação pessoal que fundamenta todas essas orientações. Assim, as revistas apresentam-se como vitrines dos padrões estéticos convencionais, e que preenchem nosso cotidiano, através de outdoors, bancas de jornais, ônibus, supermercados etc, seja aludindo à beleza por meio de

imagens, ou à feiúra através de imperativos estéticos (elimine a celulite, acabe com a calvície, emagreça etc).

Definimos a aparência como o corpo e sua apresentação, o corpo e os objetos que nele se apresenta, ou ainda, o conjunto de caracteres físicos constantes (ou variando lentamente), atitudes corporais (posturas, expressões mímicas), vestimenta, acessórios¹⁷. De acordo com Duflos-Priot, podemos considerar a aparência como um sistema particular de relações interpessoais. Todo encontro entre indivíduos dá lugar a uma emissão-recepção mútua de impressões e informações por meio da aparência. Este tipo de relação é regido por dois sistemas de convenções de natureza diferente. Por um lado, a informação mútua entre duas pessoas se apóia em um sistema de convenções de ordem semiológica. *Este sistema é da mesma natureza do que se convencionou designar como comunicação não verbal, a linguagem do corpo, ou a linguagem da moda, etc.* Por outro, a aparência é objeto, como todas as relações sociais, de um conjunto de regras e usos que diz respeito à moral e as conveniências sociais. Esses dois conjuntos de convenções apresentam-se em todos os componentes da aparência¹⁸.

Com respeito ao tipo de mídia que focalizamos, podemos sublinhar algumas especificidades com respeito ao seu caráter de atualidade e suas proximidades com certas demandas do mundo contemporâneo. As revistas atendem a diferentes tendências do comportamento do indivíduo moderno que se configuram cada vez mais em âmbito transnacional. Considerando-se que as condutas tendem atualmente a se diferenciar *em função de segmento de*

¹⁷ Duflos-Priot, M. *Apparence et représentations sociales* Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXX, 1981, p. 64.

¹⁸ Duflos-Priot, M. *Le maquillage, séduction protocolaire et artifice normalisé* Communications, n.46, 1987

*consumo e não mais segundo suas territorialidade*¹⁹, podemos ver como as orientações temáticas dos periódicos em geral expressam as convergências de comportamento que ultrapassam os limites regionais. Apesar do tratamento dado aos temas refletirem as particularidades locais, a escolhas dos mesmos remetem a hábitos e valores culturais que se desenham em escala global – isso se reflete no desenvolvimento internacional de fórmulas editoriais similares. Outro ponto a salientar é que as orientações temáticas das revistas remetem-se também formas de identificação, atrelando-se a um determinado universo valorizado grupos sociais específicos. O leitor desses periódicos reivindica muito mais que em outras mídias os títulos que lê regularmente²⁰. Esta identificação vai de encontro com formas de segmentação social que se estabelecem em nível mundial. Além disso, essas publicações refletem muito bem as demandas da vida moderna, através de seu poder de sedução, de seu apelo estético, e do prazer visual que proporcionam.. O toque no papel, as ilustrações, as variedades dos efeitos visuais. Combinando texto à imagem ela ilustra aspectos da vida moderna e seu desdobramento, atendendo a um outro requisito do indivíduo moderno, a curiosidade.

Apesar destas revistas dirigirem-se a segmentos sociais específicos, elas indicam valores relativos a modelos estéticos e práticas corporais predominantes socialmente, e em escala cada vez mais global. Tais disposições estéticas emergentes relacionam-se com alterações mais amplas no âmbito da corporeidade moderna, revelando-se como expressões do processo de refinamento do corpo e de toda essa cultura de investimentos físicos que mobiliza cada vez mais diversos campos da sociedade, ultrapassando fronteiras por sua inscrição no sistema de consumo. A cultura do corpo aponta para

¹⁹ Ortiz, R. *Mundialização e Cultura*, Brasiliense, 1994, p. 173.

práticas e valores que tendem a se impor de forma universal, embora variando seu grau de inserção em função das diferenças de sexo, idade, classe social. Podemos estabelecer, para além das especificidades de grupos, traços que se generalizam cada vez mais com respeito às imposições dos valores corporais modernos. O refinamento do corpo bem como a estetização da vida social tende a impor exigências estéticas gerais para todos. Há um modelo corporal que a cultura apresenta para as pessoas como ideal, a partir do qual estas devem se avaliar e se apreciar esteticamente. Há um corpo familiar que preenche o cotidiano moderno. É o corpo belo, jovem, saudável, dinâmico, esportivo, jovem. Exibe-se mais o ideal de *juventude* do que de *idade jovem*. A ênfase na juventude diz respeito a a divulgação de valores e estilos de vida consagrados e não propriamente a uma faixa etária específica²¹. A imagem do corpo jovem preenche o dia a dia moderno, apresentando-se para os indivíduos de todas as idades como referencial para avaliação de seu próprio corpo. A própria demarcação estética entre os sexos é bem menos acentuada do que era tradicionalmente, os corpos parecem obedecer a padrões muito similares : jovens e saudáveis, altos e magros, esportivos e fortes. As diversas imagens e textos sobre corpo, em essência, concordam perfeitamente. São exigências comuns que tendem, inclusive, a fabricar características semelhantes entre os sexos. Ao mesmo tempo que o corpo do homem se sexualiza, o corpo da mulher torna-se musculoso. Os signos tradicionais do masculino e do feminino tendem a se modificar e a alimentar o tema andrógino que se afirma cada vez mais. Assim, pretendemos nos ater menos às peculiaridades das exigências

²⁰ Roquemaurel, G. *Les Magazines: un média moderne*, in: *Communication et langages*, 114, p. 21-27

²¹ Debert, G. G. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 12 n. 34.

estéticas existentes em função das diferenças de sexo e de grupos sociais do que aos processos que engendram requisitos estéticos que se generalizam crescentemente entre os indivíduos. Os efeitos relativos a valores e sensibilidades estéticas produzidos pela cultura de cuidados físicos não se dirigem apenas aos jovens e as classes sociais mais favorecidas. A publicidade e a cultura de consumo sugere que cada um de nós tem de alguma forma oportunidades de aperfeiçoar e expressar seu corpo seja qual for a idade ou a origem de classe.

Seria vão, é claro, moralizar sobre atenções e vaidades que se dirigem aos atributos estéticos, uma vez que, como afirma Flahault não se encontra no poder de ninguém ser indiferente ao fato de se ver como jovem ou velho, belo ou feio²². No entanto, consideramos importante refletir sobre o modo pelo qual a cultura moderna joga com a fragilidade humana diante da própria imagem corporal²³. A auto-imagem e a auto-estima são modeladores poderosos do ego, e alvos estratégicos da visão publicitária²⁴ que os articula eficazmente ao investimento na aparência. O discurso social sobre o corpo caracteriza uma forma pela qual a modernidade parece reintroduzir uma dimensão do prazer, da espontaneidade, da afetividade, sem que ela seja pensada como contraditória ao processo de controle dos indivíduos.

Cabe, no entanto, discutirmos de que modo pretendemos construir a imagem da feiúra a partir de um referencial que, embora constituído por informações sobre padrões estéticos e apresentando referências explícitas a diversos traços de feiúra da aparência

²² Flahault, *F op. cit.* p. 21.

²³ Barthes, R. *Encore le corps*, Critique, 423, 1982, p. 645-654

²⁴ Sodré, Muniz *Claros e Escuros - Identidade, povo e mídia no Brasil*, R J Vozes, 1999

humana, raramente exhibe fotografias de corpos feios, sendo ainda que as revistas femininas são preenchidas por retratos de beleza física.

A mídia e publicidade atuais não apresentam, em geral, imagens de feiúra. Sant'Anna²⁵, mostra que na publicidade em jornais e revistas anterior aos anos 50, tanto a imagem como o emprego da palavra feiúra era frequente. Nos anúncios a feiúra servia como contra-exemplo, como aquilo que se é antes do produto anunciado. A mulher considerada feia era uma figura extremamente importante para as didáticas informações do passado. Apresentando-se os problemas estéticos em termos de doença, a feiúra era descrita longamente. (...) *"inflamações no coro cabeludo"*, *"peito caído"*, *"estômagos sujos"*, *"gazes fétidos"*, *"manchas"*, *"azedumes"*, *"catarros no útero"*, *"constipações"*, *"comichões"*, *"vermelhidões"*, *"anemia do rosto"*..., a lista é longa e a linguagem é crua. Num tempo em que o uso da fotografia em publicidade ainda é raro, diversos desenhos ilustram as expressões de dor e desânimo das mulheres ao mesmo tempo doentes e desprovidas de beleza. As aparências sofredoras, a linguagem publicitária crua e ameaçadora, tendem a se tornar excessivas e até mesmo indecentes. A feiúra, a doença o mal estar físico e todos os sofrimentos que eles evocam não eram omitidos nos anúncios publicitários. A partir dos anos 50, segundo a autora, os produtos de beleza passam a se valer de nova força de sedução sobre a população feminina. Segundo a publicidade, eles podem influenciar diretamente o psiquismo de cada mulher, tornando-a não somente mais bela, como também mais feliz e mais satisfeita com ela mesma. Consequentemente as aparências feias e discurso duro da publicidade passam a ceder lugar para as

²⁵ Sant'Anna, Denise. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo

imagens da beleza feminina, que a partir de então, impõem-se absolutas. Hoje, com a linguagem eufemizada da publicidade nessas revistas, as imagens da feiúra foram excluídas. Mas não se trata, no entanto, de ausência de alusão à feiúra - que é, inclusive, aspecto fundamental para a própria apreciação estética do corpo, para os gestos de embelezamento, para informações e conselhos sobre corpo e moda. Atualmente prefere-se falar de “problemas de beleza”, de produtos para tornar a aparência “mais bonita”. A imagem da beleza é sempre presente nos discursos sobre o corpo. Apesar das referências a problemas estéticos, não se destaca tanto a figura da aparência feia. Sublinha-se mais o corpo depois de seu tratamento por um determinado produto ou serviço, são os ganhos estéticos que aí se exhibe que incentiva a busca pela eliminação dos problemas físicos através do produto anunciado. Ou então parte-se, primeiramente de uma afirmação da beleza: *No fundo você sabe que é bonita. Nós apenas ajudamos a manter isso na superfície*²⁶. Um artigo sobre mau-hálito intitula-se *Hálito de hortelã*.²⁷ Tudo o que se remete ao corpo, tende a destacar seus aspectos positivos e prestigiados. Essas mudanças no discurso das revistas, antes de significarem ausência de alusão a feiúra, mostram modificações na forma de lidar e representar este qualificativo estético, advindas das próprias transformações no discurso e nas exigências atuais com respeito ao corpo. Constituem-se, portanto, como um dos aspectos que faz chamar atenção para a questão da feiúra em nossa cultura. O mundo social que se exhibe a partir de um ideal de corpo, a dinâmica que se engendra com base neste modelo, procura mostrar sua incompatibilidade com a imagem da feiúra. É justamente o fato de

no Brasil. In: *Políticas do corpo*, Sant'Anna, D. B. (org). Estação Liberdade, São Paulo, 1995

²⁶ *Corpo a corpo*, abril 1997, p. 3.

²⁷ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1998, p. 82.

vivermos um cotidiano preenchido principalmente por imagens de beleza física, que se apresenta como qualificativo comum ao corpo, banalizando o hiperbelo, que destaca as peculiaridades da feiúra na cultura de consumo. As imagens que preenchem os locais públicos afirmam a negatividade do que é tido como feio, destacam seu distanciamento das representações de corpo que decoram o cenário urbano. Hoje, quando os investimentos estéticos jogam com a autonomia individual, apresentando-se como instância facultativa, é a imagem da feiúra, é sua negatividade que se produz em contraste com a da perfeição estética, que constrói formas sociais implícitas de coerção, exibindo-se as prejuízos sociais em não se cumprir com os modelos corporais consagrados. A omissão da feiúra é um dos aspectos que indica o seu valor e significado na cultura moderna; é a construção de todo um universo no qual esta categoria é incompatível, que mostra a força coercitiva em se deixar o indivíduo *livre* para escolher um modo de se relacionar com o corpo. A omissão da feiúra e das características da aparência a ela relacionadas expressam formas específicas de exclusão social. É assim, por exemplo, que vemos na exaustiva difusão e exaltação do corpo jovem reiterar-se o repúdio ao envelhecimento físico e o desprestígio da velhice e dos idosos. Como destaca Durif²⁸, a propósito do papel da representação do gordo nas sociedades contemporâneas, o equilíbrio social repousa sobre o sacrifício de uns para o benefício de outros e sobre a atração das oposições, como a da beleza que requer a feiúra. O retrato da aparência feia que se omite e ao mesmo tempo se revela através do repertório de imagens

²⁸Durif, C. *Perceptions et représentations du poids et des formes corporelles: une approche psychoethnologique*. Informations sur les sciences sociales, vol 29, 1990

que preenche o dia a dia moderno constitui, assim, um aspecto de nossa argumentação.

Nahoum chama atenção para o fato de que as representações da beleza convencional evidenciarem a feiúra canônica. As imagens de beleza perfeição estética que preenchem os lugares públicos, fornecem um conjunto de referências que configuram os traços da feiúra socialmente convencional. Esse repertório de corpos belos apresenta-se como um espelho no qual se deixa refletir imediatamente a feiúra aqui e agora, a feiúra provisória, traçada pelo momento, e não a feiúra em si mesma. É nesse sentido que a autora afirma a possibilidade de se construir, a partir do retrato da beleza normal, a figura da feiúra convencional, através da inversão simétrica dos signos. *É claro, existem canons da feiúra que seja outra coisa que os da beleza invertida?*²⁹ Os traços da feiúra podem ser dessa forma delineados, à medida que não se vise a definição teórica das categorias estéticas, mas a descrição dos sistemas de imagens que as envolvem, uma vez que o que se coloca em questão não é a aparência humana em si mesma, mas as impressões estéticas evocadas pela figura humana quando ela nos aparece e se oferece inteiramente ao reconhecimento imaginário que nosso olhar fabrica. A questão que se apresenta nesse caso é a da realidade social fabricada pela percepção coletiva da feiúra. É nessa perspectiva que estamos interrogando a feiúra, sem nos ater à descrição desta categoria, nem a sua definição absoluta, que se remete a uma outra problemática, mas focalizando sua representação social usual e o sistema de imagens que a envolve.

²⁹ Nahoum, V. *Les canons de la laideur*, in: *Beauté, laideur*, Communications, n. 60, 1995.

A impressões estéticas a respeito do corpo humano intersectam vários campos de estudo, produzem diferentes abordagens e problematizações. As ligações antropológicas entre beleza e desejo, o papel do cristianismo e da religião na apreciação da aparência humana, as hipóteses da neuropsiquiatria sobre elementos universais nas categorias de apreciação estética³⁰, enfim, as discussões são diversas. A feiúra é objeto multifacetado. Remete-se no imaginário social a uma série de aspectos considerados negativos. O corpo é lugar da biologia, das impressões psicológicas, dos receios culturais. A religião, a moral, o cristianismo, a psicanálise, diversos são os campos e perspectivas de reflexão. Nossa abordagem, portanto, procura se limitar a destacar apenas alguns elementos sócio-culturais desta categoria estética que condensa uma gama bem mais rica de significados e interpretações, de questões e fontes numerosas e variadas.

³⁰ Flahault, F. *op. cit*

O corpo moderno :

A aparência significante

A concepção e codificação do corpo revelam aspectos mais recentes e complexos da cultura moderna. Existe hoje em dia um outro olhar, uma outra atenção sobre o corpo relacionados a modificações nos códigos sociais. Ver-se feio, ver o outro feio e as atitudes com respeito à feiúra revelam valores sociais e morais advindos das mudanças no modo de lidar com o corpo produzidas pelas transformações nos vínculos sociais. É essencialmente o imaginário do corpo que está modificado em profundidade e que traz importantes implicações em nossas atitudes perceptivas e comportamentais com respeito à feiúra.

Por isso, devemos localizar primeiramente as problematizações que tornaram hoje possíveis uma série de práticas e de representações corporais, para que desse modo tornemos questionáveis os comportamentos que se apresentam atualmente para nós como familiares, procurando-se apreender aí algumas condições de possibilidades que fazem emergir em nossa cultura as relações e oposições entre os corpos, suas designações e especificidades, que fornecem os referenciais que formam o veredito da feiúra.

O modo de vivenciar o corpo na modernidade apresenta diferenças radicais com respeito às sociedades de tipo tradicional que são fundamentais para pensarmos as especificidades da percepção estética do corpo nos dias de hoje. As representações do

corpo e os saberes que as constituem são tributários de um quadro social, de uma visão do mundo e, no interior desta, de uma definição de pessoa. Le Breton³¹ mostra as correspondências entre as concepções modernas de pessoa e as que designam ao corpo um sentido e um estatuto. Podemos entender, de acordo com o autor, que o corpo moderno é resultado do advento do individualismo, da emergência de um pensamento racional e laico sobre a natureza e do afastamento das tradições populares.

Com a ruptura da antiga solidariedade que integra pessoa a uma coletividade e ao cosmos através de uma rede de correspondência onde tudo se pertence, o corpo vai se fazendo representar em função dessas modificações nas formas de vínculo social, que produzem o descolamento do indivíduo do todo comunitário. *Com o sentimento novo de ser um indivíduo, de ser si mesmo antes de ser membro de uma comunidade, o corpo torna-se a fronteira precisa que marca a diferença de um homem a outro*³². O corpo apresenta-se em nossa cultura como a marca do indivíduo, o lugar que delimita face aos outros a soberania da pessoa. Constitui-se uma forma de individuação específica, um modo fundamental através do qual o indivíduo passa a se distinguir de seus semelhantes. Ao mesmo tempo, o corpo marca não apenas a diferenciação com respeito ao indivíduo e aos outros, pois a concepção de pessoa a qual se remete esta separação, permite o ator social considerar seu âmbito corporal sob o modelo da posse, assinalando, portanto, uma distinção também em relação a seu próprio corpo, concebendo-o enquanto sua propriedade e não mais como sua essência. Apenas as estruturas societárias de tipo individualista produzem esse dualismo que concebe o corpo

³¹ Le Breton, D. *Anthropologie du corps et modernité*, Puf, Paris, 1990, p.46

enquanto elemento isolável da pessoa, ao qual ela apresenta seu rosto como identificação de si e diferenciação dos outros. Trata-se de um dos dados mais significativos da modernidade.

A individualização do homem vai de encontro com a dessacralização do universo. O abandono da visão teológica da natureza o conduz a considerar o mundo que o cerca como uma forma pura, indiferente. Essa interpretação do mundo situa o corpo como categoria a se pensar, ordenado pela razão, remetendo-se apenas a si mesmo. Dissociado do indivíduo, da coletividade e da natureza, o corpo é representado e estudado como uma realidade autônoma, tornando-se uma esfera independente, voltada para si mesma, de acordo com o modelo anatômico ou com o modelo mecanicista. A constituição de um saber anatômico é índice fundamental desta troca de mentalidade que dá autonomia ao indivíduo e projeta um olhar particular sobre o corpo humano. Com as primeiras dissecações oficiais no início do século XV e a banalização dessas práticas nos séculos XVI e XVII se produz um dos elementos chaves para as condições de desenvolvimento do individualismo ocidental³². Na ordem do conhecimento, a distinção feita entre corpo e presença humana, traduz simultaneamente uma mutação ontológica decisiva. Esta invenção do corpo no epistema ocidental resulta em procedimentos de investigação da esfera corporal pela ciência de forma específica, indiferente a qualquer outra referência. Le Breton sublinha como o vocabulário da anatomia ilustra bem essa tendência uma vez que este, destituído de toda simbologia, não encontra nenhuma raiz fora de sua esfera. A medicina, considerada uma das instituições símbolo da modernidade, constitui-se suporte fundamental do estatuto dado ao corpo na

³² *Ibid* p. 46 .

definição social de pessoa em nossa cultura. Em busca de uma melhor objetivação, a medicina separa o doente de sua doença para fundar esta última em conhecimento. Os métodos médicos modernos focalizam a saúde dos indivíduos sem levar em conta as histórias pessoais, as relações do corpo, com o inconsciente. Considerando apenas os processos orgânicos que se desenvolvem em cada pessoa, a medicina isola o indivíduo para tratar apenas de seu corpo, *esquecendo que o homem é um ser de relação e de símbolo e que a doença não é apenas um corpo a reparar*³⁴.

As mudanças na atribuição de sentido ao corpo acarretam implicações não somente com respeito a novas categorias conceituais, mas produzem também uma nova organização da imagem corporal que assinala o afastamento das tradições populares. Nas sociedades de tipo tradicional, o corpo é um lugar e um tempo indiscernível da pessoa. A existência de cada um se funde na sua inerência ao grupo, ao cosmos, à natureza. O corpo não existe como categoria mental que permite pensar culturalmente a diferença de um ator a outro. O indivíduo toma consciência de seu enraizamento no mundo através de uma estreita rede de correspondência. Cada um não é mais que uma singularidade na unidade diferencial do grupo. O corpo é motivo de uma ligação entre os indivíduos e entre estes e o mundo, e não o vetor de uma separação. Sua lógica é a da analogia entre o microcosmo humano e o macrocosmo natural ou universal. Bakhtin destaca as diferenças entre o corpo grotesco representado nas tradições populares e o corpo moderno: *Em oposição aos cânones modernos, o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado nem perfeito, mas ultrapassa a si mesmo, franqueia seus próprios limites. Coloca-se*

³³ Ibid, p. 47

*ênfase nas partes do corpo que se abrem ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga, nariz. É em atos tais como o coito, a gravidez, o parto, a agonia, o comer o beber, e a satisfação de necessidades naturais que o corpo revela sua essência como princípio em crescimento que ultrapassa seus próprios limites*³⁵. O corpo individual, por sua vez, é circunscrito à intimidade com o advento do individualismo, é um corpo rigorosamente acabado, perfeito e isolado dos demais corpos. Bakhtin mostra que a vida sexual, o comer, o beber, as necessidades naturais adquiriram um outro significado que passa a se inscrever no âmbito da vida privada corrente, da psicologia individual, onde tomaram um sentido estreito e específico, sem relação alguma com a esfera da sociedade ou com o todo cósmico. Nessa nova acepção, eles não podem mais servir para exprimir uma concepção do mundo com faziam antes. Assim também *certas partes do corpo como órgãos genitais, traseiro, ventre, nariz e boca deixam de representar um papel importante. Além disso uma significação de caráter exclusivamente expressivo vem substituir-se a seu sentido primitivo; isto é, só traduzem agora a vida individual de um determinado corpo, único e isolado*³⁶. O papel predominante pertence às partes individuais do corpo que assumem funções caracterológicas e expressivas: cabeça, rosto, olhos, lábios, sistema muscular. É um corpo liso, fechado e sem asperezas. Os aspectos físicos involuntários tendem a ser depreciados. *Colocam-se em primeiro plano as posições e*

³⁴ Ibid, p. 88

³⁵ Bakhtin, M. *A Cultura Popular na Idade Média*, p. 23

³⁶ Ibid, p. 280

movimentos voluntários do corpo completamente pronto, num mundo exterior todo acabado e cuja função as fronteiras entre o corpo e o mundo não estão de modo algum enfraquecidas ³⁷. O corpo deve ser dado à medida em que se sobressai a relação de domínio do indivíduo com respeito ao corpo e não o inverso. No novo cânon o corpo é perfeitamente pronto, acabado, rigorosamente delimitado, fechado, mostrado do exterior, individual e expressivo. O corpo grotesco lhe parece, portanto, monstruoso, horrível, disforme. Seus órgãos e funções privilegiadas são pouco a pouco depreciados, objetos de pudor, privatizados.

Nahoum sublinha duas condições como fundamentais para o reconhecimento social da imagem do corpo. A primeira diz respeito a história das técnicas, trata-se da difusão de espelhos na habitações. O uso de espelhos restringiu-se a uma elite até o começo do século XVIII e passou a ser utilizado de forma massiva no século XX. O “estágio do espelho”, como denomina autora revela-se como uma etapa significativa da história, apresentando-se como fundamental na construção da representação moderna de corpo. *Como viver num corpo que não se vê? Como mirar sua celulite na água do poço? Seu queixo duplo, no fundo da panela? Como construir uma imagem corporal tendo por espelho os olhos do outro?* ³⁸

A segunda condição provém da história psicossocial das mentalidades - a predominância moderna da visão. O uso dos órgãos sensoriais varia de cultura a cultura. A educação dos sentidos foi aspecto essencial na construção moderna das formas de atenção e percepção com respeito ao corpo. A visão assume um papel

³⁷Ibid, p. 281 -

fundamental na representação corporal, à medida em que a sociedade moderna elege este órgão como meio privilegiado de percepção. O sentimento do pudor foi uma das impressões na esfera subjetiva que favoreceu essa reorientação dos sentidos. O pudor enquanto demanda psicológica do sujeito reflete a interiorização das distâncias sociais desenvolvidas com o modo de vida moderno. *Trata-se de um conjunto de sentimentos e um feixe de constrangimentos subjetivos relativos à esfera psicológica e moral, que reivindica desenvolvimento de práticas de civilidade: decência, modéstia, discrição, prudência, honestidade, amabilidade ou nobreza de espírito.* Esse processo engendra uma intensificação na vida social ou pessoal de uma observação do corpo. O desenvolvimento do sentimento de pudor contribui com uma educação do olhar sobre o corpo. Se por um lado significa ocultamento e restrições, por outro, é uma forma de exibição. *Mostra-se o trabalho de ocultamento do corpo. Trata-se, assim, de uma arte paradoxal (...): a exigência de fazer silenciar o corpo, embora oferecendo signos e sinais (...)* O pudor é uma linguagem do corpo e um trabalho sobre o corpo.

Os progressos da ciência e tecnologia propicia uma construção de uma vida social em que a visão adquire predominância. Uma nova dimensão da realidade se faz sempre através da universalidade do espetáculo e o homem se faz essencialmente olhar, em detrimento dos outros sentidos. Simmel destacou o quanto o quadro social influi sobre as orientações sensoriais. As estruturas urbanas favorecem um constante jogo do olhar. A vida cotidiana é a todo momento solicitada pelo espetáculo visual muito diferenciado das cidades. As imagens tornam-se o mundo: mídia, tecnologia de

³⁸ Nahoum, V. *La belle femme ou le stade du miroir en histoire Communications*, n. 46, 1987, p. 23

ponta, fotografia, vídeo. Essa predominância do olhar favorece uma nova sensibilidade com o corpo. A capacidade tecnológica de difundir as imagens do corpo faz do mesmo o mesmo objeto de interesse e curiosidade. As imagens que perscrutam o corpo evoluem em função das evoluções tecnológicas. O olhar público que explora a anatomia humana realiza uma ampliação e uma fragmentação extremas da imagem do corpo, que faz sobressair seus mínimos detalhes adquirindo-se assim um conhecimento e controle nunca antes obtidos das constituições físicas, suas divergências e semelhanças³⁹. A evolução das imagens corporais contribuem em regulamentar as diferenças e traçar os contornos do próprio e do impróprio. *O corpo torna-se um álabe de sua própria imagem*⁴⁰.

Essa maior fiscalização do olhar sobre a aparência se traduz sempre não apenas como um controle das características estéticas da apresentação física, mas também dos significados sociais que estas se investem. A aparência é substancialmente modificada no papel social que passa a desempenhar. Ao mesmo tempo que caracteriza um movimento de individualização, sublinha também novas formas de sociabilidade. Fazendo-se expressão da particularidade, a aparência constitui traço sensível da emergência do indivíduo, revela-se lugar de um movimento do sujeito de interiorização e exteriorização. Courtine discorre sobre esse processo. *A individualização pela expressão é uma socialização do indivíduo que supõe mímicas, olhares, gestos, posturas voltadas para o exterior e*

³⁹ Courtine sublinha esse processo com respeito a anatomia masculina. *A atração que Charles Atlas exercia sobre o público dos anos 20 centrava-se na visão de conjunto de uma pujança corporal harmoniosa; o sucesso de Jonny Weissmuller, nas salas de cinema dos anos 40, decorria da elegância "natural" de sua musculatura(...). A fascinação que o corpo de Schwarzenegger provoca sobre o grande público da telinha é de outra natureza: congelado numa luz crua, quase cirúrgica, o body-builder faz sobressair os mínimos detalhes de sua massa corporal. Estrias das fibras musculares, ramificações da rede vascular, palpitações de um tórax estufado: a imagem ideal do corpo que o body-building de hoje configura é aquela dos corpos destinados aos estudos anatômicos.*

⁴⁰ Durif, C. op. cit.

que provém ao mesmo tempo do mais profundo do indivíduo e que obedece a códigos e constrangimentos regulados por convenções significando simultaneamente a inefabilidade do singular do sujeito. Tornado objeto de atenção o corpo faz-se significativo⁴¹. Entre ele e o olhar do outro se interpõe a presença de um sistema complexo de signos e mensagens visuais. Esse *efeito em profundidade*⁴² é uma das características que marcam o corpo moderno e o distingue de todas as outras culturas. Nossas formas corporais são consideradas como expressões de um interior e não como inscrições sobre uma superfície plana. *Construindo uma alma ou psique o "corpo civilizado" transforma energias sensações, experiências e cargas libidinais em necessidades e em desejos-mercadorias que podem lhe assegurar uma gratificação tangível*⁴³. O corpo torna-se um lugar de inscrições de significados que é preciso ler e interpretar. A lei social apresenta-se, então, literalmente encarnada. Assim, o corpo é lido pelos outros como exteriorização de um interior psíquico do sujeito. Dado esse duplo movimento interno e externo, o âmbito corporal faz-se lugar de inscrição de mensagens entre as fronteiras do individual e do social. Entre ele e o olhar do outro se interpõe a presença de um sistema complexo de signos e mensagens visuais. Através deste se constrói o comportamento, que apresenta no interior de um sistema social de significações e de funções identificáveis, relações sociais e interpessoais. Amplamente inserido no regime dos signos sociais - e cada vez mais à medida em que ele cresce em expressividade - o corpo apresentará um papel estratégico enquanto lugar de inscrição de significados sociais, e que se faz

⁴¹ Courtine, J. e Haroche, C. *História do Rosto : exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*, Teorema, Lisboa, 1988.

⁴² Grosz, E. *Le corps et les connaissances. Le féministe et la crise de la raison. Sociologie et sociétés*, vol. XXIV, n. 1, 1992

⁴³ *Ibid*

mais intenso e preciso à medida que o controle moderno sobre o indivíduo se torna mais sutil.

O corpo funcional

Os cuidados físicos veiculados nas revistas analisadas assinalam o papel da aparência como forma de expressão da individualidade. As roupas, o corpo, o comportamento devem destacar a auto-expressão, a personalidade, a consciência de si estilizada. Tais gestos realizam-se essencialmente através da aquisição de hábitos, produtos e serviços adequados. O corpo desses textos encontra-se, assim, amplamente engajado nas práticas de conforto e prazer da cultura de consumo. Os comportamentos corporais, as atitudes de vestuário, os hábitos alimentares, os jogos de aparência que aí se apresentam remetem-se às diversas instâncias deste sistema que apreendem e esquadrinham o âmbito corporal em múltiplos sentidos, prescrevendo uma normatividade em termos de estética, saúde, higiene, moda. Esses campos veiculam um conjunto de saberes e valores que se articulam ao mercado de serviços e produtos voltados para os investimentos físicos, organizando e estruturando os referenciais que sustentam as práticas corporais e seus estilos de vida correlatos. As revistas, portanto, funcionam mais como departamentos auxiliares do consumo do que como um sistema fortemente enraizado por um produto original que seria a informação, com vistas a opinião pública ⁴⁴.

Usar a expressão cultura de consumo, segundo Featherstone ⁴⁵, significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade

⁴⁴Sodré, M. A comunicação do Grotesco

contemporânea. O que assinala não apenas a produção e o relevo cada vez maiores de bens culturais enquanto mercadorias, mas também o modo pelo qual a maioria das atividades culturais e das práticas significativas passam a ser mediadas através do consumo. Este último *envolve progressivamente consumo de signos e imagens*⁴⁶. Assim, o autor assinala a dimensão cultural da economia, a simbolização e o uso de bens materiais enquanto produção de significados, de formas de comunicação e não apenas como utilidades. Por outro lado, sublinha *na economia dos bens culturais, os princípios de mercado - oferta, demanda, acumulação de capital, competição e monopolização - que operam "dentro" das esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias*⁴⁷.

O sistema de consumo pressupõe um modo de representação e de relação com o corpo que lhes sejam compatíveis⁴⁸. Podemos compreender que houve uma transformação com respeito as imagens, as sensibilidades, e aos usos do corpo no processo histórico que conduziu os indivíduos até a era do consumo de massa e do hedonismo que ela supõe. Os investimentos estéticos, associados a cuidados de saúde são reelaborados na sociedade contemporânea à medida em que se vinculam a uma concepção de proteção física estimulando os indivíduos ao aperfeiçoamento das performances corporais através de estilo de vida e hábitos de consumo adequados. Os valores que vão sendo adquiridos nas práticas modernas dizem respeito também a uma reconfiguração dos sinais físicos desprestigiados. Ou seja, o incentivo à busca contínua pela aquisição do padrão físico ideal implica rejeição ao próprio corpo, ou pelo menos o demérito de alguns de seus aspectos em relação ao

⁴⁵ Featherstone, M. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*, Studio Nobel, S. P. 1995

⁴⁶ Featherstone, M. *Desmanche da Cultura*, Studio Nobel.

⁴⁷ Featherstone, M. *Cutura de Consumo e Pós-Modernismo*, op. cit, p. 121

modelo. Ambos os gestos e as representações a estes associadas são, portanto, reconstituídas, reconfiguradas a partir do consumo uma vez que é essencialmente neste sistema que se inscrevem os padrões e atitudes estéticas a serem seguidos. Produção da aparência e personalidade, insatisfação com o corpo, eliminação dos problemas estéticos, legitimação do sistema de consumo se integram e se confundem na ética moderna do corpo.

A apresentação pessoal revela-se como objeto de cuidados constantes sobre a qual investe um mercado considerável e novas apostas simbólicas. As revistas naturalizam o mercado como o lugar em que se efetuam as escolhas das práticas corporais mais adequadas para a modelagem da aparência, faz da referência a soberania do consumidor uma figura familiar, representando a liberdade de construção estética do corpo. Seu discurso promove a idéia de que a identidade e a boa aparência se exprimem através de boas opções de consumo; o que faz com que boa parte de suas informações dirijam-se para orientações nesse sentido, visando um maior esclarecimento do leitor/consumidor. *Faça a compra certa: como marcar pontos a favor de seu visual e do seu bolso na hora de investir em produtos de beleza*⁴⁹. O imperativo da disciplina física, bastante enfatizado nesses textos, diz respeito a um maior poder de inserção e de atualização do indivíduo neste mercado, à medida que implica formas de escolha com respeito a atitudes e hábitos de consumo - alimentação, academias de ginásticas, aparelhos de modelagem, cosméticos, remédios etc. Uma vez que os atributos físicos são tidos como passíveis de ser confeccionados, a ética da disciplina conjuga-se amplamente com a cultura de consumo. Eliminar os aspectos feios da aparência apresenta-se sobretudo

⁴⁹Ver a esse respeito, Contrine, Jean-Jacques *Os Stakhanovistas do Narcisismo*

enquanto uma questão de controle dos processos físicos através da aquisição de serviços e mercadorias disponíveis no mercado. *A queda de cabelos agora está com fios contados. Já se encontra disponível no mercado, através de prescrição médica, o 1. tratamento oral cientificamente comprovado, capaz de reverter o processo de calvície*⁵⁰. As revistas enfatizam o poder dos produtos de consumo em livrar o indivíduo desse mal estar. Neste universo onde a realização pessoal é dada pelas possibilidades de acesso aos bens de consumo, quase não se apresenta traços de feiúra fora do poder deste sistema de correção e embelezamento físico. As soluções para os traços físicos indesejáveis disponíveis no mercado são frequentemente temas de chamada em destaque nas revistas: *Grude adesivos na pele. Eles tratam rugas, celulite e até excesso de peso*⁵¹.

Os apelos à modelagem da aparência ganham força à medida em que se sustentam em diversos tipos de conhecimentos científicos. Focaliza-se, assim, uma representação de corpo que sublinha bem sua apreensão pela ciência e tecnologia, mobilizando diversos campos do saber como ergonomia, fisiologia, biologia, medicina, etc. Através de inúmeras informações a respeito do funcionamento orgânico e dos dispositivos modernos para a confecção e modelagem física, ressalta-se a liberdade do indivíduo em agir sobre sua mecânica corporal e dispor a seu modo de sua aparência. O corpo é destacado em função do trabalho sobre si mesmo, do cálculo personalizado. Seus conselhos sempre positivos evocam ao leitor a idéia de ter *a beleza em suas mãos*⁵². Além das técnicas para melhoria das performances corporais, uma gama de informações

⁴⁹ *Corpo a corpo*, julho, 1998, p.65.

⁵⁰ *Vip*, abril, 1999, p. 98

⁵¹ *Corpo a corpo*, fevereiro, capa.

sobre fisiologia, psicologia, medicina, nutrição é fornecida visando a orientação do leitor para um gerenciamento mais racional de seu corpo, em seus mais diversos aspectos, de modo a lhe extrair rendimento máximo.

Há ocasiões em que devorar uma barra de chocolate é uma necessidade tão premente quanto piscar. Invade-nos uma espécie de desespero que só é aliviado quando sentimos o chocolate derretendo entre o palato e a língua. Seu organismo sabe, mas sua consciência não: o chocolate é o combustível que faltava naquele momento. Assim como chocolate, você já deve ter sido acometido por uma vontade inexplicável de comer bananas depois de suar muito. É que nesta circunstância perde-se potássio e a banana é rica neste nutriente. Em outros casos, no entanto, seu organismo não consegue dar o alarme do que precisa para suprir suas necessidades e sua consciência é que deve tratar do assunto. Para essas ocasiões nós criamos um breve guia, inspirados em um artigo da revista americana Men's Health. Nele indicamos o que você deve comer em determinadas situações e por quê (...)⁵³.

Esse modo de produção estética caracteriza bem a forma dualista de representação corporal. O imaginário contemporâneo submete o corpo à vontade do indivíduo e faz do primeiro objeto privilegiado das variações do segundo. Destaca-se a relação de exterioridade do sujeito sobre seu corpo. Este não é mais visto como um destino ao qual o indivíduo se abandona, ele adquire caráter de propriedade. O conhecimento racional subtrai a dimensão simbólica do corpo, tornando-o um conjunto de engrenagens, promovendo um agenciamento técnico de suas funções permutáveis. Afastado

⁵² Corpo a corpo, fevereiro, 1997, p.64

abstratamente do sujeito, o corpo esvazia-se de seu caráter axiológico. O sujeito coloca-se em condições de olhar seu próprio corpo, impulsionado fabricá-lo como se ele fosse um outro, convertendo-o em objeto a esculpir, e a personalizar. Assim, os saberes tecno-científicos constituem-se como um importante ponto de apoio para as práticas corporais. Apresenta-se uma gama de dispositivos que ressaltam a confecção do próprio corpo: cosméticos, próteses, cirurgias etc. Apreendido minuciosamente em todos seus aspectos, nenhum de seus órgãos e das suas funções encontram-se ausentes dos cuidados dos especialistas. Todas as partes físicas são passíveis de ser mecanicamente modificáveis, podendo ser confeccionadas de acordo com os signos que se pretende exhibir. A riqueza de evocações nestes textos, acompanhada por discursos sobre a fruição, opõe-se aparentemente a esta imagem mecanicista, mas no entanto não se deixa de avaliar, calcular, determinar, uma ordem comparável a de um verdadeiro sistema⁵⁴.

*Compre um corpo novo*⁵⁵.

O título de um artigo das revistas traduz bem o modo como o consumo encarna dualismo contemporâneo. Concebido como virtualmente distinto do homem, o corpo se acrescenta de valor técnico e de mercado. Uma boa parte dos atributos físicos que se apresentam como critérios de excelência associam-se diretamente a produtos disponíveis no mercado. *3 acessórios que deixam seus seios em alta. Pesinhos: seios empenados e ombros fortes. Elástico: peitoral firme e braços durinhos. Master-line: peito e costas sem*

⁵³ *Vip*, janeiro, 1997, p. 102

⁵⁴ Le Breton, D. op. cit. O autor sublinha como os serviços hospitalares de reanimação constituem-se locais onde se realiza de modo concreto o dualismo contemporâneo - (...) homem de um lado, colocado entre parênteses e corpo de outro, suscitando atenção médica minuciosa.

⁵⁵ *Corpo a corpo*, março, 1998, p. 70.

*gordurinhas*⁵⁶. Os progressos tecnológicos, com o vazio axiológico que eles engengram fazem do corpo uma mercadoria como qualquer outra, dando-lhe o valor de um objeto com preço inestimável em relação à procura. Sua totalidade é colocada em peças e explorada conforme os interesses deste sistema. O que passa a estruturar sua existência social *não é a irreducibilidade do sentido mas a permuta dos elementos e funções que lhe asseguram a ordem. O corpo torna-se uma coleção de órgãos, uma espécie de veículo do qual se servem os indivíduos, cujas peças são intercambiáveis*⁵⁷. O dualismo que se alimenta da medicina moderna encontra no consumo um espaço fundamental de expressão. Os produtos e serviços para correção física promovem a mistura entre técnica e ciência na produção da boa aparência, aprofundando-se a inclusão de artefatos tecnocientíficos na modelagem da aparência. A celulite, por exemplo, pode ser tratada por *endermologia, eletrolipoforese, drenagem linfática, subcisão, mesoterapia, termoliporredutor com argila*⁵⁸. Diversas são as imagens que recorrem às idéias de “produção”, “fabricação” do corpo : *Para esculpir seu corpo e seu organismo ao mesmo tempo*⁵⁹.

Constituindo-se vitrines dos atuais campos de investimento no corpo esses textos apresentam, portanto, a ciência e tecnologia como focos de grande atração, como assuntos assíduos com caráter de descoberta, de fundamentos para o conhecimento do corpo e para as práticas estéticas⁶⁰. As descobertas científicas que são veiculadas

⁵⁶ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 64-65

⁵⁷ *Ibid*, p. 231

⁵⁸ *Boa Forma*, dezembro, 1998, p. 44-45

⁵⁹ *Boa Forma*, abril 1998, p. 17

⁶⁰ Apesar do destaque dado aos saberes oficiais, veicula-se também - embora atribuindo-se importância muito menor - múltiplos conhecimentos e práticas que investem atualmente no mercado de cuidados com o corpo, vários deles antagônicos ou estranhos entre si (florais de Bach, aromaterapia, arteterapia, reflexologia, etc).

nestes textos evocam a capacidade de domínio sobre o corpo. As mensagens são otimistas, apontam para as possibilidades de transformação de si mesmo e do próprio estilo de vida, através de uma transformação física. Enfatizam-se as facilidades, em se tratar os problemas estéticos por intermédio de cuidados médicos e tratamentos de última geração. Exalta-se a funcionalidade do corpo, a sua maleabilidade sob o poder da ciência: *Estrias. Um problema estético sem solução até agora. Pode alguém fazer algo por você ? A ciência pode*⁶¹. Veicula-se ideais de maximização das performances físicas. Trata-se de desafiar as leis naturais investindo em todos os empreendimentos possíveis no sentido do desenvolvimento das virtuosidades do corpo.

*Excesso de peso ou gordura localizada? Não importa a causa: se os pneuzinhos estão arredondando a sua cintura e comprometendo a sua forma, não perca tempo. De exercícios à lipoaspiração, há várias maneiras de acabar com esse problema*⁶².

Uma vez considerados passíveis de serem conquistados através de produtos e serviços técnicos e científicos os requisitos estéticos tornam-se também difundidos em maiores escalas - rosto jovem, pele bronzeada, músculos definidos, cintura fina etc. Há um modelo de corpo que as pessoas reconhecem como ideal, a partir do qual elas passam a se avaliar e a remodelar sua aparência. As revistas transmitem a possibilidade de se adequar a ele: *Você não precisa ser Paqueta para ficar loura como a Xuxa. Use Wellaton*⁶³. Esses textos pressupõem a idéia que os gostos partilhados com certos consumidores constituem uma base normal para a identificação com os outros. As indústrias de cosméticos, moda etc, aparecem nesse

⁶¹ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 110.

⁶² *Corpo a corpo*, maio, 1997, p104

⁶³ *Boa Forma*, abril, 1998, p. 2-3,

processo recriando os modelos de normalidade, e assim novos cuidados de estética e apresentação pessoal. As revistas preenchem de valores e referências esses novos padrões promovendo, assim, sentido entre o modelo estabelecido e o uso cotidiano. Como afirma Hérítier na reprodução universal dos detalhes da conduta humana, impõe-se também um modelo de corpo. *Corpo de reprodução enfim entra na era da reprodutibilidade técnica, pois torna-se o conjunto do campo aberto pelo poder e o desejo de reprodução de características comuns*⁶⁴.

A conquista da beleza e saúde é amplamente atrelada e confundida com a conquista dos saberes. As invenções técnicas, os estudos biológicos e medicinais estão intimamente associados aos novos hábitos, valores e modos de percepção estéticos veiculados. Infiltrado por saberes, significações, valores, o corpo constitui-se como objeto de instrumentos voltados para regulamentar, observar e inspecionar seus desvios, seus problemas. Os atributos e valorações da feiúra são apresentados através dos critérios e classificações que se estabelecem a partir dos diversos referenciais que aí surgem como critérios de apreciação física. A própria avaliação estética, é eficazmente materializada e calculada. O peso, o volume, as medidas, a massa corporal, traduzem-se quantitativamente em sinais de beleza ou feiúra.

Você é obesa ou gordinha? O Índice de Massa Corpórea para descobrir se você está normal. Para fazer as contas divida o seu peso (em Kg) pela sua altura (em metros ao quadrado). Se o IMC

⁶⁴ Hérítier, J. *op. cit.*, p.

*for: 20 a 25 você está normal; + de 25 você está bem gordinha; + de 30 você é obesa*⁶⁵.

Assim a regulamentação do corpo sob diversos aspectos favorece uma tendência muito recorrente no veredito estético que é a de ultrapassar as suas fronteiras. A feiúra é índice de outras esferas que atravessam o julgamento estético. Cabe aqui sublinhar o cruzamento do estético com o medicinal que se faz sempre presente nesse discurso. Como mostra Vigarello, estética e saúde não obedecem as mesmas exigências. Uma bela aparência não assegura um bom funcionamento orgânico, assim como a ausência de traços físicos feios não garante ausência de doença. A noção de saúde é percorrida por julgamentos de valor, sensibilidade, cultura, daí sua associação recorrente à estética. (...) *A definição de saúde é sempre complexa fabricando implicitamente senão clandestinamente lugar ao sentimento do gosto: higiene e estética não se coincidem mas obscuras convicções tende a misturá-las*⁶⁶. Uma vez que o corpo é evocado na sua positividade, destacar uma qualidade prestigiada sua tende a amalgamar outros atributos positivos. O ideal de perfeição física atrela e confunde vários referenciais conjugando-os na imagem do corpo belo e produzindo, em contrapartida, uma inflação de atributos negativos evocados na imagem da feiura.

Nos periódicos, os problemas de saúde cedem implicitamente lugar ao gosto. Ao um bem estar idealizado acaba-se amalgamando todas as virtudes positivas do corpo, sintetizando-as na imagem da beleza física. O mesmo ocorre com as qualidades estéticas desprestigiadas. A ênfase no horror à gordura, por exemplo, encontra fundamento na medicina. Esta, aliada aos valores da

⁶⁵ *Boa Forma*, junho, 1998, p. 45.

corporeidade moderna fundamenta questões relativas ao que deve ser considerado como magro ou gordo, ressaltando a necessidade da magreza, os prejuízos do peso acima do ideal, os perigos dos açúcares e das gorduras para a saúde. As informações médicas prescrevem a importância de determinados cuidados (uso de protetor solar, exercícios físicos, dietas etc), de modo que acabam acrescentando-se e reforçando a estratégia publicitária, inclusive confundindo-se com ela. A publicidade, por sua vez, é muitas vezes preenchida por explicações médicas. O discurso científico, mesmo tão diferente por seu caráter de racionalidade, apresenta-se aí identificado a artigos publicitários dirigido aos mesmos fins que estes.

Como mostra Featherstone, as representações sobre corpo e saúde são redefinidas nas sociedades contemporâneas. A cultura de consumo vincula-se a um ideal de preservação corporal que estimula os indivíduos a adotarem condutas de modo a combater o degeneração físico. A medicina, em seu papel primordial na administração desses cuidados, é encarregada de organizar a ordem da prevenção, destacando-se seus empreendimentos no progresso da conquista e manutenção da saúde e beleza do corpo. Constituindo-se como uma fonte fundamental de informação a respeito do que é bom ou mal para o corpo, os saberes médicos esclarecem sobre características de determinados problemas estéticos (o que é celulite, estria, gordura, etc) como também sobre a validade, o grau de eficiência e os riscos estéticos ou de saúde com respeito a diversos tratamentos corporais (como os aspectos favoráveis e desfavoráveis com relação a diversos tipos de cirurgia plástica, lipoaspiração, etc).

⁶⁶ Vigarello, G. *Le sain doit-il être beau? Communications*, n. 60, 1995, p. 87-93

Portanto, alusão a cientificidade nestes discursos legitima várias regras de disciplinamento do corpo, atribuindo-lhes um caráter incontestável. Diversos valores inerentes à estética corporal aí veiculados apresentam-se como imperativos de natureza pragmática, impondo-se como instância legitimante de procedimentos e de posturas, graças ao caráter de verdade que reveste essa linguagem científica. Constitui-se, assim, como ponto culminante da normalização disciplinar, esse discurso bastante medicalizado voltado à saúde, bem estar, ou a prescrição de observação, vigilância clínica, intervenção cirúrgica. A medicina preconiza uma atenção permanente sobre nosso organismo para preservar-lhe em qualquer idade. Apresenta-se nesse discurso, portanto, instrumentos que redefinem o corpo desregrado através de seus sinais externos, inscrevendo na aparência feia outros índices de contravenção, que não só a estética: *O perigo da cintura grossa - Antes de repetir a sobremesa pense em sua próstata. Um estudo recente com mais de 25 000 homens encontrou uma sinistra relação entre o aumento do tamanho da cintura masculina com o crescimento de suas próstatas. Homens com cintura por volta de 110 centímetros mostraram-se duas vezes mais propensos a apresentar próstatas aumentadas - e em situação de ser removida - que os homens com cintura normal (85 centímetros). O que isso significa? Significa que prevenindo a obesidade, se está prevenindo também o crescimento da próstata, de acordo com os estudos de Edward Giovannucci, professor de medicina de Harvard*⁶⁷. O desregramento reporta-se frequentemente a feiúra física, é um referencial fundamental na sua caracterização. A pessoa obesa, por exemplo, *está correndo risco de ter diabete, hipertensão arterial, infarte, derrame, colesterol alto,*

⁶⁷ *Vip*, outubro, 1997, p. 109.

*distúrbios cardiovasculares, varizes e ainda problemas ortopédicos*⁶⁸. Nos textos médicos explicativos da gordura, esta é apresentada em termos de anomalia fisiológica, déficit de termogênese, falhas na regulação interna/externa. *O indivíduo é habitualmente capaz de regular seu corpo. O gordo não é*⁶⁹.

Como afirma Heritier, os modelos estéticos veiculam não só a forma, mas também a fórmula do corpo ideal. Esta diz respeito à incorporação de hábitos e valores no sentido do disciplinamento e auto-controle. As práticas corporais, os costumes, são objetos de julgamentos em função de seus benefícios ou prejuízos estéticos. O corpo é totalmente esquadrinhado, há vários aspectos a se controlar, prescrevendo-se a observação minuciosa da conduta pessoal. O indivíduo deve analisar uma multiplicidade de coisas que podem atuar positiva ou negativamente sobre seu corpo, destacando-se as que trazem prejuízos estéticos, deve se defender contra os maus hábitos do corpo - preguiça alimentação inadequada, álcool, fumo. Evoca-se o regime de precauções cotidianas onde o detalhe é sublinhado várias vezes até a minúcia dos gestos aparentemente insignificantes: posição de dormir, modo de pentear os cabelos, mastigação, espirro.

*Quanto tempo você gasta para escovar os dentes?(...)De acordo com a americana Academy of General Dentistry (AGD), gasta-se em média menos que um minuto com a tarefa. E isso não é o suficiente para remover todas as bactérias agregadas à gengiva e aos dentes. O ideal é gastar com a escova o mesmo tempo que se gasta ouvindo uma música inteira - entre três e quatro minuto (...)*⁷⁰.

⁶⁸ Boa Forma, junho, 1997, p. 45.

⁶⁹ Durif, C. *op. cit.* p. 313

⁷⁰ Vip, setembro, 1997, p. 98.

Esse discurso concentra uma atividade intensa de enunciação daquilo que é bom ou mal para o corpo, que articula critérios científicos e códigos de elegância: a higienização, a etiqueta, a moda, a dietética, a saúde, a medicina etc. A moda também é implacável na regulação do corpo e na crítica estética: as roupas justas, camisetas, saias sancionam impiedosamente os gordos, os corpos flácidos e sem exercícios. As roupas devem mostrar um corpo mais perfeito, além de ocultar os defeitos estéticos: *Se você tem barriginha para esconder, use short alto, ok?*⁷¹

A boa aparência atrelada a um trabalho sobre o corpo, apresenta-se distanciada dos atributos físicos naturais, tornando-se, portanto, algo a se conquistar através de técnicas, práticas, produtos, que modelam o corpo a fim de promover sua beleza. Há sempre algo a construir. Só o trabalho de modelação e correção física garante a aproximação dos modelos estéticos consagrados. O mote da disciplina, constituindo-se referência fundamental nestes textos, articula mecanismos de persuasão que se desenvolvem sob diversos aspectos – morais, sociais, psicológicos. Assim, o julgamento estético é percorrido incessantemente por outras esferas. O postulado fundamental é que a beleza ou feiúra não constituem qualidades contingentes, fúteis, mas produzem consequências importantes nos diversos aspectos da vida das pessoas. A aparência física apresenta-se como elemento motor para um bom desenvolvimento da existência. Incentiva-se a não conformidade com os problemas estéticos. A partir de um universo de valores que conjura absolutamente os traços de feiúra e o sistema de imagens

⁷¹ *Boa Forma*, maio, 1997, p. 68

que aí se envolve, o indivíduo é instigado a se colocar entre projetos ambiciosos previstos para ele e suas árduas realizações.

O que pretendemos destacar aqui, portanto, são as diversas formas de coação dirigidas à aparência feia que se apresentam paralelamente às variedades de opções de correção estética. Todos esses discursos racionais imputam uma preocupação constante com a correção física. A imagem do corpo adquire antes de tudo um caráter persecutório. Tudo é feito de modo que o indivíduo se coloque em guerra contra todo tipo de desvio estético. Emprega-se um discurso de tonalidade moralizante que estimula a lutar contra as tendências nefastas do corpo. É preciso combater a gordura, o envelhecimento. É preciso não entregar o corpo a seu curso biológico. Daí o vocabulário comum a esses discursos: *remodelar, estimular, nutrir, proteger, reafirmar, eliminar, reforçar, revigorar, regenerar*. Essas expressões, evidenciam, também, como os tratamentos estéticos, atrelados ao discurso medicinal e científico, produzem vários gestos de embelezamento que se realizam a partir de um conjunto de imagens negativas no que diz respeito à estética e saúde uma vez que se associam à idéia de combate, proteção.

A insatisfação com o próprio corpo é uma constante. Ela se afirma e à medida em que o corpo torna-se ainda mais submetido a sua representação através diversas instâncias que o esquadrinham. A feiúra é construída sempre, portanto, de modo exterior ao indivíduo. As diversas áreas de investimento no corpo e na estética, intersectam-se na formação de referenciais que compõem a imagem da feiúra. Em todos os aspectos o corpo é regulamentado, e o que vai sendo considerado negativo nesta avaliação tende frequentemente a evocar, a confundir e a se acrescentar à imagem da estética desprestigiada. Portanto, as formas de conhecimento e

controle do corpo apresentam-se de modo paralelo a um conjunto de múltiplas coações de ordem estética a serem vividas. Diferentes pressões orientam para várias formas de percepção de si. Os aspectos físicos feio são configurados em pormenores. Existe a aparência dita de saúde, a aparência da boa forma (boa repartição da gordura no conjunto do corpo) o peso estético, e a aparência bela. Regulamentado em inúmeros aspectos, o corpo faz-se refém desses diversos cuidados.

2- Estética e expectativas sociais

Gostaríamos aqui de nos ater ao modo como a produção e apreciação estética se articulam a formas de sociabilidade, destacando-se o modo pelo qual a feiúra aí se inscreve. As diversas dimensões do corpo, como sexualidade, saúde, aparência são inscritas num processo de objetivação e ao mesmo tempo parte integrante dos processos de subjetivação. Assim, procuramos focalizar alguns aspectos relativos a essas tensões entre estruturas e sensações no que diz respeito às atitudes perceptivas e comportamentais referentes à feiúra, ou seja, analisar como essa representação diz respeito a presença dessas contradições na relação dos indivíduos com seu corpo. O discurso dos diversos dispositivos que apreendem e normalizam o âmbito corporal refletem bem esses conflitos. Uma vez que a produção da aparência e correção estética se faz essencialmente através do consumo, os incentivos à modelagem física conjugam-se com formas de coerção social sobre o corpo à medida que seu discurso é fundado sobre escolhas sempre determinadas. O que é formulado, estabelecido e prescrito como modelo a ser perseguido determina uma gama de conflitos entre indivíduo, seu corpo e o mundo.

Nahoum afirma que a feiúra deve ser moral para ser estigmatizada sem remorsos. O veredito estético implica frequentemente um julgamento sobre o outro. Há uma tendência recorrente na avaliação do outro, profundamente enraizada em nossos quadros mentais em se associar depreciação moral a depreciação estética. No imaginário social a feiúra costuma retratar, por exemplo, os rostos dos sujeitos que representam alguma

forma de infração de conduta, como é o caso do vilão. A maldade enfeia imaginariamente a figura do maldoso⁷². Esses intercâmbios permanentes entre uma apreciação estética e uma avaliação de conjunto desenvolvem-se num jogo associativo de estereótipos e preconceitos. As noções morais habitam o fundo do julgamento estético. Diversos estudos psicológicos permitiram acumular provas quanto a um estereótipo favorável em relação aos indivíduos considerados belos e desfavoráveis aos que foram depreciados esteticamente⁷³. No trabalho de Berscheid e Walster⁷⁴, os mais belos indivíduos dos dois sexos são vistos como *mais amáveis, mais sensíveis, mais flexíveis, mais confiantes neles mesmos (...)* São considerados também com maior domínio de seu destino, *mais conscientes de seus objetivos, menos influenciáveis que os indivíduos feios*. Outros aspectos como força, equilíbrio, modéstia, sociabilidade, profissão de prestígio, modo de vida bem sucedido, casamento feliz, são superestimados nos indivíduos considerados belos e subestimados nos apreciados como feios. Em pesquisas especializadas Maisonneuve reitera essa correlação sempre recorrente entre apreciações estéticas e atribuições de estereótipos morais⁷⁵.

As práticas corporais, possibilitando a atribuição quase plena dos qualificativos estéticos à forma de conduta pessoal, favorecem ainda mais o intercâmbio desses julgamentos. As inúmeras técnicas

⁷² Nahoum, V. *op. cit*

⁷³ Ver Maisonneuve, J. *op. cit*

⁷⁴ Citado por Maisonneuve, J.

⁷⁵ Alguns estudos, no entanto, como mostra o autor, limitam essa generalidade dos estereótipos favoráveis à beleza. Estudantes tidas como belas foram avaliadas por outras mulheres como mais egoístas e mais orgulhosas do que as consideradas feias. São também consideradas de espírito mais esnobe e "burguês" que suas camaradas de físico ingrato. (...) Trata-se, no entanto, de estereótipos bastante inabituais nestes gêneros de estudo. Maisonneuve os explica considerando uma certa atenuação dos estereótipos culturais tradicionais na população jovem e estudante em relação aos sujeitos mais representativos da população geral. Mesmo assim o autor sublinha em suas pesquisas, uma convergência de modo geral nos gostos ainda que se considere diferenças de classe, sexo e idade.

de modelagem física, e a idéia de autonomia e controle do corpo nas quais estas se apóiam, reforçam as atitudes adversas que se veiculam com respeito aos padrões corporais desviantes. Conjugando-se a má aparência a uma forma de transgressão moral, os problemas estéticos são concebidos menos como produto da natureza do que como expressão de indisciplina, como exemplo de um modo inadequado de se relacionar com o corpo, que se exclui de exercícios físicos regulares, auto-estima, esforço, persistência. O mérito da beleza recai, assim, sobre o valor individual, sobre o esforço pessoal. Quanto mais se acentua a autonomia, mais se reforça essa nunca moral relativa à feiúra. A liberdade de confecção do corpo e a coerção social com respeito às suas características feias convivem e se confundem, tornando-se suportes fundamentais relativos às atitudes comportamentais com respeito à aparência feia:

Quando uma mulher chega a admitir que sente vergonha do próprio corpo também está pronta para virar a mesa. Ela já pode entender que é responsabilidade sua ter chegado no ponto que está e, da mesma forma, decidir por conta própria se vale a pena se transformar em uma Tiazinha⁷⁶.

No modo como se é transmitido valores e formas de apreciação estética, o sentimento com o próprio corpo é sempre colocado de forma exterior ao sujeito. Destaca-se aqui sua interposição a um padrão e a um conjunto de regras estabelecidas apresentando-se um modelo ao qual se deve buscar identificação física. Assim, o corpo construído nesses textos, transformado em imagem, representado em seus mínimos detalhes, sublinha essa relação de alteridade expressa nos conhecimentos e formas de

⁷⁶Boa Forma, abril, 1999, p. 96-97.

apreciação dirigidas para a percepção do indivíduo sobre seu próprio corpo. *Você quer ganhar um corpão como o do Rai? Não tem jeito tem que investir pesado em seus músculos*⁷⁷. O corpo da moda, o corpo dos modelos, dos esportistas, o corpo saudável da medicina, ressalta essa relação de exterioridade e a força de coação social a qual ela se atrela na percepção de si. Os especialistas principalmente se apresentam como autoridades responsáveis para a avaliação física. O discurso da ciência, tecnologia, moda e das diversas instâncias que normatizam o corpo invadem as dimensões expressivas e simbólicas da corporeidade, fornecendo imagens e informações que reconfiguram o próprio âmbito do vivido corporal. O leitor é sempre aquele que possui um conhecimento muito limitado e confuso de seu corpo.: *Você pode não saber que corte de cabelo fica bom para você mas um bom barbeiro sabe*⁷⁸.

De modo geral, os indivíduos tendem a se desvencilhar de uma avaliação muito depreciativa de sua imagem corporal. É sobretudo o olhar do outro que o retrata de modo muito mais cruel. Assim, esses imperativos estéticos adquirem maior força à medida em que se sublinha constantemente o papel vital do ambiente face a essas expectativas estéticas. *Meu marido me humilha porque sou gorda*⁷⁹ (...). Os cuidados físicos revelam-se sempre como uma forma de enfrentar o julgamento do outro. Todas as questões relativas aos cuidados físicos estão vinculadas à visibilidade social. Escapar ao olhar do outro ou a ele se expor remetem-se diretamente a relação que se deve ter com as qualidades estéticas do próprio corpo. As imagens que as revistas oferecem para os leitores a respeito de seu

⁷⁷ *Vip*, abril, 1999, p. 112.

⁷⁸ *Vip*, junho, 1999, p. 104.

⁷⁹ *Boa Forma*, setembro, 1997, p. 72.

próprio corpo é *tanto um eixo de construção como lugar de contradições inibidoras devido ao poder de coação social voltado para suas dimensões mentais, afetivas, sexuais e sociais*⁸⁰. Destaca-se a oscilação entre o corporal e o psíquico na relação do indivíduo com seu corpo em função do conjunto de regras e prescrições atrelados aos modelos a se seguir. A imagem corpórea não é um fato concreto, um dado objetivo, é uma representação que resulta essencialmente da influência do ambiente, e nesse sentido, seu reflexo se transforma constantemente. Lembramos Barthes⁸¹ sobre a realidade intersubjetiva do corpo: meu corpo é para mim mesmo a imagem que eu creio que o outro tem deste corpo. Através dessa fragilidade e vulnerabilidade humana com respeito ao próprio corpo em função da imagem do outro, se produz em função dessas expectativas, diversas táticas de sedução e de intimidação. É o aspecto tirânico das relações humanas através do corpo destacado pelo autor que caracteriza várias atitudes com respeito a feiúra apresentadas nesses textos. As revistas evidenciam bem o modo como o consumo investe estrategicamente neste jogo de espelhos produzido entre corpo e olhar do outro, desdobrando esses reflexos na construção da auto-estima e da auto-imagem. Estas, por sua vez, poderosas modeladoras do ego⁸². Adequando-se às regras da aparência e da relação com o corpo, e portanto, aos valores aí atrelados, adquire-se a fórmula para se sair vitorioso nessa relação.

Dai a capacidade do consumo, no que diz respeito aos investimentos estéticos – de cooptar o que diverge. Se por um lado a modelagem da aparência se apresenta como uma atitude banal, por outro, é investida por esse sistema, de grande carga ideológica, de

⁸⁰ Durif, C. *Perceptions et représentations du poids et des formes corporelles: une approche psychoethnologique. Informations sur les sciences sociales*, vol 29, 1990, p. 309

⁸¹ Barthes, R. *Encore le corps*, Critique, 1982, n. 423-424, p. 645-654.

modo dissimulado, à medida em que se procura apenas destacar - e exagerar - seu valor emocional. Assim se contribui, por exemplo, para que um mesmo conjunto de atitudes perceptivas e comportamentais com respeito a estética conviva perfeitamente com ideologias e valores diferentes. Uma expressão disso é a representação do masculino e do feminino, que apesar de tantas transformações sofridas neste âmbito, guardam ainda referenciais tradicionais e que até contradizem, em alguma medida, valores atuais - como pretendemos discutir agora.

Enfatizando-se o papel da aparência enquanto critério fundamental na escolha do parceiro, o olhar do sexo oposto é imprescindível na avaliação estética de si próprio.

*O que elas olham nas roupas do homem antes de aprová-lo - ou não*⁸³.

*Vestimos uma modelo de seis jeitos diferentes. E fomos perguntar a quem importa - eles! - qual é a mais atraente (...)*⁸⁴

*A primeira coisa que uma mulher repara num homem são os sapatos*⁸⁵.

Contudo, os gestos de embelezamento físico em ambos os sexos se associam a valores e imagens diferentes relativos à representação dos papéis sexuais. O embelezamento do homem inclina-se a uma maior associação ao *status* econômico e social,

⁸² Sodré, M. *Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil*, Vozes, RJ, 1999

⁸³ *Vip*, junho, 1998, p. 2

⁸⁴ *Corpo a corpo*, abril 1998, p. 74.

reiterando sua imagem em função de seu prestígio de classe e profissional. As atenções estéticas masculinas não se dirigem ao corpo propriamente dito - considerando estritamente as formas, as proporções, a pele - com a mesma rigidez como ocorre com a mulher. Apesar destes aspectos da aparência não serem jamais negligenciados nas revistas, são feitas maiores concessões aos deslizes estéticos nesse âmbito. Gordura, calvície, corpo pouco musculoso devido a prática irregular de atividades físicas, são até algumas vezes justificados nesses textos em função do estilo de vida que se tem como referência - executivos com vida atribulada, atarefada e nem sempre muito inseridos na moda do corpo, dos esportes e academias de ginástica. Apesar da representação do embelezamento masculino sublinhar o valor de um físico viril, forte, com músculos bem definidos, remetendo, nesse sentido, ao aspecto mais erotizado do corpo do homem, essa tendência não se sobrepõe a uma atenção mais acentuada nestes textos, relativa à produção da aparência de modo a expressar prestígio social: *Carro também se veste (...)*⁸⁵. A sedução da imagem viril apresenta-se bastante vinculada a seus méritos sociais. O homem deve *fazer a diferença*. Essa idéia recorrente nos periódicos remete ao efeito de destaque tanto estético como social. Roupas, adornos, objetos são fundamentais na produção dessa imagem. A aparência masculina deve, principalmente, impressionar pela presença, pelo seu refinamento, pelo estilo. O elogio a estética do homem exalta sua imponência: *Deus mora nos detalhes. Acredite ser elegante é bastante simples basta prestar atenção nos detalhes, uma*

⁸⁵ *Vip*, junho 1997, p. 105.

⁸⁶ *Vip*, maio, 1997

*abotoadura com humor, uma gravata marcante, um óculos com estilo*⁸⁷.

As preocupações físicas e a imagem da feiúra masculinas são mais sutis se levarmos em conta que a beleza feminina é muito mais produzida em função do artifício, do trabalho sobre o corpo, é mais rígida quanto à modelagem física. Os cuidados femininos vão desde as unhas à maquiagem, exigem detalhes como o formato das sombrancelhas e o desenho dos lábios. O que a torna símbolo desta cultura de atenções corporais. O horror à feiúra adquire na mulher maior destaque uma vez que o que se associa a sua beleza se dá muito mais em função de um trabalho sobre o corpo. Um simples gesto de descuido da mulher - como uma falha na depilação - faz a feiúra emergir instantaneamente. O corpo feminino deve ser mais polido que o masculino. Este último é sempre mais marcado, mais “duro” na sua maneira de se expressar e menos obrigatoriamente sorridente e luminoso⁸⁸. Os músculos são traços amplamente utilizados na descrição do homem belo. Sombrancelhas grossas e outros traços mais exagerados fazem parte da estética viril. As roupas são fundamentais na promoção de sua aparência, que devem se associar a imagens de status social, confiança em si, personalidade marcante, charme, elegância. *Os sapatos fazem toda a diferença em suas expedições noturnas (...)*⁸⁹; *Os blazers que dão a você elegância viril de um 007*⁹⁰. A força de sua presença, a intensidade na comunicação constituem-se elementos da expressão de uma aparência masculina admirada. Se o homem é mais poupado de uma série de trabalhos sobre o corpo em relação a mulher, isso decorre das próprias características da imagem masculina. O homem

⁸⁷ *Vip*, julho, 1998, p. 128.

⁸⁸ Nahoum, op. cit. p. 36

⁸⁹ *Vip*, março, 1998, p. 97.

não deve demonstrar tantas preocupações corporais a fim de não confundir seu próprio retrato estético. Sua feiúra revela-se imediatamente quando sua virilidade é posta em questão: *Só tenha as mãos manicuradas se ninguém notar. Portanto, nem pense em polimento ou esmalte*⁹¹.

As roupas e os adornos ilustram bem o recato da vaidade masculina. São bem menos diversificados, coloridos, exuberantes e ostentatórios em relação ao vestuário feminino. Podemos compreender, de acordo com Perrot, haver nesses hábitos, em alguma medida - levando em conta as transformações e rupturas do processo histórico - sinais de repercussões dos valores que passaram a se impor no século XIX, com o advento da burguesia. Como mostra o autor a vestimenta masculina no século XIX passou a expressar traços das transformações sociais e econômicas da época. Os valores do trabalho e do mérito se traduziram em roupas bem mais sóbrias, discretas e padronizadas, contrapondo-se ao ócio e ostentação aristocrática, expressos nos artifícios e sofisticação de sua aparência. Contudo, segundo o autor, ocorreu uma transferência das características aristocráticas que o burguês continuou a admirar em segredo. O luxo e a futilidade, passaram, assim, a se apresentar sobretudo na vestimenta feminina. Assim sendo, a oposição trabalho/lazer passava, então, a se apresentar, principalmente, entre os sexos e não entre as classes. Desse modo, também, a burguesia emergente estabelecia de forma mais rígida uma diferenciação entre os sexos no que diz respeito aos tipos de investimento na aparência - mais indiferenciados na aristocracia, como perucas, maquiagens, perfumes, tecidos comuns a ambos os sexos.

⁹⁰ *Vip*, abril, 1998, capa.

⁹¹ *Vip*, março, 1999, p. 105

Contudo, se podemos compreender que esses referenciais se refletem de certa forma no mundo contemporâneo, é fundamental considerar também como a representação masculina mais tradicional está sendo desconstruída em função dos interesses econômicos atuais. Com a exaltação do corpo, do consumo, do lazer, as aspirações estéticas masculinas estão sendo estimuladas. As roupas passam a ousar em estilo, cores, tecidos, aproximando-se do vestuário feminino. Uma nova imagem do homem parece estar se configurando definindo novos comportamentos e valores. A população masculina se faz cada vez mais presente no mercado de cuidados físicos, principalmente no que diz respeito a ginástica e dietas. O corpo do homem sexualiza-se progressivamente, tornando-se objetos de cuidados que antes deveriam ser negligenciados: *Nove entre dez mulheres olham seu traseiro com gula. Nós vamos melhorar essa paisagem em você ensinando-lhe três exercícios infalíveis*⁹². A revista *Vip* exhibe bem essas nuances no comportamento masculino contemporâneo. Por um lado, o crescimento das preocupações estéticas entre homens, conjugado com o interesse do consumo em incorporá-los nesse mercado, por outro, a persistência da representação da virilidade como uma imagem que exclui uma vaidade com o corpo mais pronunciada:

*Você não é fresco mas quer reavivar a cor de seu cabelo. Sem crise: alguns shampoos tonalizantes estão aí para isso (...)*⁹³

*Todo mundo precisa cuidar da pele (...). Não, não é frescura. Também não é coisa de mulher. A pele é nossa proteção contra o mundo externo, portanto é ela quem paga a conta (...)*⁹⁴

⁹²*Vip*, abril, 1998.

⁹³*Vip*, dezembro, 1997, p. 176.

⁹⁴*Vip*, novembro, 1998, p. 159

Se o consumo tenta cada vez mais envolver o homem em preocupações estéticas, por outro lado, com respeito ao sexo feminino, procura-se atualizar referenciais tradicionais – como o papel capital da beleza para mulher – que convivem paradoxalmente, com os ideais de emancipação.

Enquanto a produção da aparência masculina expressa, ainda, um maior destaque a elementos de ordem objetiva, relativos aos méritos de seu papel social, o valor da aparência feminina atrela-se mais ao âmbito subjetivo, diz respeito em se tornar uma parceira de prestígio. São os seus qualificativos estéticos que contribuem fundamentalmente na felicidade da vida afetiva e sexual. O embelezamento das mulheres encontra-se totalmente articulado ao desejo em despertar sua sexualidade, sensualidade, poder de sedução. O efeito da imagem da feiúra feminina se alimenta principalmente da perda da identidade sexual. A feia é menos feminina. A força de impacto da feiúra de uma mulher, o retrato de seus traços, se apóiam em uma *obscenidade privada de sexualidade genital*⁹⁵. A ética da disciplina é aspecto fundamental desta coação, à medida em que esta define socialmente suas características sexuais – uma vez que o próprio trabalho estético sobre o corpo feminino engendra a distinção entre identidade sexual e sexo biológico⁹⁶. É em função da capacidade de esforço pessoal que se justificam os atrativos de sua aparência. A mulher perde a identidade sexual porque não se cuida mais: *Andava tão desanimada que nem me depilava mais. Fiquei muito tempo sem encarar o espelho (...)*⁹⁷

⁹⁵ Nahoum, V. op. cit. p. 39

⁹⁶ Probyn, E. *Corps féminin, soi féministe. Le dédoublement de l'énonciation sociologique*, Sociologie et sociétés, vol XXIV, n. 1, 1992

⁹⁷ Boa Forma, abril, 1999, p. 96.

A vaidade é insistentemente apresentada como característica inerente a mulher, caricaturando sua imagem : *Mulher 24 horas, batom idem*⁹⁸. O discurso do embelezamento físico tende a preservar referenciais contraditórios a idéia contemporânea da mulher emancipada, que no entanto, convivem harmoniosamente com as imagens da liberação feminina, ou muitas vezes, até se alimentam desse próprio referencial. Philippe Perrot⁹⁹ interroga-se a respeito desse ideal de emancipação enumerando ironicamente os diversos procedimentos atuais necessários para a produção e manutenção do bom aspecto do corpo feminino. Embora as vestimentas apertadas, como os espartilhos, foram excluídas, persistem outros entraves à mulher. Com a maior exposição do corpo, o crescimento das atenções com a pele, os cuidados físicos se intensificam. O autor chama de *ortopedia mental*, a conformação e adequação feminina a uma ordem ainda mais tirânica que as outras, ou seja conservar o mais íntimo de si mesmo, o corpo, jovem e belo. O que antes as roupas camuflavam torna-se, agora, objeto de atenções e preocupações minuciosas.

As revistas femininas exaltam o ideal de maximização estética, lembrando-nos do retrato da beleza fatal. Esta imagem, contudo, é modificada, humanizada em função dos interesses do mercado¹⁰⁰. Nesse sentido, por mais que se vincule essa representação estética a personalidades da mídia, e portanto, distantes do mundo real, procura-se destacar seus esforços na conquista de sua exuberância física, sublinhando-se, assim, a acessibilidade desses ideais de corpo à mulher comum. A ética dos cuidados físicos amplia projetos

⁹⁸ Corpo a corpo maio, 1998.

⁹⁹ Perrot, Philippe, *Le travail des apparences – Le corps féminin XVIII e XIX siècle*, Édition du Seuil, 1984

¹⁰⁰ De acordo com Sant' Anna, podemos considerar que é a partir dos anos 50 que a mídia e publicidade passam a insistir na idéia de que as mulheres podem e devem ser tão belas quanto às grandes modelos de beleza.

e perspectivas estéticas das mulheres em geral, solidariza-se com elas, estimula suas queixas e aspirações com respeito ao corpo. Se por um lado abre-se socialmente novas perspectivas à mulher – profissional, artística, intelectual –, por outro, com os grandes e crescentes avanços no aperfeiçoamento estético exalta-se e incentiva-se mais do que nunca a realização da mulher na busca de uma beleza exuberante. Uma beleza que se sobrepõe aos outros valores, lembrando-nos, nesses tempos de emancipação, de desejos tão antigos e ainda tão contemporâneos e atualizados.

Nesse sentido, a imagem da feiúra feminina se amplia. *Quem não viveu a cena do desastre singular suscitado pela aparição da Beleza fatal? Os charmosos empalidessem, os bonitos perdem seu brilho, as simpatias joviais se degeneram (...), as belas não são mais que belas*¹⁰¹. A beleza fatal que como destaca Leiris¹⁰², que torna feias as mulheres que não o são, lembra-nos os imperativos com respeito a mulher, ou a representação de mulher na cultura de consumo que são fundamentais aos interesses do mercado. É justamente abrindo um horizonte ilimitado para o aperfeiçoamento físico, que se torna a insatisfação estética e a imagem da feiúra uma constante na representação corporal feminina.

Assim, é em função deste ideal estético que os textos femininos estimulam as leitoras a projetarem sua forma de vida e de relação com o corpo. A feiúra torna-se, portanto, tudo o que escapa a essa definição. É o desprestígio físico em relação a esse modelo, é a insatisfação constante com o corpo. A virtuosa beleza, e todo o demérito estético delineado a partir dela, apresentam nesses textos um intercâmbio contínuo, refletem-se constantemente. São

¹⁰¹ Pernacchioni, I. La haine d'Athéna, in: Beauté, Laideur, op. cit. p. 132

¹⁰² Leiris, M. *L'Homme sans honneur. Notes pour le Sacré dans la vie quotidienne*, Paris, Jean-Michel Place, 1994.

componentes afetivos ora implícitos, ora explícitos que produzem a força de persuasão de seu discurso¹⁰³. Os conselhos se orientam essencialmente através desse jogo com esses dois pólos de atração que chamam atenção da vaidade da mulher: o feio e o muito belo : *Troque os pneuzinhos por um corpo de violão*. É principalmente através desses referenciais que giram os temas de chamada destas revistas. Daí o vocabulário decorrente, repleto de superlativos e expressões que traduzem padrões de excelência: *seios sensacionais, cintura muito sensual, bumbum maravilhoso, unhas de gata, lindérrima, charmosíssima*, etc. A feiúra, por sua vez, focalizada como objeto de várias formas de prejuízos sociais, físicos e psicológicos é enfaticamente repudiada nesses textos, prescrevendo-se todo esforço possível para combatê-la radicalmente : *emagrecer e nunca mais engordar, todas as armas contra a celulite, sem essa de pneus, todas as maneiras de dizer adeus ao bigodinho, dê um tchau para a flacidez*, etc.

A percepção da própria feiúra, produz um conjunto de inquietações que se manifestam na relação do indivíduo consigo mesmo e seu próprio corpo, e na relação com o mundo, remetendo-se a uma tensão constante, nunca resolvida entre constrangimento psicológico e exigência simbólica, entre dado anatômico e cânon estético¹⁰⁴. Os riscos sócio-culturais são determinantes no agravamento de todo conflito fundado sobre o desfalecimento do bem estar corporal. O corpo ideal não diz respeito apenas ao controle do peso e das formas, mas também das funções psicológicas

¹⁰³ Mesmo que esse jogo seja algumas vezes negado, nos conselhos que prescrevem uma atitude racional com o corpo orientada para o estabelecimento de metas estéticas compatíveis com as limitações físicas individuais. Pois o jogo de imperativos, apelos e imagens se destacam de forma extremamente mais forte, sobrepondo-se amplamente a essas eventuais ponderações.

¹⁰⁴ Hérítier, J. op. cit.

e morais. A feiúra além de ruptura estética é ruptura psíquica (perda da estima de si) e ética (falta de conduta pessoal). Os imperativos de cuidados físicos voltam-se para a produção do corpo para si e para a vida social. Trata-se de aderir através das modificações corporais aos valores culturalmente desejáveis que lhes são associados. A modelagem estética, longe de ser um meio de se distinguir dos outros, é um modo de se alinhar à norma. A apresentação de uma aparência de acordo com as expectativas sociais, o cuidado em não transgredir nenhuma regra estética mais grave é considerado aspecto fundamental para a normalidade na vida social.

Anos atrás, um extrovertido primeiro-ministro canadense desembarcou no Brasil usando uma estapafúrdia combinação de terno e tênis. Ninguém mais se lembra dele.

*Não vá você correr esse risco*¹⁰⁵.

Os investimentos físicos apresentam-se associados a uma afirmação do indivíduo na vida social, a uma descoberta de si, a valorização da personalidade no espaço social. As práticas corporais tornam-se expressões do “eu”, por seu intermédio, o indivíduo se encarna e se exterioriza¹⁰⁶. O aperfeiçoamento corporal é exibido como símbolo de saúde não somente física, mas mental. O corpo e sua produção estética é psicologizada, atrelando-se à construção da identidade para a sociabilidade.

Mude sua vida em 5 dias. As grandes e definitivas mudanças são as que entram aos poucos em sua vida e fazem você se sentir bonito e saudável. Vip preparou uma lista de coisas simples e boas para levantar rapidamente o seu astral no Ano Novo. Uma barba bem feita, uma dieta saudável, exercícios eficientes... Coisas

¹⁰⁵ Vip, junho, 1999, p. 105.

¹⁰⁶ Rail, G. *Le sport et la condition post-moderne*, Sociologie et sociétés, vol. XXVII, n.1, 1995, p.143

*essenciais e gostosas como essas que sacodem o corpo e jogam a auto-estima no topo*¹⁰⁷.

Mudar seu corpo para mudar sua vida. As intervenções estéticas traduzem-se diretamente como modificações no âmbito subjetivo, psíquico, traduzidos em gratificações sociais. Destacam-se as transformações interiores e personalizadas. Os requisitos psicológicos modificam as atividades físicas e o modo de concebê-las, justificando-as com mais propriedade. As práticas corporais são, sobretudo, um trabalho sobre si mesmo.

Le Breton afirma que o corpo é a alma do indivíduo numa sociedade laicizada. Torna-se o refúgio, o valor último quando os outros se fazem evanescentes e toda relação social apresenta-se precária. O individualismo inventa o corpo ao mesmo tempo que o indivíduo. A distinção de um engendra a distinção do outro numa sociedade na qual os laços entre os atores encontram-se mais afrouxados. A ênfase no corpo refletiria, assim, a atomização dos atores sociais. Mais o sujeito se centra sobre ele mesmo, mais seu corpo adquire importância a ponto de invadir o campo de suas preocupações. *As carências de significados não são mais atribuídas ao social, mas resolvidas individualmente em discursos ou práticas psicológicas e o corpo torna-se um “significante flutuante” particularmente propício a essas remanescências*¹⁰⁸. O corpo é então percebido como *um sujeito interior, um “alter-ego”*¹⁰⁹. Não se trata, contudo, de uma autêntica valorização do âmbito corporal, nem de dissolução da relação dual que caracteriza indivíduo e corpo na sociedade moderna. Predomina a imagem do corpo máquina,

¹⁰⁷ *Vip*, janeiro, 1999, p. 70

¹⁰⁸ Le Breton, D. op. cit, p. 159

¹⁰⁹ *Ibid*

manipulável pela ação humana, mas de modo psicologizado. O âmbito corporal faz-se lugar de investimento de sensações mais originais, de ostentação de signos mais eficazes. O dualismo persiste nesta relação de modo invertido : o sujeito coloca-se à parte em função de seu próprio corpo.

A corporeidade preencheria, assim, um vazio de significados produzidos pela cultura. A sociedade ocidental produz o esvaziamento simbólico de sua relação com o mundo através de relações formais que passam a reger e organizar as relações sociais e as do homem com seu meio, tornando-se, então, predominantes sobre as de sentido. Esse processo engendra, por outro lado, formas inéditas de socialização que privilegiam o corpo, este, no entanto revestido por signos efêmeros, objeto de um investimento crescente. A esfera corporal torna-se um ponto de apoio suscetível de prender o indivíduo a alguma certeza mesmo que provisória, mas pela qual ele pode se vincular a uma sensibilidade comum, partilhar com os outros um mesmo fluxo de signos.

Essas modificações na relação entre indivíduo e corpo são importantes para se compreender os processos sociais aos quais se atrelam a ética dos cuidados físicos. A estética exprime novas formas de relação entre indivíduo, corpo e sociedade. Traduzindo valores emergentes que apresentam um papel sempre mais preponderante na vida social - como primazia do indivíduo, exaltação do corpo, saúde, sexualidade, juventude - a estética apresenta-se cada vez mais como uma instância pela qual passa a organização social das identidades e da sociabilidades. A busca pela aquisição de uma forma corporal compatível com os padrões estéticos majoritários é condição da expressão da personalidade e implica adesão a signos consagrados em determinados espaços

sociais. Os cuidados físicos adquirem maior importância social à medida em que se conjugam com a preocupação de afirmação do estilo, da personalidade. Isso supõe um reforçamento da preocupação estética que se difunde no conjunto da vida cotidiana¹¹⁰. A identidade, a aparência, a representação do “eu”, o design da moda encontram-se indissociáveis nos investimentos estéticos. Trata-se de uma forma de relação entre indivíduo e o corpo que se torna característica dos espaços sociais mais modernizados. *Os comportamentos corporais, as atitudes vestimentárias, as práticas alimentares, os jogos de aparência constituem um material cada vez mais interessante à medida em que se desenvolve nas sociedades avançadas uma modalidade nova de relação entre indivíduo e sociedade, feita ao mesmo tempo de submissão à moda e aos códigos de afirmação individualista de si*¹¹¹.

Vinculando-se às formas de sociabilidade moderna, a estética apresenta-se como instância que progressivamente impõe sua ordem entre diferentes contextos e situações sociais. Quando o corpo torna-se a encarnação das tendências da moda inscritas no universo do consumo *é porque se passa outra coisa além da moda, alguma coisa que influencia sua identidade, seu estatuto, alguma coisa que interfere em seu vivido mais profundo. Neste momento a moda vai longe, ela intensifica seu papel. Ela se apodera do corpo, domina-o*¹¹².

¹¹⁰ Remy, J. *La mode, les positions moyennes et les spatialisations du social*, *Espaces et Sociétés*, n. 73, p. 51-73

¹¹¹ Berthelot, J. *Corps et Société : Problèmes méthodologiques posés par une approche sociologique du corps*, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXXIV, 1983, p. 119-131

¹¹² Durif, C. *op. cit.* p. 303

“Hoje me sinto muito mais segura no convívio social”, relata Dudi Pereira, 31 anos, produtora de eventos, que aplica botox desde os 26¹¹³.

“Já fiz de tudo para engordar, mas nada deu certo. Com 1,67 m de altura e 48 kg, morro de vergonha de usar biquini quando vou à praia¹¹⁴”

‘Quero ser como as mulheres que aparecem na revista: bonitas, magrinhas, com tudo em cima. Será que não existe em São Paulo uma clínica ou hospital público especializado nos problemas femininos – varizes, gordura localizada, cirurgia plástica?’¹¹⁵

Os apelos ao prazer, à fruição ao conhecimento de si e do corpo evocados nas revistas chocam-se com as diversas formas de referência ao constrangimento social, em virtude do qual o corpo é sempre objeto. Todas essas representações “como eu me sinto”, “como gostaria de ser”, “como se deve ser” mostram a fragmentação, a ambiguidade do indivíduo na sua relação com o corpo. São enunciados que indicam as oscilações entre o prazer do indivíduo e o que lhe impõe a realidade, entre o desejo de se livrar das coações e constrangimentos sociais e o desejo de agradar, entre a expressão de sua individualidade e a predominância do modelo social. *O corpo vivido é sobretudo incerteza, ao mesmo tempo espaço da representação e representação do espaço, ao mesmo tempo limite do interior e do exterior (...) ¹¹⁶.*

Na produção da aparência se inscrevem os paradoxos da individualidade e de um interminável trabalho de socialização. O

¹¹³ *Boa Forma*, abril, 1999, p. 90

¹¹⁴ *Boa Forma* abril 1998, p. 57

¹¹⁵ *Corpo a corpo*, abril 1997, p. 8

¹¹⁶ Sami-Ali *Corps réel et corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*. Paris: Dunod, 1977, citado por Durif, op. cit.

corpo é apreendido e inscrito no processo de objetivação e ao mesmo tempo parte integrante de um movimento de subjetivação, afirmando-se na vida social através das tensões que nele se inscrevem entre sentimentos e estruturas sociais. A aparência faz-se lugar de expressões de identidades e suporte de ideologias e representações sociais. As revistas sublinham, por um lado uma busca em adequar-se as normas e valores sociais inscritos nos padrões e práticas estéticas a serem copiados. Por outro, exaltam as várias produções de subjetividade, sublinhando a apresentação de si como afirmação da personalidade, como lugar de diferenciação, de exaltação da individualidade.

A expressão estetizada da identidade constitui-se uma forma de se valorizar na vida social. Produzir a aparência, o estilo pessoal é sempre revestir-se de valores socialmente desejáveis¹¹⁷. Os cuidados físicos sublinham bem o corpo como lugar onde se exerce a relação entre indivíduo e sociedade de tensão e acomodação (uma vez que a individualização e socialização não se opõem totalmente). Os investimentos estéticos encadeiam um processo de acomodação que integra características do exterior à uma redefinição do “eu”, para deste fazer uma personalidade socialmente admitida. Um duplo movimento de interiorização e de objetivação liga o corpo ao sujeito.

Como mostra Pellegrino, entre a identidade de uma pessoa e as demandas internas que a encadeiam, seus desejos e prazeres e as representações do mundo as quais ela se refere - o conhecimento que tem deste, os valores que lhe atribui, os princípios morais que a controlam - se interpõe um princípio ativo, uma personalização do mundo, a apropriação de um universo, um modo de ser, um estilo

¹¹⁷ *Maisonneuve, J. op. cit*

que constitui o “eu” como interlocutor de razões e de paixões, como intermediário entre o exterior do sujeito no mundo e o interior do sujeito. Assim, os estilos de vida constituem-se *arranjos de imagens, composições sintagmáticas constituídas de acordo entre o real e o imaginário, elaboradas conforme as capacidades de adaptação do indivíduo à sociedade que o envolve*¹¹⁸.

A cultura de consumo veicula através da multiplicidade dos objetos produzidos imagens serem aderidas pelos indivíduos nas suas identificações. Nesse sentido, Pellegrino afirma que *as contradições entre desejos e necessidades passam pela própria articulação do mundo contemporâneo, sua tensão está no coração do cálculo econômico que rege o mercado*. Essas tendências que se inserem nas características coletivas da cultura integram-se à construção física dos sujeitos engendrando através desta processos sociais de identificação. O mercado é um lugar privilegiado para a construção da identidade e da boa aparência, estimulando os jogos com a diferença na aquisição de produtos que modelam a apresentação de si. A produção das identidades é mercantilizada, e tornada também um projeto de investimentos estéticos. As formas de confecção da aparência, a modelagem dos atributos físicos se dão de acordo com os referenciais estabelecidos para essas identificações. As revistas veiculam as imagens a serem aderidas na apresentação de si, produzindo significados entre os referenciais estabelecidos e seu uso cotidiano - na criação do estilo pessoal, na relação com o corpo, enfim, nas diversas formas de expressão estética da individualidade. Promove-se, assim, a idéia de que a identidade se exprime em função de opções

¹¹⁸ Pellegrino, P. *Types, modèles et emblèmes*, *Espaces et Sociétés*, n. 73

de consumo, naturalizando esta instância como o lugar onde se efetua as escolhas de vida mais importantes. Através da inserção no mercado, a ética dos cuidados físicos estimula os indivíduos a transformarem suas atenções estéticas em um estilo de vida e a manifestarem sua individualidade e senso de estilo nas roupas, no corpo, nas atividades físicas, no *look*.

Apesar de certa flexibilidade que o consumo apresenta, ele sempre impõe padrões hegemônicos. A exaltação do indivíduo na cultura do corpo apresenta-se menos sobre a égide da liberdade do que sobre o cálculo personalizado, pois sua matéria já é estabelecida sobre o mercado do corpo. Se os conselhos estéticos estimulam o jogo da diferenciações na produção da aparência, concebendo-o como expressão da individualidade, essas diferenças devem ser reconhecidas e legitimadas a partir dos modelos estabelecidos pelas tendências uniformizantes da moda. A liberdade de construção da apresentação física e da personalidade encontra limites no mercado de construção da identidade: *Gostaria de saber se ainda se usa coletes, e como usá-los*¹¹⁹. Portanto, se a aparência é mais diversificada na cultura moderna, devemos considerar essas diferenciações a partir de uma maior normatividade que nele se inscreve. A criação individual é um dos valores reconhecidos deste sistema, mas é preciso que esta elaboração esteja apoiada em valores prestigiados. Sentimento de ser como os outros e vontade de se afirmar como diferente, até como original co-habitam nos periódicos e implica, portanto, que se especifique o estilo que se utiliza como referência na produção de si. A flutuação dos estilos pessoais, é uma transformação nas modalidades de apresentação pessoal, mas não dos princípios fundamentais que os estruturam.

¹¹⁹ *Vip*,

Como mostra Remy¹²⁰, apoiado em Simmel, a personalidade, buscando uma expressão de si na singularidade, encontra paradoxalmente a afirmação de uma diferença na moda, que é uma forma de imitação. Compreendemos que produção da aparência, à medida que o corpo vai se associando progressivamente à individualidade e personalidade, juntamente com a imposição crescente da estética como instância que passa a ditar sua ordem específica às outras esferas da experiência social¹²¹, insere-se cada vez mais neste conflito característico do mundo contemporâneo entre individualização e socialização. As tendências estéticas, atreladas à moda, relacionam-se ao processo ao qual esta se remete de imitação e individualização. A imitação permite a passagem da vida do grupo para a vida individual. Por outro lado, os indivíduos buscam formas de expressão de suas próprias vida, através da individualização. Esta dupla tendência contraditória é sempre presente. Estas demandas psíquicas engendradas entre indivíduo e sociedade são articuladas por uma dinâmica social que adquire peso num contexto democrático. Por um lado supõe uma tendência de igualização social que assegura uma imitação e uma aceitação de uma autoridade simbólica, implícita, ditando o comportamento¹²². Por outro lado, o mesmo contexto democrático estimula o desejo de variação individual, de diferenciação. Essas necessidades de individualização, no entanto, se orientam em função de formas sociais estabelecidas.

Assim, se o consumo estrutura a rede de expectativas comuns com respeito ao corpo - que sofisticada cada vez mais - , também cria formas de distinção através da apresentação corporal, e hierarquias

¹²⁰ Remy, J. *La mode, les positions moyennes et les spatializations du social*, *Espaces et Sociétés*, n. 63, p. 51-73

¹²¹ Rodrigues, A. D. *O corpo e a linguagem*, *Revista de Comunicação e Linguagens*, 10/11, Lisboa, 1990

entre as diversas expressões da aparência humana. Este sistema articula-se, portanto, às formas sociais de impressões de significados na aparência. Os requisitos para a apresentação de si são também modos de inculcação de normas sociais. A percepção estética é composta também por outras esferas, ela libera sem cessar informações misturadas a outros parâmetros identitários, como o político e o social, a saúde e a moral. Sendo um veredito identitário, o enunciado estético diz respeito à forma como a sociedade moderna estrutura e organiza o campo social. As propriedades corporais são apreendidas através de um conjunto de signos distintivos, produto de uma fabricação propriamente cultural que têm por efeito distinguir os indivíduos. *Enquanto propriedades, enquanto variantes corporais opõem seus traços distintivos em função de relações sociais concretas e se ordenam no interior de um sistema de diferenças hierarquizadas*¹²³. Engendra-se, assim, formas sociais de relações e oposições entre os corpos, que sustenta uma representação de corpo que produz suas designações e suas especificidades, seus atributos belos e feios (em função de poder, status social, cultura etc). É nesse sentido que Hérítier afirma que é preciso ver através de todo universo de formas um universo de normas.

Portanto, pretendemos aqui sair do nível de generalidade dos processos de individualização e socialização aos quais a produção estética da aparência se atrela para nos voltar mais especificamente às representações do mundo social relacionadas às práticas de cuidados físicos, bem como aos valores e estilos de vida que lhes são correlatos.

¹²² Remy, J. *op. cit.*

¹²³ Hérítier, J. *op. cit.* p. 101

3- Formas físicas e traços sociais

Estética e etnia

A cultura de consumo sugere que todos têm possibilidades de aperfeiçoar seu corpo, seja qual for a idade ou origem de classe, generalizando cada vez mais os apelos estéticos - o barateamento dos tratamentos corporais expressa bem essa tendência. Esse processo não deixa, contudo, de criar suas formas de diferenciação social. Quanto mais se divulga um padrão corporal e se associa o mesmo a imagem da beleza, a partir de um universo de valores que exalta ideais de maximização das performances físicas, mais se configura o repúdio e a discriminação das aparências desviantes deste modelo. Difunde-se em escala cada vez maior um modelo de corpo que adquire familiaridade diante do olhar cotidiano, apresentando-se para os indivíduos em geral como parâmetro ao qual se recorre instantaneamente para auto-avaliação. É justamente esse ato constante e automatizado que revela também o modo pelo qual essa aparência familiar se esvanece em função de seu diferenciamento do corpo das pessoas de um modo geral. Distanciamento e familiaridade incidem em nossa relação com modelo físico que se impõe cada vez mais no dia a dia moderno. Se a insatisfação com o corpo se apresenta como uma constante para um número cada vez maior de indivíduos, é porque se afirma um tipo de relação com o corpo que além de incutir uma preocupação com um ideal estético, situa esse referencial sempre de modo distante do corpo corrente. Essa relação se dá tanto em função da própria realidade física (como pretendemos discutir mais adiante) como também através de categorias sociais,

étnicas e culturais. A ética do corpo privilegia nitidamente, traços relativos a um grupo social, uma etnia, uma raça e uma sexualidade particulares, fazendo da aparência lugar de enunciados cúmplices de discursos discriminatórios¹.

Um dos aspectos mais evidentes das vertentes ideológicas nos padrões corporais se revela no modo pelo qual eles expressam diversas formas de discriminações étnicas, raciais e culturais. Ver o outro feio é um elemento importante na construção semântica racista. A ideologia de raça apóia-se na ideologia do corpo². As marcas raciais, ou fenotípicas são construídas socialmente *como estigmas, consubstanciando e alimentando a xenofobia, o etnicismo, o preconceito ou o racismo*³. A transformação da marca em estigma é elaborada e reelaborada socialmente, tanto em termos de senso comum como de conhecimento que se propõe científico⁴. Assim, as relações raciais caracterizam bem a relação entre corpo e sociedade, entre representação social e representação corporal, entre formas de pensar o mundo, a sociedade e as relações sociais e formas de percepção e apreciação estética do corpo. A própria idéia de raça evidencia como o modo de representação social constrói categorias de percepção do corpo. Esse conceito, de origem européia, foi desenvolvido para contribuir na interpretação das relações sociais, assim como a noção de classe e nação. Devido sua posição mais avançada no processo de industrialização *os europeus impuseram inconscientemente as suas categorias sociais aos povos que em*

¹ Probyn, E. op. cit

² Ver Costa, Jurandir Freire *Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: Violência e psicanálise*, Graal, R. J. 1985.

³ Ianni, O. *A racialização do mundo*, Tempo, Social; Revista de Sociologia Usp, 8(1), 1996, p. 19

⁴ Ibid

*muitos casos agora as adotaram como suas*⁵. Contudo, *não há nada espontaneamente visível na cor da pele, no formato do nariz, na espessura dos lábios ou dos cabelos, ou mais facilmente discriminatório nesses traços do em outros, como o tamanho dos pés, a altura, a cor dos olhos ou a largura dos ombros. Tais traços só têm significado no interior de uma ideologia preexistente(...) e apenas por causa disso esses traços funcionam como critérios e marcas classificatórios. Os traços associados a grupos raciais só adquirem sentido no interior de ideologias raciais*⁶.

A representação da feiúra se remete também a conflitos raciais à medida que ela é uma expressão estética de formas de intolerância e hostilidade social que constroem depreciativamente a imagem do outro. A componente estética do racismo indica o caráter profundamente arraigado desta ideologia. *O racismo não é só um instrumento poderoso de exclusão social, mas principalmente o mecanismo civilizatório (portanto ocidental e cristão) de rejeição existencial, ou seja consciente e subconsciente, da alteridade*⁷. A cor da pele se afirmou no ocidente como marca de identidade, apreendendo assim as categorias de apreciação estética às representações em nosso imaginário social em função das cores negra e branca e das variações cromáticas da espécie humana que a partir daí se desdobram. A cor é associada a outros critérios referentes a traços do rosto e do corpo, a cor dos olhos e ao tipo de cabelo. Na luta entre forças sociais se coloca em jogo também formas de percepção e apreciação do corpo. O branco promoveu sua auto valorização estética, esforçando-se em impor aos próprios

⁵ Banton, M. *A idéia de raça*, Edições 70, 1997, S.P., p. 24

⁶ Guimarães, A. S. Racismo e anti-racismo no Brasil, *Novos Estudos*, n. 43, p. 34

⁷ Sodré, M. *Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1999, p. 258

negros uma imagem corporal contrária a avaliação que eles tradicionalmente fazem de si mesmo. Se em diversas culturas o negro foi exaltado por sua beleza⁸, na sociedade ocidental, o cristianismo colaborou na produção de referenciais adversos a esse quadro. O negro encarnaria, então, valores negativos, como o pecado e a maldade. A moral cristã promoveu uma associação entre branco, bom, pureza⁹. Essa polarização negro e branco, negativo e positivo sofreu diversas formas de modificações, atenuações, nuances, mas apresenta ainda hoje suas repercussões nas categorias de apreciação e percepção do corpo: *Gabriela Alves parece um anjo. Pele branquinha e olhos azuis, azuis da cor do céu, perfeitamente emoldurados por sedosos cachos louros e um sorriso suave. Imagem digna de um quadro (...)*¹⁰.

O discurso e os modelos com respeito ao corpo apresentam nessas publicações um tom cosmopolita. Suas informações se orientam essencialmente em função de pólos de maior relevância na difusão de padrões estéticos situados em escala mundial : passarelas de Milão, Paris, Nova Iorque, ou ainda as tendências nas publicidades de marcas internacionais - Calvin Klein, Ômega, etc. A ética dos cuidados físicos veicula atitudes, valores, hábitos e comportamentos que ultrapassam as características locais. Modas em ginástica, cosméticos, remédios, novidades científicas se inscrevem em âmbito internacional. Assim, também os modelos corporais. Com o avanços dos processos sociais de intercâmbio mundial, os produtos

⁸ De acordo com Bonniol, as grandes civilizações da Antiguidade mediterrânea, mobilizou um conjunto bem mais amplo de significações com respeito ao negro. Segundo o autor, pode se afirmar que, de modo geral, antes da inflação cromática cristã, o negro não era representado negativamente de forma sistemática. Ao contrário, a literatura, e principalmente a arte antiga, prestigiava o negro por seu valor estético. (Bugner, L. *L'Image du Noir dans l'art occidental*, Menil Foundation, citado por Bonniol, *op. cit.*)

⁹ Ibid

¹⁰ *Corpo a corpo*, maio, 1997, p. 30.

de consumo tendem a perder gradualmente suas referências culturais. Compreendemos que a produção da aparência, apreendida cada vez mais pela cultura de consumo, não se exclui a essa tendência. Como afirmamos anteriormente, com a possibilidade crescente de confecção dos atributos físicos prestigiados, estes se tornam também difundidos em âmbito mundial. Esse processo, que traz em seu bojo afirmação de valores e ideologias, não se realiza sem certas formas de conflitos e contradições com as singularidades locais.

Podemos compreender que a homogeneização dos modelos corporais¹¹ que se desenvolve na ética do cuidados físicos, apesar de atenuar traços de raça, tende, a por em relevo uma valorização dos atributos físicos ligados ao corpo branco, mais especificamente europeu e norte-americano¹². O que se nota, inclusive, pela própria forma de veiculação dos diferentes tipos de beleza consagrados no universo do consumo. A incidência de imagens de brancas e loiras revela uma nítida desproporção em relação a constituição étnica da sociedade brasileira. Como afirma Ianni *uma parte importante da identidade do branco europeu, ou do branco norte-americano, depende de sua afirmação de superioridade face aos "outros", tais como os africanos, asiáticos, latino-americanos ou outros. Há sempre uma certa dose de darwinismo social, latente ou explícito, na prática e no pensamento de europeus e norte-americanos em suas relações com "outros"*¹³. Essa tendência tem uma expressão estética. As formas de percepção e apreciação do corpo não se apresentam

¹¹ Pesquisas contemporâneas de tipo experimental sublinham uma conformidade global dos povos estudados aos canones de beleza ocidental, apenas com algumas atenuações nos grupos em que as etnias minoritárias desempenham um papel social importante. Ver Maionneuve, J. *op. cit.*

¹² Esse fato, contudo, pode ser relativizado se considerarmos que os atributos físicos prestigiados, uma vez que são difundidos e incorporados em escala cada vez mais ampla, parecem afirmar uma tendência a perder suas referências de origem. A capacidade crescente de intervenção na aparência tende a diluir as especificidades étnicas do corpo.

¹³ Ianni, O. *op. cit.* p. 19. O autor lembra também a correspondência ideológica por parte dos "outros".

apenas como reflexo das relações sociais, elas se colocam ativamente no jogo entre forças sociais.

Os modelos de corpo que se universalizam com o avanço da modernidade tendem a inscrever a apreciação estética das raças em função das relações de poder social e político. Maisonneuve mostra que em sociedades onde o negro ocupa um papel social de maior relevância, seu prestígio estético tende a ser acentuado. Podemos levar em conta essa tendência para destacarmos os padrões corporais exibidos nos periódicos masculinos. Na revista *Vip*, como observamos anteriormente, prevalecem formas de exaltação da aparência masculina que se remetem, principalmente, a sua associação ao prestígio social, predominando, ainda, sobre seu apelo erótico¹⁴. Assim, a presença de negros e mestiços é ainda bem menor do que nas revistas femininas, onde a mulata e negra são exemplos do corpo sexualizado e erotizado da mulher. A boa aparência masculina reporta-se ao homem brasileiro bem sucedido socialmente. Destaca-se seu refinamento, exigência, capacidade profissional, sofisticação, nos hábitos de consumo. Essa características tendem a se associar nesses textos, de modo quase imediato, ao homem branco. É este que se apresenta ao lado do carro importado, da bebida cara e da bela mulher - seja nos artigos, seja na publicidade.

A cultura do corpo tende a expressar seu conteúdo discriminatório muito menos de modo direto e explícito do que em função da exaltação de padrões físicos a partir dos quais se reitera a negação de outros. Como falamos anteriormente, é a partir da ênfase

¹⁴ Contudo a erotização do corpo masculino, como afirmamos anteriormente, apresenta-se como uma

exaustiva no corpo belo e jovem que se imbui de negatividade a feiúra e a velhice. É através da construção de um cotidiano regularizado pela beleza, saúde, juventude que se exclui as aparências desviantes. As características étnicas e culturais tendem também a ser apreendidas a partir do retrato invertido produzido por essa constelação de imagens. A escassez de negros nos periódicos se destaca face às características étnicas da sociedade brasileira, denunciando predominância de valores que atribui positividade ao branco e negatividade ao negro. No Brasil, onde se enfatiza a democracia racial, a discriminação aos traços étnicos tornam-se mais sutis. A mídia tende a absorver bem o modelo de racismo predominante no Brasil. A sutileza da democracia racial brasileira adequa-se bem a ideologia da liberação do corpo conjugada a rigorosos imperativos estéticos. Embora exaltados, os negros e mestiços, apresentados como exemplos de beleza brasileira, são exibidos, de modo evidente, em minoria, contradizendo o próprio discurso que os prestigia. Quando são feitas as excessões neste universo regularizado predominantemente pelos atributos físicos do branco, destaca-se as “particularidades” do estilo de beleza em questão. (...) *Morena brasileira de verdade*¹⁵. *Beleza Negra* (...). Nas revistas femininas a exibição de corpos de negras ou mulatas é sempre um diferencial. O caráter pouco comum desse destaque chama atenção:

*Adorei ver modelos negras na edição de setembro. A revista ficou com a cara do Brasil*¹⁶

tendência cada vez mais crescente na cultura de consumo.

¹⁵ *Corpo a corpo*, abril, 1997, capa.

¹⁶ *Boa Forma*, novembro, 1998, p. 8

As capas estão ficando bonitas e originais. Só não entendendo porque a BOA FORMA não fotografa as negras. A Isabel Fillardis e a Camila Pitanga são muito bonitas e merecem esse destaque.

Resposta da revista: *Concordamos com você, tanto que estamos colocando cada vez mais modelos e atrizes negras em nossas páginas. E não perca, em janeiro, uma capa com a atriz Tais de Araújo*¹⁷.

A estética é muito eficiente na produção de mensagens subliminares. Os cuidados físicos se apóiam em uma percepção de corpo que tende a prestigiar atributos físicos associados ao branco. Os cuidados estéticos possuem um caráter discriminatório muito refinado devido a seu próprio arraigamento nas formas de representação do corpo. Sua construção ideológica é tão mais incorporada quanto mais se apresenta naturalizada. Determinados aspectos físicos, atraem uma forma de tratamento discursivo que revela aí mesmo seu próprio conteúdo ideológico ou discriminatório. É assim por exemplo, que à modelo Mônica Carvalho exaltada por sua *cor de jambo*, e seus *cabelos cacheados*, dirige-se a pergunta natural e automática: *já pensou em alisar?*¹⁸ A opção de mudança é associada instantaneamente. A possibilidade de transformação do cabelo liso para o crespo, embora também sugerida nesses textos, não se apresenta com o mesmo encadeamento sistemático, mecânico, do que no caso inverso.

De tão vinculadas a um referencial de corpo as próprias informações estéticas diversas vezes ignoram características étnicas: *Achei interessante a matéria '3 Cortes de Cabelo, 9 Visuais Diferentes'. Mas infelizmente não pude aproveitá-la, porque vocês*

¹⁷ *Boa Forma*, dezembro, 1997, p. 8

só mostraram meninas com cabelos lisos! Queria ver, nas próximas matérias, cabelos afros e encaracolados”¹⁹.

*Cabelos étnicos ou afros : atenção redobrada.
Mulatas e negras que se cuidem. Seus cabelos são os que exigem maiores cuidados.*

Lembremos que o ato de cuidar do corpo, de embelezá-lo, tende a colocar em questão traços físicos valorizados e depreciados, conjugados a referências e valores sociais. Como mostra Maisonneuve, os gestos de embelezamento primam por uma aproximação dos valores sociais consagrados. *Tratar* o cabelo, significa algumas vezes, atenuar suas características étnicas. Destacamos mais uma vez que fatos como esse, sem dúvida, precisam ser relativizados, uma vez que a cultura de consumo fornece aos indivíduos opções para variar diversas características de seu corpo, sendo que os próprios ideais estéticos veiculados têm como uma de suas expressões a modificação e renovação da aparência²⁰. Assim essa questão não deve se vincular a um julgamento de caráter moralista e discriminatório com respeito as opções de transformações na aparência do negro num contexto onde todos tendem a ceder aos apelos estéticos do consumo, a incorporar seus valores e ideais estéticos, e a negociar suas identidades a partir daí. Processo esse que já faz parte das próprias características das formas de sociabilidade mais desenvolvidas. As oportunidades de transformação da aparência se impõem e se dispõem a todos que possuem condições econômicas e culturais para tanto. O que destacamos aqui, portanto, é o modo como alguns valores sociais se

¹⁸ Corpo a corpo, abril, 98, p. 41

¹⁹ Boa Forma, maio, 97, p. 8.

²⁰ Reiterar a correspondência das características físicas à etnia, seria, dado as flexibilidades estéticas da

colocam nesse caso específico, ou seja, como se apresenta aqui a questão dos conflitos étnicos e raciais.

De acordo com Sodré, o cabelo foi representado como marca forte da diferença fenotípica entre brancos e negros. No Brasil esse fato é carregado de simbolismo todo especial. *O cabelo liso-ondulado e comprido sempre codifica a mulher escura como mulata*²¹. O cabelo apresenta de alguma forma um papel estratégico na revalorização identitária. A mídia tende a artificializar a diferença negra difundindo por exemplo, *rostos modelados por um padrão idealizado (egípcio, grego)*. Constrói-se uma identidade negra com elementos *trazidos do culto individualista das aparências do homem branco. No espelho neo-liberal (mercado e mídia), o descendente africano tem direito a uma espécie de "semiurgia" identitária, que o transforma num homem branco diferente - fenotipicamente "degradée" (já que o paradigma é o da pele clara)*²². Trata-se assim da expressão estética de um processo de "normalização" e integração do "diferente"

Cabe ainda destacar que os padrões estéticos internacionais impõem-se sobre as características fenotípicas não só de negros mas também de brancos brasileiros. Principalmente as mulheres brasileiras de um modo geral passam a se avaliar em função destes referenciais, atribuindo um valor especial a olhos claros, alta estatura, traços faciais finos, corpo longilíneo. Contudo, algumas relativizações devem ser feitas. Como afirmamos anteriormente, podemos considerar que a cultura de consumo se apresenta como instância fundamental na produção de um registro estético comum

cultura de consumo, uma outra postura discriminatória.

²¹ Gilliam, A. *Negociando a subjetividade da mulata no Brasil*, Revista de Estudos Feministas, R. J., 1995, citado por Sodré.

em âmbito internacional. No entanto, esse processo não ocorre sem manifestar alguns contrapontos com as aspirações estéticas locais. Há uma grande ênfase no Brasil na beleza da pele morena ou bronzeada e nas curvas do corpo feminino, o que pode ser compreendido como uma maior incorporação dos traços fenotípicos do negro em nossa representação corporal se levarmos em conta os padrões europeus e norte-americanos²³. Assim, nem sempre os modelos de beleza consagrados no país correspondem aos cânones oficiais. Os periódicos exibem essas contradições. Faz parte do perfil da revista - e de seus interesses mercadológicos - divulgar personalidades no país prestigiadas por sua beleza, mesmo que algumas destas apresentem certas divergências com respeito aos referenciais internacionais. Assim, essas publicações atenuam, de certa forma, a rigidez desses padrões exibindo várias vezes corpos femininos mais condizentes às formas físicas das brasileiras - quadris, bumbum, coxas mais avantajados. Mesmo assim, os conselhos estéticos dos periódicos reiteram sempre os padrões vigentes em âmbito global, orientando-se em função do corpo magro e proporcional. O exemplo a ser seguido é o das modelos, cujas formas físicas são moldadas pelas imposições internacionais, privilegiando sempre uma magreza geometrizada : (...) *os músculos definidos da barriga, o contorno das pernas, o desenho dos braços e das costas, o bumbum escasso e uma penca de ossinhos salientes aqui e ali* (...) ²⁴.

O ideal de magreza que, segundo Sant'Anna, começa a se fazer presente no Brasil a partir dos anos 60, já se apresenta como indicio

²² Sodré, M. *op. cit.*

²³ O que não significa, no entanto, uma postura "menos" racista no Brasil em relação às sociedades citadas. Pode-se, inclusive, considerar que essa representação estética, de certa forma, tende a ir de encontro com as características do racismo brasileiro.

²⁴ *Corpo a corpo*, abril, 97, p. 53

de que os padrões estéticos ultrapassam as fronteiras entre as nações passando a impor traços físicos em âmbito internacional. As curvas generosas começam, então, a ser atenuadas. Uma silueta mais magra, segundo a autora, passou a ser representada como mais afinada a um ideal de vida dinâmico, proposto pelas elites européias e norte-americanas. O ritmo do cotidiano moderno promoveria a afirmação de um novo perfil da mulher: mais leve, esportivo, dinâmico. Além disso, a mulher ideal deveria possuir certas características que se apresentavam como universais, a despeito de qualquer particularismo. (...) *O imperativo da magreza contribui em substituir os modelos de beleza nos diversos países ocidentais, assim como as tabelas de peso ideal.*(...) *Mesmo se uma grande parte da população feminina brasileira não se compõe em maioria de mulheres longilíneas e magras, as revistas femininas dirigidas às camadas médias e altas não deixam de exaltar este modelo*²⁵. As aparências não adequadas a esses ideais passavam a indicar uma defasagem em relação à sociedade moderna.

Apesar da força de difusão dos cânones de beleza que se impõem em escala global estes não se inserem nas práticas corporais do país sem sofrerem transformações e adaptações. Assim, podemos destacar com respeito as revistas, que apesar destas focalizarem o padrão de magreza internacional, abrem também excessões para reivindicações estéticas brasileiras. Esporadicamente apresenta-se, por exemplo, artigos que orientam com respeito a alimentação, hábitos, exercícios e vestuário *para quem acha que ser magra demais é problema*, contrastando com a ênfase mais frequente e predominante desses textos - o emagrecimento. Ocorre, muitas vezes, um compromisso entre cânones estéticos internacionais e as

²⁵ Sant' Anna,

particularidades de nossa morfologia e modo de apreciação estéticas. Nas revistas, não raras vezes, os exemplos de beleza conjungam uma alta estatura e olhos claros à pele morena e cabelos negros, crespos ou ondulados; ou ainda, cabelos loiros a um corpo de curvas acentuadas e pele bem bronzeada.

Há nesses textos uma extrema valorização do bronzeado. O bronze é exibido como símbolo de corpo e pele bonita e sensual. Apresenta-se, inclusive, um certo desprestígio da cor branca. A pele bronzeada pode ser assimilada a uma lógica da mestiçagem. Tendo como uma de suas expressões o argumento higienista, o banho de sol tornou-se símbolo de lazer e de uma forma de luxo. Essa modificação na apreciação da cor da pele indica o efeito de uma variação individual e voluntária que permite a aproximação do outro sob um dos critérios essenciais da diferença, e uma certa desvalorização da claridade da pele²⁶.

A percepção estética, no entanto, continua aprisionada pelas variedades cromáticas. Bonniol nota com respeito aos processos de revalorização da cor negra nas sociedades afro-americanas, uma tendência a não se romper com o esquema racial tradicional, mas apenas a reproduzir por inversão os termos da polarização. A linguagem das cores em matéria estética permanece ainda como marca da identidade, apesar das variações contínuas produzidas pela mestiçagem. Esse fato, contudo, parece tender gradualmente a se confrontar com o aumento crescente da capacidade tecno-científica de intervir no corpo interna e externamente, fazendo com que a cor da pele, assim como outros atributos físicos, percam cada vez mais

²⁶Bonniol, J. *Beauté et couleur de la peau: variations, marques et métamorfoses*, Communications, n.60, 1995.

seu vínculos com a herança biológica - o que deve trazer novas reflexões sobre as questões étnicas e raciais.

As impressões sobre a aparência humana continuam a se apresentar sob uma perspectiva etnocêntrica - positiva ou negativa. A feiúra moderna, construída em pormenores devido à sofisticação dos cuidados físicos, acrescenta-se enquanto referencial sutil de exclusão do indesejável socialmente. É no ato banal de cuidar da aparência segundo os padrões vigentes, através de gestos de embelezamento cada vez mais numerosos e detalhados, que se incorpora de modo camuflado imagens e nuances da feiúra associadas a traços de desprestígio social, étnico e cultural.

Estilos de vida

A aparência se constrói sempre no espelho do social; só adquire uma existência, um sentido e um valor estético através da confrontação com um conjunto de códigos sociais. As propriedades corporais são apreendidas através de uma gama de signos distintivos que é produto de uma fabricação propriamente cultural. *Esta codificação dos signos permite redigir um texto comum reprodutível sobre todos os corpos, verdadeira gramática do corpo que é a condição primordial da alteridade e da troca*²⁷. As diferenciações entre grupos sociais impõem ao corpo hierarquias que se expressam também sob formas de apresentação estética. Uma vez que os atributos estéticos são desnaturalizados pelo mercado de correção e modelação da aparência, e portanto, produzidos socialmente, adquire-se maior controle da correlação entre características físicas

²⁷ Durif, C. *op. cit.* p. 303

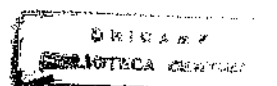
e grupos sociais. Ou seja, se a natureza não atribui necessariamente os adjetivos estéticos em função da hierarquia social, a construção de formas de percepção e apreciação do corpo tende a produzir correspondências entre beleza, feiúra e espaços de poder de modo ainda mais preciso, devido a capacidade técnica de correção e modelagem física. Dada a concepção funcional do corpo, que o apreende como um conjunto orgânico aberto às possíveis formas de intervenção, os sinais físicos-culturais podem ser inscritos ainda com mais insistência sobre as aparências humanas. À medida que a beleza e feiúra associam-se mais estreitamente a uma atitude pessoal referente ao próprio modo de relação com o corpo, passa a se reportar mais estreitamente, portanto, a diferenças de estilos de vida.

Recorrendo novamente a Pellegrino, os estilos de vida podem ser concebidos como expressões de práticas distintivas, estruturadas, definindo-se em suas relações mútuas. Há então sistematicidade dos estilos de vida e do conjunto que as constituem²⁸. Segundo Featherstone, *no âmbito da cultura de consumo contemporânea a expressão estilo de vida conota individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias de uma pessoa etc , são vistos como indicadores de estilo, de individualidade, gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor*²⁹. Para certos autores, como Bourdieu³⁰, os estilos de vida são *habitus* inculcados e transmitidos. A estrutura dos estilos de vida é homóloga à estrutura das condições de existência das diferentes classes e de seus diversos fragmentos. A

²⁸Pellegrino, Pierre, *Espaces et styles de vie, Espaces et Sociétés*, n. 73

²⁹Featherstone, Mike *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*, Studio Nobel, São Paulo, 1995, p. 119

³⁰Bourdieu, Pierre *La distinction, Critique sociale do jugement*. Minuit, Paris, 1979



estrutura do espaço simbólico que define as práticas distintivas articula a distribuição do capital cultural a *habitus* de classe, num campo de concorrência pela classificação. Constelações específicas de gosto, preferências de consumo e estilo de vida estão associados a ocupações e frações de classe específicas, tornando possível mapear o universo de gosto e estilo de vida, com suas oposições estruturadas e distinções graduais sutis.

O *habitus* não opera somente no plano da cognoscibilidade cotidiana, mas está inscrito no corpo. Ou seja, na esfera corporal também se opera os *esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes* aos quais o *habitus* diz respeito³¹. Bourdieu mostra que é o *habitus* de classe que produz certas práticas corporais como critérios corporais e culturais de classe. Manifesta-se no tamanho do corpo, forma, volume e postura, nos modos de andar, sentar, comer e beber, na porção de espaço e tempo social que um indivíduo se sente no direito de reivindicar, no grau de estima pelo corpo, tom de voz, sotaque, gestos corporais, expressão facial, sentimento de bem-estar com o próprio corpo. As propriedades corporais são apreendidas através de categorias de percepção e de sistema de classificação social que não são independentes da distribuição entre as classes sociais das diferentes propriedades. As taxonomias em vigor tendem a opor as propriedades mais frequentes nos dominantes e as mais frequentes nos dominados³².

O modo de relação com o corpo presente nesses periódicos remete a valores da cultura de consumo que organizam cada vez mais as formas de sociabilidade: primazia do indivíduo, preocupação

³¹ Bourdieu, P. *Razões Práticas*

³² Bourdieu, P. *Remarques Provisoires sur la Perception Sociale du Corps*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 14, abril, 1977

com a saúde, exaltação da juventude, enaltecimento das proezas corporais tanto no domínio da apresentação, da sexualidade, das formas ideais de preservação. Prestigia-se os investimentos no corpo como forma de expressão da individualidade, estimulando a manifestação da personalidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, roupas, práticas, experiências, e disposições culturais. Os qualificativos associados à moda vestimentária traduzem bem esses valores. Evocam sucesso, personalidade, sedução, elegância, originalidade. Assim, o discurso desses textos gira em torno de diversos estereótipos globalmente favoráveis. As categorias de avaliação e percepção do corpo são apresentadas nas revistas com convicção natural, fazendo-se esquecer o caráter ideológico do gosto. De acordo com o contexto *democrático* da cultura de consumo, enfatiza-se o modelo estético ideal como acessível a todos. As pessoas podem e devem transformar seus corpos. Destaca-se o barateamento dos tratamentos estéticos, as possibilidades de cuidados físicos até para os que dispõem de pouco tempo ou dinheiro, prescrevendo-se formas de dedicação ao corpo mesmo em situações adversas. Constitui-se, inclusive, uma característica dessas revistas a apresentação de alternativas a diversos tipos de obstáculos que possam dificultar os cuidados de si.

*Não sobra tempo para cuidar da beleza?(...)Veja quanta coisa você pode fazer por sua pele, seu corpo e seu cabelo na hora do almoço(...)*³³

*Roupas para você fazer bonito - sem quebrar*³⁴

³³ *Corpo a corpo*, julho, 1998, p. 43.

No entanto, apesar das práticas corporais legitimarem e generalizarem um modo de relação com o corpo, as formas e graus de acesso aos cuidados físicos revelam-se hierarquizadas, definidoras de posições sociais, através do próprio modo como se estabelecem e se caracterizam. As revistas, evidenciam a vinculação dos grupos sociais mais favorecidos às práticas corporais e formas de apresentação estética consagradas. A preocupação com o estilo e individualidade, roupas de griffe e produtos da moda, cosméticos com tecnologia de ponta, sofisticadas academias de ginásticas. Trata-se de um conjunto de referenciais que definem um dado universo social.

Difundir um sistema particular de categorias de percepção e de apreciação da identidade individual é sempre fazer reconhecer a legitimidade das características distintivas das quais se é portador enquanto indivíduo ou enquanto membro de um grupo e de um estilo de vida no qual elas se inserem. O olhar sobre o corpo advém de um poder social, que deve parte de sua eficácia ao fato de que encontra naqueles aos quais se dirige o reconhecimento das categorias de percepção e de apreciação que ele aplica. *As representações impõem um modelo somático em que observância e observação se refletem uma a outra, em que ver e obedecer se interpenetram e se fundem insidiosamente*³⁴. O discurso sobre o corpo nesses textos desenvolve-se através desse reconhecimento. Os gestos de cuidados físicos aí veiculados carregam consigo a legitimação e generalização de um certo estilo de vida, impondo uma constelação particular de gostos, de modo naturalizado, fazendo esquecer seu caráter ideológico.

³⁴ Vip, janeiro, 1999, capa

³⁵ Hérítier, J. *op. cit.*, p. 101

Há grupos, camadas ou frações de classes sociais específicos, que estão diretamente envolvidos na produção simbólica especialmente na produção de imagens e informações celebradoras de estilo de vida³⁶ e assim também na representação legítima de corpo. Estes apresentam maiores possibilidades de inserção nas práticas corporais. Possuir uma boa aparência é sempre antes de tudo é produzir seu corpo de acordo com referenciais estéticos e culturais impostos por grupos sociais, estilos de vida consagrados. Os hábitos de cuidados físicos divulgados tanto se fazem inacessíveis a determinados grupos sociais como também consagram valores próprios a grupos de referência dominante.

*Sapatos de 100 reais duram a metade de sapatos de 200, mas sapatos de 400 duram a vida inteira*³⁷.

Se pensarmos nos diversos tipos de investimento na aparência veiculados nesses textos necessários para uma aproximação do modelo físico ideal, podemos ver que a ausência de investimento estético é expressão sensível da distância em relação ao poder econômico, social e cultural. Uma vez que se trata de práticas voltadas para um modo de inserção no mercado de consumo, o poder aquisitivo apresenta-se como fator limitante no acesso às atenções corporais. As revistas mostram o papel da capacidade econômica na produção estética. Os requisitos físicos valorizados, bem como a eliminação dos traços feios do corpo são particularmente bem acessíveis através do poder aquisitivo. Os qualificativos estéticos tornam-se bens de consumo que demandam investimentos consideráveis de tempo, dinheiro e conhecimento a fim de serem

³⁶Featherstone, M. *op. cit.*

conquistados, mantidos e exibidos adequadamente. Trata-se, assim, de um universo onde se pressupõe uma disponibilidade financeira suficiente para se engajar nos cuidados físicos veiculados.

*Não há pobreza que justifique camisas baratas*³⁷.

*O que você encontra em ponta de estoque é o que outras pessoas se recusaram a comprar ou aquilo que uma empresa acredita que você comprará por ser o tipo de sujeito que frequenta essas lojas*³⁸.

*Beleza que você pode pagar: Acabar com a celulite, suavizar as linhas das estrias e combater definitivamente a flacidez. Acredite! Estes sonhos estão a seu alcance. Nas clínicas de estéticas, é possível montar pacotes de R\$ 1.000, R\$ 2.000 e R\$ 3.000 e ganhar um corpo novinho em tempo recorde. O que você está esperando?*³⁹

As modificações em nossas percepções sobre o corpo desenvolveram-se em função das distinções sociais, assinalando a imposição de uma forma de julgamento estético oriundo de um modo de relação e representação do corpo característico das classes sociais mais privilegiadas. À medida que se constroem os critérios de prestígio estético configura-se também o campo social que tende a ser despossuído dessas qualificações. Devido a falta de domínio das camadas mais populares dos meios econômicos e culturais para concretizar o consumo, os tipos de cuidados consagrados com o corpo são bem menos acessíveis. O grau de atenção dada ao corpo - na sua aparência externa ou suas sensações internas - cresce à

³⁷ *Vip*, março, 1998, p. 105

³⁸ *Vip*, junho, 1998, p. 104.

³⁹ *Vip*, março, 1998, p. 104.

medida em que se sobe na hierarquia social⁴¹. Bourdieu afirma que os investimentos no corpo constituem-se uma forma de capital. O corpo designaria, assim como outros objetos técnicos, o lugar do indivíduo na hierarquia de classes, constituindo-se como um signo de status muito íntimo, cujo rendimento simbólico é muito forte à medida em que ele não é mais percebido como tal, e não é jamais dissociado da própria pessoa que ele habita.

Os requisitos culturais também são fundamentais para a produção da aparência: *Chapéu de palha é hit neste verão; batons muito vermelhos devem ser evitados no dia a dia; secador sempre morno, à distância (...)* É imprescindível o conhecimento dos novos produtos, serviços, modas e práticas voltados para a estética, bem como de seu valor cultural e social e de seu uso adequado. Os periódicos destacam a importância de saber se expor corretamente, de saber se produzir de modo apropriado às diferentes circunstâncias. Tempo, esforço e dinheiro consideráveis precisam ser empregados para o desenvolvimento de um senso estético adequado além de um comportamento flexível que possibilite se manter a par do conjunto de informações quanto aos estilos e tendências prestigiadas com respeito a apresentação de si.

A cultura de cuidados físicos exprime e modela formas de existência social.

⁴⁰ *Corpo a corpo*, março, 1998, p. 70.

⁴¹ Boltanski, L. *As Classes Sociais e o Corpo*, Edições Graal, R.J., 1979

*Por mais que você goste de variar o guarda-roupa, devem predominar peças que revelam mais do que suas curvas. Revelam o seu jeito de se vestir.*⁴²

*A bolsa e a vida! Carteiras e estojos para anunciar o seu estilo...de vida*⁴³.

Podemos entender que os estilos de vida são estruturados socialmente de modo que se ajustam a um equilíbrio de conjunto, alguns se inscrevem à margem, outros seguem pólos de atração⁴⁴. Assim, o discurso dessas revistas sublinha modos de agir e pensar próprios a determinadas categorias sociais mais articuladas aos referenciais valorizados socialmente. O estilo de vida coloca em correspondência manifesta uma maneira singular de se afirmar e as qualidades morais que as pressupõem⁴⁵. O que se expressa nas atitudes em relação à sexualidade, corpo, trabalho, lazer. Os cuidados com a apresentação pessoal acentua certos aspectos da aparência que são bastante consagrados em nossa sociedade, mas que se relacionam mais precisamente a determinados grupos sociais. A preocupação com o estilo, a higiene minuciosa, a atenção com os cabelos e barba, o tratamento da pele, a qualidade das roupas.

*Duas regras simples para nunca transigir. Os punhos das mangas do paletó devem cair naquele ponto exato onde o pulso se encontra com a mão. E os punhos da camisa devem se estender um centímetro além. Um sinal certo da alta qualidade do terno é um paletó com casas verdadeiras*⁴⁶.

⁴² Boa Forma, março, 1997

⁴³ *Vip*, abril, 1998, p. 105.

⁴⁴ Pellegrino, P. *op. cit.*, p.166

⁴⁵ Pellegrino, P. *op. cit.*

⁴⁶ *Vip*, fevereiro, 1997

A alimentação, os regimes de emagrecimento, os exercícios, os gestos veiculados nestes textos fornecem também significados, valores, normas a serem absorvidas pelo sujeito, incorporando, assim, categorias sociais em seu interior psicológico. Trata-se de aderir através das práticas e das modificações corporais aos valores culturalmente desejáveis que lhes são associados. Os objetos e os sinais físicos e culturais são inscritos sobre a superfície do corpo. As vestimentas, jóias, produtos de maquiagem, trabalho, casa, carro, aí veiculados contribuem, para marcar o corpo e ligar os indivíduos a seus sistemas de significados através dos quais fornecem signos que os outros e eles mesmos podem ler. São gestos, portanto, que marcam o corpo, transformando-o, construindo um tipo de corpo particular.

Eis um guia do que um cara charmoso deve ter na sala, na garagem, na cozinha e no quarto para fazer brilhar os olhos daquela gata logo na primeira visita.

Há momentos em que ser e ter é mais ou menos a mesma coisa. Quando ela finalmente aceitar o convite para entrar e tomar um cafezinho (e sabe-se lá o que mais), vai querer ver provas de que você é um cara realmente charmoso. (...)⁴⁷

Os cuidados físicos associam-se a sofisticação. A sofisticação da relação com o corpo e dos modos de vida aos quais esta diz respeito. Mesmo quando se busca uma produção *natural, despojada*. Um estilo de beleza mais natural não dispensa um corpo bem tratado, ao contrário, essa exigência torna-se até maior. Um rosto com pouca ou nenhuma maquiagem deve estar bem cuidado. Cremes e loções para cada tipo de pele, shampoos específicos, fazem-se

⁴⁷ Vip, abril, 1998, p. 102.

imprescindíveis. A própria demanda pelo natural já é engendrada pela sofisticação da sociedade industrializada que estimula essa forma de contraponto. No embelezamento feminino, diversas produções da aparência associam-se ao luxo, à sofisticação, para dar o efeito de beleza e sedução. O retrato típico da mulher embelezada é o da sua apresentação para uma ocasião que evoque a sofisticação, e requer um apuramento estético detalhado. Sua aparência, nesse caso, evidencia bem o artifício - as unhas pintadas, as formas desenhadas de sombrancelhas, olhos, lábios, o rosto maquiado, o penteado do cabelo, o salto alto. O brilho frequentemente compõe a produção de sua imagem - seja nos lábios, nas roupas, nos adornos, nas jóias. A referência ao prestígio estético é várias vezes associada a requisitos de sofisticação e status social *Azul, vermelho e prata, porque é chique*⁴⁸

Dourado é o que não falta em acessórios, embalagens e detalhes de beleza. Escolha o toque de Midas que combina com a sua personalidade e brilhe por aí.

Uma vez que a beleza ainda se associa estreitamente à representação de mulher⁴⁹, podemos compreender que a atenção masculina dada a boa aparência está ainda mais vinculada a classe social do que os cuidados femininos, mais generalizados entre as mulheres - considerando é claro, que o grau dessas preocupações sofre grande variação em função do nível social. Assim, no que diz respeito ao universo masculino, charme, elegância e sedução são qualidades almejadas por homens de nível social mais favorecidos. O tratamento dado ao corpo evidencia bem isso, é mais delicado,

⁴⁸ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 50.

⁴⁹ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1998, p. 26

⁵⁰ Conforme Perrot, M. a associação entre feminilidade e beleza atravessa os séculos e as culturas. Ver

detalhado: as preocupações com as rugas, a voz, as unhas, a postura, a depreciação da barba, do bigode. Tratam-se de cuidados com a aparência de um homem que se insere com certas credenciais nas relações de competitividade social, e que busca ou que possui uma posição socialmente favorável. Portanto, há também um universo de valores que perpassa as informações sobre os cuidados físicos. Podemos destacar a exaltação do poder aquisitivo, do sucesso e *status* social, dos progressos tecnológicos, da sofisticação da vida moderna.

Os conselhos estéticos veiculam, uma gama de referências sociais que literalmente incarnam a aparência prestigiada, constituindo-se como elemento desta imagem : A gravata com design *“petits-points” parece ser capaz de emprestar aquele ambicionado toque de refinada simplicidade a todo homem que a amarra com classe*⁵¹. A vestimenta, principalmente, possibilita uma manipulação considerável sobre uma gama de informações que se pretende passar sobre si mesmo exibindo mensagens explícitas, quanto ao estatuto social e a identidade dos sujeitos que as usam. Principalmente nas revistas masculinas, os hábitos de vestuário sublinham o desejo de acesso a certo grau de distinção social, num projeto “especificamente” estético. Nessa perspectiva, personalidade, *status*, elegância, são elementos imprescindíveis na apresentação de si. *O blazer não morre jamais (Sobretudo se tiver qualidade e fizer de você um sujeito elegante)*⁵²

A boa aparência é símbolo de mérito pessoal e social. Os julgamentos sobre o modo de relação com o corpo são

Duby, G. e Perrot, M. *Images de femmes*, Paris, Plon, 1992

⁵¹ *Vip*, março, 1998, p. 101.

⁵² *Vip*, abril, 1999, p. 96.

frequentemente percorridos por valores sociais, revelando uma representação de sociedade. Por isso, as transgressões às suas normas - como as formas de produção da aparência não legitimadas, ou o desleixo - são aversivos, estética e moralmente. Todo descuido com a apresentação de si é reprovável. Tudo o que se afasta do modo consagrado de relação com o corpo remete imediatamente o equívoco, de valores, atitudes, julgamentos. *Homem que é homem lava o rosto com água e pronto? Esqueça. Seu tio comunista pode não aprovar, mas cremes e tônicos lhe farão um bem danado*⁵³. A alusão deturpada e depreciativa aos valores de esquerda contribui na conotação de ultrapassado ao desleixo pessoal, ao mesmo tempo em que reforça a associação da boa aparência e dos cuidados com o corpo ao triunfo dos valores da vida moderna, e, portanto, da sociedade capitalista.

O discurso sobre o corpo é um veículo fácil para a transmissão de valores. *Imagine tirar da bolsa um batom com uma sofisticada e luxuosa embalagem dourada, passá-lo suavemente nos lábios, enquanto aquele homem maravilhoso olha para você hipnotizado*⁵⁴. Um simples comentário como este evoca todo um conjunto de imagens associadas direta ou indiretamente a valores sociais e papéis sexuais, sem que estes sejam explicitamente enunciados, reiterando, assim, uma gama de referenciais consagrados até nos princípios de identidade e diferenciação entre os sexos, produzindo um conjunto de expectativas e aspirações estéticas - e sociais - que reforça comportamentos e estereótipos.

Nos periódicos masculinos, por exemplo, os homens se apresentam como grandes entusiastas da beleza feminina. Traduzem bem o reconhecimento com respeito à mulher bela e que se cuida,

⁵³ *Vip*, novembro, 1997, p. 159.

representando perfeitamente as expectativas masculinas tomadas como referência - explícita ou implicitamente - pelas revistas femininas em suas orientações para o embelezamento. Através desse acordo com respeito a representação do corpo e o comportamento entre os sexos se incorpora também um conjunto de valores sociais de forma quase naturalizada. Isso se ilustra bem no modo como se reforça e se exalta nas revistas masculinas uma certa convergência e cumplicidade entre os homens quanto às atitudes perceptivas e comportamentais referentes à aparência da mulher. É esse consenso de comportamento e gosto que suspende totalmente qualquer tipo de divergência de valores. A atitude masculina diante da mulher bela é apresentada como indiferente e independente de qualquer princípio ou ideologia. Ela apenas evoca aspirações dos homens com respeito ao sexo oposto, suspendendo qualquer outro referencial. Como se a referência a bela aparência feminina colocando em evidência o desejo masculino, esvaziasse de sentido qualquer conteúdo social e ideológico que aí se possa apresentar⁵⁴. A ênfase na convergência e cumplicidade entre os homens quanto ao comportamento com respeito a mulher, despoja de qualquer valor o discurso sobre o corpo - ao mesmo tempo em que este se reveste de grande carga ideológica - contribuindo na retirada do questionamento em função da força dessa evidência. Quando esses periódicos, por exemplo, simulando uma cumplicidade masculina, expõem de antemão a resposta que o leitor terá diante da exibição da imagem de uma mulher - ou seja, o reconhecimento de sua beleza e a

⁵⁴ *Corpo a corpo*, outubro, 1997, p. 16

⁵⁵ Devemos considerar que é da ordem da impressões estéticas, principalmente se atreladas ao desejo sexual, excluírem a reflexão, o que não significa necessariamente predominância sobre a mesma. O discurso das revistas, no entanto, atua intensamente nesta direção, a ponto de tornar as referências ao corpo neutralizadas ideologicamente. É nesse sentido também que se apresenta de modo naturalizado as atitudes perceptivas e comportamentais masculinas com respeito à mulher. Trata-se, aqui, da própria expressão da virilidade.

manifestação do desejo por esta - ela reforça tanto a evidência estética desta imagem como o comportamento masculino com respeito a mesma. O mundo se divide aí entre homens e mulheres. Tudo converge nesse sentido. A estética da aparência humana permite manipular e veicular uma série de valores e referenciais sobrepondo-se amplamente a estes pelo seu impacto diante do olhar humano, ao mesmo tempo em que os coloca em questão. Ela focaliza, reitera e exalta valores, à medida que os oculta através da evidência da beleza - ou da feiúra - de uma imagem. Sendo, inclusive, que este reconhecimento estético não deixa de se manifestar *também* através desses próprios referenciais que se oculta.

As imagens do corpo se apóiam sobre um dispositivo de normas e significações, que tendem a adquirir características particulares de acordo com a hierarquia entre os grupos sociais. Os estilos de vida estruturados socialmente se ajustam a um equilíbrio de conjunto de modo que alguns se inscrevem à margem, outros seguem pólos de atração⁵⁶. A estética sintetiza bem essas distinções. Isso se reflete na forma como certas características da boa e má-aparência são diretamente traduzidas como sinais de *status* ou desprestígio social. A distinção, imponência, elegância de uma boa ou bela aparência espelham inversamente uma tendência à feiúra de tudo que é sinal de depreciação social. O que contribui na criação da própria plástica da feiúra. É nesse sentido que podemos ver um veredito estético através de enunciados que exprimem qualificativos sociais. Nesse caso, a feiúra é, não raras vezes, descrita diretamente

⁵⁶ Pellegrino, P. *Espaces et styles de vie, Espaces et sociétés*, n. 73,

por alusões ao demérito social: *Para você não parecer um pé-de-chinelo; Para não parecer um zé-mané, etc*⁵⁷.

Aparência e espaço urbano

*Estilo casual:(...) Se seu ambiente de trabalho é assim, você pode optar por um desses look no escritório (...)*⁵⁸.

*A comida do restaurante fica mais gostosa se você estiver vestido de acordo com o lugar*⁵⁹.

Para considerar suas roupas e seu corpo como sinal de prestígio, é preciso que o usuário adote condutas e procedimentos adequados a fim de promover sua distinção visível num dado espaço social. Ou seja, adotar as práticas corporais apresentadas nas revistas significa ter em vista um contexto ao qual será destinado as produções corporais. Os gêneros estéticos veiculados têm compromisso e identificação com determinados espaços sociais. O corpo só revela sua expressividade no âmbito de situações que precisamente o constitui como suporte de inscrições de significados. São estes contextos, e mais precisamente seu modo de ação sobre o corpo, que fornecem elementos para interpretá-lo. Os estilos de vida em destaque nestes textos carregam consigo imagens de seu mundo de referência. A associação da aparência a diversos referenciais (como trabalho, espetáculos, esportes, shopping) formam um todo significativo que exprime bem um modo de representação de um

⁵⁷ Vip, março, 1998, p. 86, 96.

⁵⁸ Boa Forma, maio 1997, p. 78

⁵⁹ Vip, junho, 1999, 105.

universo social. A cultura de cuidados físicos é, portanto, a apresentação de uma sensibilidade com respeito ao corpo que se enraíza num cotidiano para se traduzir como um modo de vida. Consideramos aí o próprio espaço físico onde estas se concretizam.

A relação corpo/espaço circula em todas as mensagens das revistas. A categoria do espaço é essencial na construção dos códigos de seu discurso. É condição para determinação das identidades e para a organização das práticas e representações corporais. Todas as referências espaciais acabam por se apresentar como suportes destes textos de maneira mais ou menos implícitas, possibilitando-se através delas se construir diversas formas de exaltação ao corpo. As práticas corporais remetem-se a formas de apropriação simbólicas dos lugares, a modos de vivenciá-los. O lugar incide sobre a representação social do corpo. Corpo em casa, corpo no trabalho, corpo na ginástica, corpo numa festa. Em suas diversas relações com o espaço que ocupa fornece os meios para uma apreensão da representação social que se veicula nestes periódicos.

Chamamos atenção para o tipo de vida urbana veiculado. Através da relação entre aparência e espaço urbano presente em quase todas essas páginas, podemos destacar alguns aspectos sócio-culturais atrelados aos referenciais estéticos que aí se sustentam. As revistas relacionam pessoas e estilos de vida a seu meio, que é propriamente o universo urbano; focalizando formas de vivenciar esse espaço em função da sofisticação dos modos de vida que exibem. As cidades mais modernizadas são aspectos fundamentais para dar sentido a representação de corpo nestes textos, para criar seu uso cotidiano. As práticas corporais aí exibidas atrelam-se a formas de vida que dizem respeito principalmente a características desses lugares: roupas para trabalho (para determinados tipos de

trabalho), restaurantes, lanchonetes, salões de beleza. Os discursos sobre os cuidados físicos apresentam-se integrados à vida cotidiana, prescrevendo hábitos e valores a serem incorporados no dia a dia, a se afirmarem como uma forma de relação com o corpo.

Assim, compreendemos que o espaço urbano é uma categoria essencial para pensarmos as práticas corporais na inseridas na cultura de consumo. As cidades e a diversidade de apresentações pessoais que ela abriga, exprimem a emergência dos valores que organizam cada vez mais os modos de sociabilidade nas quais se apóiam as apresentações corporais legitimadas na cultura de consumo, como a afirmação de si e submissão aos valores da moda. Primazia do indivíduo, preocupação com a saúde, exaltação da juventude, todos esses referenciais encontram suas formas de expressão na sofisticação desse universo. Este é o local onde se desenvolvem diversas atividades relacionadas direta ou indiretamente com os investimentos estéticos - as novidades em cosméticos, em academias de ginástica, os acontecimentos na área de fitness, os centros de compras e a própria exibição física, a *mise en scène* do corpo. Como afirma Sant'Anna, *falar do corpo é abordar o que se passa, ao mesmo tempo, fora dele. Mas o inverso também é válido. As cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem, e guardam em seu modo de ser e de aparecer os traços dessa afecção. Há um trânsito ininterrupto entre as aparências corporais e o espaço urbano, há um prolongamento infinito, e em via dupla, entre o gesto humano e a "marca" em concreto de suas ambições e de seus receios*⁶⁰ (...). Os periódicos focalizam um modo de relação com o corpo que diz respeito a forma de usufruir e vivenciar as cidades.

⁶⁰Sant' Anna, D. B. *op. cit.*, p. 17

O componente urbano complementa a representação corporal e a situa num “sistema de equivalência”. As revistas apresentam diversos elementos, que caracterizam essencialmente este universo, e que valorizam o discurso estético : *Dieta do supermercado*. *Lambaeróbica: à noite na danceteria a malhação continua*⁶¹; *Emagreça 2 kg por semana almoçando no escritório*⁶²; *Spas urbanos*⁶³.

De acordo com Pellegrino, podemos afirmar que os estilos de vida apresentam-se como princípios ativos de interação que relacionam um conteúdo vivido particular à forma de uma expressão urbana admitida⁶⁴. Assim, as apresentações de si e as práticas corporais veiculadas revelam-se como imagens que compõem um determinado mundo de referência, suas manifestações só são possíveis à medida que são estruturadas socialmente. Podemos compreender que estas se remetem a estilos de vida atrelados a *estetização* da vida moderna. Pretendemos expressar com esse termo, recorrendo a Featherstone, o modo como as paisagens urbanas apresentam-se em determinados centros *estetizadas e encantadas mediante arquitetura, outdoors, vitrines, anúncios, publicidades, embalagens, sinais de rua, etc. e mediante às pessoas reais que se movimentam por esses espaços: os indivíduos que, em graus variados, usam roupas, penteados e maquiagens da moda, ou que adotam formas estilizadas específicas de movimentar ou aprumar seus corpos*. Esse processo vincula-se a *extensão e a expansão da produção de mercadorias nas grandes cidades, que ergueu novos edifícios, lojas de departamentos, galerias, shoppings centers, etc,*

⁶¹ *Boa Forma*, dezembro, 1998, capa

⁶² *Boa Forma*, 1998, capa

⁶³ *Corpo a corpo*, março, p. 57

*produzindo uma coleção infindável de bens para revestir as lojas e abastecer os que por elas passam*⁶⁵. Esta característica inerente a certos espaços sociais é importante para se pensar a representação do corpo, dos estilos de vida e do universo social em relevo nas revistas.

A imagem da beleza e feiúra convencionais veiculadas nestes textos enraízam-se na sofisticação das cidades e da vida social. Esses espaços evocam diversas referências ao embelezamento e refinamento do corpo, seja pelos seus habitantes, seja através de cartazes, carros, vitrines, lojas etc. Trata-se de lugares em que percebemos com mais ênfase os investimentos no corpo e as transformações perceptíveis que eles provocam. A sofisticação maior da trama urbana e das vidas diárias das pessoas, a ênfase aos novos redutos de consumo e lazer, isto significa identificações mais fortes com o padrão legítimo de corpo. São matérias-primas para o desenvolvimento de um conjunto de disposições e classificações estruturadoras da aparência. Cultura dos *out-doors*, vitrines, *shoppings*, este é o ambiente que revela “naturalmente” a imagem da beleza e feiúra convencionais, tão destacadas nas revistas. É este universo social que ressalta a aparência, o caráter expressivo do corpo, e seu lugar como objeto de exibição e de distinção entre os indivíduos. Como nota Featherstone, o grau de estima pela aparência física aumenta com a sofisticação da vida urbana e os estilos de vida que aí se engendram. Nas cidades, as pessoas se dedicam a um jogo complexo com a aparência e a apresentação de si que repercute na proliferação dos signos na paisagem física e na trama urbana⁶⁶. O

⁶⁴Pellegrino, P. *op. cit.*

⁶⁵ Featherstone, M. *op. cit.*, p. 111. *A estetização da vida cotidiana não caracteriza necessariamente uma cultura pós-moderna, uma vez que essa tendência também remonta, segundo o autor, à experiência das grandes cidades de meados dos séculos XIX, descrita por Baudelaire, Benjamin e Simmel.*

⁶⁶ Featherstone, M. *op. cit.*

modo como as revistas focalizam os encontros sociais, a produção de si é próprio a este universo estetizado que coloca em primeiro plano a questão do estilo. A vestimenta, os adornos, a maquiagem, a gestualidade, as posturas, as etiquetas, apresentam nesse espaço papel mais importante regendo as interações e as representações sociais. Acentua-se a auto-expressão e a consciência de si estilizada através de roupas, comportamento, corpo. Os conselhos estéticos focalizam os sistemas de mensagens visuais, vestimentares e gestuais como meios de comunicar status e outras informações e de impulsionar o jogo da atração e do gosto. Sublinham jogos com a aparência corporal que se investem de sinais que implicam formas de leituras mais específicas aos modos de vida mais urbanizados.

*O visual faz o seu estilo. Romântica, modernosa, despojada, menininha: nas roupas, no perfume, nos acessórios e na lingerie, você revela o tipo de mulher que você é*⁶⁷.

As revistas sublinham a sofisticação crescente da vida moderna transformando o cotidiano, as práticas corporais, os hábitos, os valores expressos como novidades nas cidades: os *superleites invadem as prateleiras*; o *sugar busters*, o *regime da moda nos Estados Unidos chega ao Brasil*; *spas urbanos refrescam São Paulo*. As inovações dos diversos campos de investimento no corpo - ciência, tecnologia, moda, dietética, etc - que modificam as representações e atividades corporais são traduzidas e concretizadas nesses centros de consumo. Essa relação entre atrativos e novidades com respeito às práticas corporais e espaço urbano constitui-se como um importante elemento de referência no desenvolvimento do

⁶⁷ *Corpo a corpo*, março, 1998, p. 52.

discurso das revistas em quase todos seus artigos. A atenção dada a essa relação fica bem evidenciada, por exemplo, nas próprias seções dedicadas a complementar as informações desses artigos - *onde encontrar (Vip, Boa Forma)*, ou *endereço (Corpo a Corpo)*. Páginas estas que se referem sempre aos centros de consumo mais sofisticados: lojas de griffe, *shoppings*, galerias, centros de estética e academias de ginásticas famosas - lugares fundamentais no engendramento da dinâmica de todo um modo de ser.

Destaca-se a metrópole, a sofisticação da vida moderna, e das vidas diárias das pessoas, o desenvolvimento de novos redutos de consumo e lazer. As revistas exaltam a extensão e expansão das mercadorias, serviços, voltados para a beleza e conforto corporais, remetendo ao progresso dos refinamentos da vida moderna.

*Crunch, uma academia do barulho: Uma, não. Seis! A rede Crunch é uma verdadeira mania nos Estados Unidos, com filiais espalhadas em Nova York e Los Angeles. A razão de tanto sucesso? Para eles não existe boa forma sem muita, muita diversão(...)*⁶⁸

*(...) Na cidade de São Paulo onde há pouquíssimas áreas de lazer as pessoas passaram a se exercitar nos shoppings. Alguns deles estão abrindo suas portas mais cedo, às 7 horas, para quem quiser malhar (...) Enquanto escadas rolantes (paradas) funcionam como step e marcações indicam a distância percorrida, em cada andar se reúnem pessoas com condicionamento físico semelhantes (...)*⁶⁹

Esse urbanismo sofisticado perpassa todo discurso sobre o corpo aí veiculado. Vestimentas, adornos, produtos de maquiagem, ginástica, cosméticos, valores, hábitos, O leitor encontra nestes

⁶⁸ *Boa Forma*, junho, 1997, p. 60.

textos um conjunto de referências que se articula a este modo de vida. Corpo, estilo de vida, produtos de consumo se atrelam nos referenciais urbanos. O mundo urbano cria formas de se vestir, de se sentir fisicamente, cria o estilo, o *look* :

Sinta-se B-D: Bonita e Disposta. O seu ritmo de vida está mais corrido do que nunca. Atender as exigências da família e da carreira profissional não é uma tarefa fácil. Mulheres modernas precisam da proteção de uma meia-calça de compressão bem desenhada que deve ser atraente e bem confortável. Para isso você precisa das Meias de Suave e Média Compressão B-D (...) ⁷⁰

Assim como seu dia não é sempre igual, seu perfume também não deve ser. O perfume Moments adequa-se a seu jeito de viver cada momento (...) ⁷¹.

Assim também, o ritmo de vida produz valores, hábitos e práticas corporais adequados tanto à agitação, como às necessidades de recomposição física. Daí a divulgação de um arsenal de produtos, técnicas serviços para estresse, insônia, tensão, etc: essências aromáticas com propriedades relaxantes para ambientes, sais e óleos para banhos, aparelhos anti-estress, massageadores. Portanto, são muitas vezes os fatores que se manifestam sobretudo na vida urbana que justificam alguns cuidados com o corpo. A pele e o corpo deve se proteger da poluição, do ar-condicionado, do estresse.

Sedentarismo: uma ameaça à saúde do mundo ⁷²

⁶⁹ *Boa Forma*, novembro, 1998, p. 58

⁷⁰ *Boa Forma*, novembro, 1998, p. 27.

⁷¹ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 16.

⁷² *Boa Forma*, setembro, 1998, p. 68

Diversos produtos de consumo reportam-se aos valores corporais e ao fluxo das atividades urbanas sublinhando cuidados estéticos e praticidade da vida:

*A nova linha de maquilagem outono/inverno da Givenchy é do jeitinho que a gente gosta: superprática, para você usar de manhã para trabalhar, dar uma retocadinha no meio do dia e emendar a noite... (...)*⁷³

*Cosméticos de embalagens apropriadas para viagens (...)*⁷⁴

*Observando o ritmo da mulher moderna não é de se surpreender que a maquiagem de longa duração tenha se tornado rapidamente uma das maiores tendências mundiais no setor. Um dos produtos que merecem destaque é o baton no-transfer (alta-fixação) (...)*⁷⁵

A atomização dos atores sociais, o desenvolvimento de um caráter plural e polifônico da vida coletiva e de suas referências, próprio aos centros urbanos, exprime-se também em pré-disposições e atitudes na relação com o corpo. Assim, as práticas corporais são atravessadas por modelos de vida, de pensamento, formas de representação social, próprios a este espaço social. Podemos destacar algumas dessas características :

A pluralidade e versatilidade dos comportamentos, dos referenciais, dos produtos.

*O carrinho de bebê que acompanha você na ginástica*⁷⁶;

⁷³ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 15

⁷⁴ *Corpo a corpo*, maio.

⁷⁵ *Corpo a corpo*, julho, 1997, p. 15

⁷⁶ *Boa Forma*, setembro, 1998

*Lentes de contato com formatos de estrela, flor, ou bola de futebol prometem ser a sensação do verão*⁷⁷.

*Kangoo jump: os alunos pulam com patins que em vez de rodas têm um sistema anti-impacto que funciona como amortecedor(...)*⁷⁸

A difusão de referências situadas em nível mundial. Esses textos aproximam os leitores dos acontecimentos internacionais no que diz respeito a valores, comportamentos, principalmente vinculados a esferas do consumo, da moda, ciência e tecnologia voltadas para estética e saúde corporal (a referência na maioria das vezes são os Estados Unidos). Além disso, o próprio discurso sobre o corpo é inserido num circuito mundial. As atividades físicas, os padrões estéticos são construídos e situados internacionalmente:

*Cientistas dos EUA, conseguiram prolongar o ciclo de vida de células humanas. Apesar da descoberta ser recente, tem gente apostando tudo na “fonte da juventude” (...)*⁷⁹

*O que é moda em Londres: cabelos estilo “joaozinho”, com franja curtíssima cortada na forma reta ou arredondada*⁸⁰.

*Superloja de tênis é sucesso em Nova York*⁸¹.

A exploração ao máximo dos prazeres e emoções são também características da sofisticação da vida urbana. Como afirma

⁷⁷ *Corpo a corpo*, janeiro, 1999, p. 12.

⁷⁸ *Boa Forma*, novembro 1998, p. 80

⁷⁹ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 15.

⁸⁰ *Corpo a corpo*, janeiro, 1999, p. 15

⁸¹ *Boa Forma*, fevereiro, 1997, p. 10

Featherstone, *este é o mundo dos homens e das mulheres que procuram a última novidade em termos de relacionamentos e experiências, que têm espírito de aventuras e assumem os riscos de explorar plenamente as opções de vida, conscientes de que têm somente uma vida para viver e precisam se esforçar muito para desfrutar, vivenciar e exprimir a vida*⁸². A busca por novas práticas, novas modas, sensações, novas experiências são enfatizadas nestes textos. A ênfase na sobrecarga sensorial é sempre recorrente. A relação com o corpo é uma forma de obter sensações novas, aventuras, emoções, de exploração da natureza, etc. As revistas oferecem um leque amplo de informações sobre formas de conquistas destas descobertas. Sublinha-se a emergência do novo, a marca da diferença, o estereótipo da distinção. Seu discurso apresenta-se, assim, como vitrine de um conjunto de mercadorias e experiências simbólicas produzidas pela indústria cultural, traduzidos em termos de produtos, lazer, esportes, serviços:

Novidades tecnológicas voltadas para o corpo :

frequencímetros cardíacos, cadeiras para alongamento, aparelhos para delectar sinais de stress etc.

Modalidades de ginásticas :

*Isostretching é a nova técnica que alonga, dá força e modela o corpo*⁸³.

*Chi-ball: aula zen que une aromaterapia à ginástica*⁸⁴;

*Bebê-peso: vídeo para ginástica localizada utilizando os filhos*⁸⁵.

Circo- academia; Rafting; Exercícios na selva, etc

⁸² Featherstone, M. *ibid*, p. 123

⁸³ *Boa Forma*, novembro, 1998, p. 55.

⁸⁴ *Boa Forma*, novembro, 1998, p. 53.

*Se você está querendo renovar sua atividade física, vai adorar a notícia: o Circo Escola Picadeiro de São Paulo está oferecendo a oportunidade de movimentar o corpo de forma diferente. Acrobacias, trapézios e malabarismos fazem parte do roteiro de aulas (...) Aprender as técnicas circenses é uma novidade que faz muito sucesso nos Estados Unidos (...)*⁸⁶

4- O corpo camuflado

A experiência social moderna diz respeito a multiplicação das escolhas individuais, e a legitimação da idéia de que a identidade pessoal é deliberadamente construída. Com a força crescente do universo do consumo na modelagem de diversos âmbitos da vida humana, os indivíduos tendem a ser interpelados no sentido de que suas identidades se exprimem através de escolhas de consumo. A cultura moderna, uma vez que projeta as identificações pessoais no universo de produtos que exhibe e oferece - este marcado por seu ritmo de transformação constante e veloz - produz, então, comportamentos e atitudes caracterizados pela transitoriedade, efemeridade, superficialidade. A personalidade é mais flexível e

⁸⁵ Boa Forma, 1998, p. 67

versátil e menos sólida e enraizada. As projeções individuais, substancialmente apoiadas nos valores de superfície do mercado de construção da identidade, encontra nas próprias características deste ambiente, referenciais fundamentais na produção estética da aparência, ou seja, elementos que primam por uma imagem frugal do corpo, desenraizada de sua própria materialidade.

Arteterapia para levantar o astral; Vida zen a mil por hora; Sorrir, rir, gargalhar ainda é o melhor remédio (...);

Uma característica particular que se destaca aos modos de vida exibidos nas revistas é a busca pela leveza, prazer, bem estar sem consequências. Uma *vida leve*, como traduz bem o título de uma das seções da *Corpo a corpo*. Como retrata Chalanset, com respeito as tendências do comportamento moderno, trata-se da *exaltação à leveza, a adesão aos valores de superfície*, como enfeites, adornos, aparência⁸⁷. Nas palavras das revistas (...) *aquelas pequenas coisas que fazem a vida valer a pena como bons cremes e cheirosos sabonentes*. São formas novas de sensibilidade com respeito ao mundo, às coisas, às pessoas que se apresentam como matérias-primas fundamentais para o desenvolvimento de um conjunto de disposições e classificações estruturadoras da aparência. O corpo é sempre fonte de satisfação nas revistas. O indivíduo pode e deve através dele descobrir diversas sensações agradáveis. A relação com o corpo é focalizada como forma propiciar prazer : os periódicos ensinam *como se fazer elegante, como tornar uma transa inesquecível, como apresentar um corpo de arrasar no verão*. De todas as maneiras procura-se subtrair os aspectos desagradáveis do

⁸⁶ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 117.

corpo. *Emagreça sem sacrifícios, tome sol sem descascar, clareie o cabelo sem o maltratar.* A própria alimentação deve se desvincular de seus aspectos prejudiciais. Deve ser apetitosa, saudável e embelezadora. Os cardápios das dietas devem ser menos sacrificantes e mais prazerosos. Esses textos evocam um mundo leve, ligeiro, desprendido do peso da preocupação: nas férias, *em hipótese nenhuma leve na mala algo mais pesado como o romance Crime e Castigo, de Dostoiévski.* Joga-se com a artificialidade, a aleatoriedade e a superficialidade⁸⁸, sublinhando a inconstância dos referenciais e comportamentos. Novo corpo, novo ambiente, novos valores, nova moda, novos esportes, novas ocupações, etc. Trabalho, negócios, compras, lazer, todas as atividades se apresentam de modo agradáveis. É retirado o peso da preocupação da vida humana. Os próprios conselhos estéticos orientam o leitor nesse sentido; seu corpo deve se liberar de todas as tensões que incidem sobre ele na vida cotidiana.

Este é o ambiente obrigatório que envolve as práticas corporais. A técnica, a indústria, a ciência são aí apresentadas como instrumentos na construção de um modo de vida *leve*⁸⁹. Essas demandas relacionam-se também com a abundante divulgação de produtos *light*, *diet*, *low fat* etc e a atmosfera que envolve essas reportagens e publicidades. A ênfase nos alimentos leves e pouco calóricos apontam para a imagem da forma física, e não do corpo em si e, por isso mesmo, é símbolo de distinção. Como mostra Bourdieu⁹⁰, popular é a alimentação reivindicada em sua verdade de substância; a que se refere ao corpo. Para um modo de vida mais sofisticado, a preocupação com a forma relega a substância a um

⁸⁷ Chalanset, A. *Le rêve sécularisé*, Autrement, p. 27-44.

⁸⁸ Featherstone, M. *op. cit.*

⁸⁹ Pennachioni, J. *op. cit.*

plano secundário, a estilização nega a grosseira realidade do ato de se nutrir. Alimentar-se do que é leve, alimentar-se pouco é atualmente signo exterior de distinção, como ser magro esportivo, elegante. Conquista-se a distinção assumindo-se plenamente as privações, os constrangimentos mas também os privilégios - sociais e estéticos - dos produtos dietéticos.

Fischler⁹¹ mostra que a obesidade predominava nas elites sociais quando o objeto da partilha social caracterizava-se mais pela quantidade de alimento, vista como metáfora de riqueza ou poder. Atualmente esse valor perde sua pertinência simbólica em função de outros tipos de riquezas mais qualitativas. Hoje se coloca em jogo a qualidade de vida, como a saúde, o bem-estar, etc. A magreza apresenta-se então como símbolo de um corpo saudável, de uma alimentação adequada, benéfica. Torna-se um requisito a ser cobiçado e perseguido. Por isso, atualmente, considera-se a tendência da gordura migrar na escala social. O modo distribuição social da gordura nos países "desenvolvidos" inverteu-se. A gordura é mais frequente nas classes pobres do que nas ricas. Um estudo realizado com uma amostra dos habitantes de Nova York mostra que os problemas mais graves de obesidade eram sete vezes mais frequente num grupo de mulheres de nível sócio econômico inferior do que num grupo de nível superior⁹².

A boa aparência é correlata a essa atmosfera que envolve o prazer da liberação do indivíduo, liberação da materialidade corporal, distinção e prestígio social. O verão sintetiza bem esses intercâmbios entre pré-disposições emocionais, corporais e estéticas.

⁹⁰ Bourdieu, P. *op. cit.*

⁹¹ Fischler, C. *op. cit.*

⁹² Moore, M. E., Stunkard, A., Srole, L. *Obesity, Social Class, and Mental Illness, Journal of the American*

É a estação que ilustra a ênfase dada a alegria, lazer, exibição física, prazer, etc. Sol, brilho, luz, bronze compõem as imagens de beleza. O brilho, inclusive, é um referencial bem recorrente nas revistas femininas seja como adorno, seja para induzir a idéia de prestígio estético: *Brilho por todos os lados; Morena é para brilhar; É ouro puro; Vaidade combina com dourado, O brilho que faz a diferença; Entenda porque certas mulheres possuem brilho próprio.* Essas referências se envolvem nas formas de percepção estética do corpo. Remetem-se a correlações permanentes entre um julgamento estético e um julgamento de conjunto que se desenvolvem num jogo associativo de estereótipos. A beleza, por exemplo, prima por um rosto leve, claro, liso, livre de marcas e sinais que denotem o peso físico e emocional da vida (como o trabalho, a emoção, a maternidade, o mal estar que marcam, enrugam, curvam, deformam os corpos precocemente). Sol, luz e beleza participam de um mesmo pólo positivo, de uma mesma matriz de imagens no nosso imaginário estético⁹³. Os excessos no corpo caracterizam a feiúra. Os traços exageradamente acentuados tendem a se apresentar sob uma estética negativa, expressam o endurecimento da face, seja através de um rosto, castigado, marcado, envelhecido, seja destacando uma fisionomia abalada emocionalmente (lembramos que a caricatura de um rosto feio se faz geralmente pelo exagero das traços). A boa aparência busca desviar-se da figura do sério, do triste, do sofrido. Quando a acentuação dos traços torna-se excessiva – através das características da fisionomia ou das marcas de expressões – tende a evocar a matéria o descontrole da emoção, o peso do ser. Uma fisionomia acentuada induz a uma forma de grosseria ou a uma

Medical Association, 1962, 181, pp. 962-966, citado por Fischler.

⁹³Nahoum, V. *op.cit.* Como destaca a autora, um certo retrato de feiúra começa a se inscrever numa baixa de luminosidade.

expressão da experiência dolorosa da vida, marcada nas linhas do rosto: *Sulcos profundos, cravados sem piedade em seu rosto – mesmo quando você não está de mal com a vida – são suavizados e podem até desaparecer com injeções de ácido hialurônico*⁹⁴. As marcas materiais do corpo devem desaparecer, a fisionomia deve se purificar. A harmonia contribui com esse efeito de beleza. As mulheres principalmente devem adequar a seu rosto e seu estilo pessoal, o formato dos olhos, nariz, boca, sobancelhas, maçãs, cabelo.

É preciso mover-se com leveza, ser leve. Os modelos de produção da aparência exibidos nestas revistas negam o corpo como peso, como lugar de pressão, coação e sofrimento. Destaca-se o que sobressai o indivíduo, em relação à matéria corporal. Insiste-se inclusive na necessidade de se liberar de todas as pressões exercidas sobre o corpo na vida cotidiana: fadiga, tédio, angústia (diversos são os conselhos para se fugir do stress, da depressão, etc). Os valores frugais veiculados nas revistas pedem um corpo desvinculado dele mesmo. O próprio tratamento dado este é feito de um modo leve, refinado, moderno. Sua realidade crua é filtrada e administrada. As revistas masculinas aparentemente comportam-se de modo mais audacioso na abordagem de temas corporais tocantes à vida privada e associados à vergonha quando publicamente revelados. Contudo, o recurso ritual do humor, característico dessas abordagens, desarma o constrangimento relacionados a esses temas. A concessão cedida é dissolvida pelo riso. O humor atenua tais assuntos tornando-os inofensivos: *Vire essa boca para lá! O ar que você exala está comprometido? Calma. Todo mundo às vezes tem mau*

⁹⁴ *Vip*, março, 1998, p. 90.

hálito. Saiba quando e por que ele aparece, elimine suas causas e beije sem medo (...)".⁹⁵

Bourdieu mostra que o conjunto dos signos distintivos que constituem o corpo percebido é o produto de uma fabricação propriamente cultural que tem por objetivo distinguir os grupos sobre o grau de cultura, isto é de distanciamento da natureza⁹⁶. A representação social do corpo legítimo, ao qual cada agente deve contar é obtida pela aplicação de um sistema de classificação social cujo princípio é o mesmo que o dos produtos sociais ao qual ele se aplica. No modo de relação com as coisas, quanto maior o distanciamento do substancial, do necessário, maior o prestígio social. À medida em que se sobe na hierarquia social apresenta-se um estilo de vida que privilegia a forma em detrimento da substância. Aí também se inclui a própria relação com o corpo. A oposição entre forma e substância revela estilos de vida diferentes. Os padrões estéticos legitimados estão vinculados a esses modos de vida que negam a essência, a substância, a carne em si. Uma espécie de ostentação se conjuga ao apagamento ritualizado do corpo.

Le Breton ⁹⁷ mostra como a simbólica social traduz a tendência de ocultação da materialidade física. Toda a sociedade implica ritualização das atividades corporais. A todo instante o sujeito simboliza através de seu corpo a tonalidade de sua relação com o mundo. A sociedade contemporânea apóia-se em um apagamento do corpo que se traduz por numerosas ritualidades empregadas no curso das situações da vida cotidiana. Apesar de um discurso em aparência mais liberado, as atividades corporais do homem moderno permanecem ocultas. Um exemplo é a prevenção do contato físico

⁹⁵ *Vip*, novembro, 1997, p. 140.

⁹⁶ Bourdieu, *P.Remarques Provisoires sur la Perception Sociale du Corps*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.14, abril, 1977

com o outro, contrariamente a outras sociedades onde tocar o outro, como na conversação corrente, é uma das estruturas elementares da sociabilidade. Todas as modalidades de interação social se instauram a partir de uma definição mutuamente aceita. A situação é implicitamente limitada por uma margem de posturas corporais, gestuais mímicas; uma distância precisa separa os interlocutores que sabem como devem se comportar uns em face dos outros e o que podem igualmente se dizer sobre suas próprias manifestações corporais sem se incomodar mutuamente. Toda conduta que escapa a sua definição social é vista como inconveniente. Ela pode suscitar a vergonha daquele que tomou consciência de ter rompido uma convenção estabelecida : um mal odor, uma respiração muito forte, um gesto inadequado, um riso descontrolado. O corpo deve sempre permanecer discreto.

A materialidade física deve se submeter a expressão da individualidade. O corpo é signo do indivíduo, é lugar de sua diferenciação social. Espaço geométrico da reconquista de si, a instância corporal apresenta-se como território a explorar, do qual pode-se extrair diversas sensações. Enquanto forma de afirmação do indivíduo, os gestos de embelezamento primam pela confecção da aparência de modo a produzir uma afirmação estilística específica capaz de exprimir a individualidade. A importância atribuída ao rosto é um dado sensível desta valorização do indivíduo através do corpo. *O rosto é o lugar ao mesmo tempo mais íntimo e mais exterior ao indivíduo; aquele que traduz mais diretamente e de maneira mais complexa a interioridade psicológica e também aquele sobre o qual incidem os mais fortes constrangimentos públicos. Em primeiro lugar são os rostos o que se investiga, os olhares que se*

⁹⁷Le Breton, *op. cit.*

*procura surpreender para decifrar o indivíduo*⁹⁸. A maquiagem destaca o valor dado a aparência enquanto símbolo de identidade e distinção. O desenho do rosto sublinha a diferença, define a particularidade, valoriza a personalidade, além de promover o efeito de harmonia corrigindo as imperfeições da pele e os traços desformes das bochechas, nariz, queixo, etc. A estética facial sublinha *o desejo de identificação a uma forma definida que se possa reconhecer como se reinasse uma ameaça de indistinção face a seu próprio rosto ou ao do outro sempre muito semelhante*⁹⁹. Na expressão está toda a importância do rosto. As sombrancelhas remetem a essa função de expressividade, constituindo-se como um suporte fundamental da pronúncia figurativa encarnada pelo rosto¹⁰⁰. Mais grossas, desenhavam uma figura mais rude, dão personalidade à estética viril do rosto masculino, tendem a concorrer contrariamente a expressividade mais delicada da face feminina. O traço escuro da maquiagem, delineando os supercílios e olhos, realça a fisionomia, define a singularidade do rosto através do olhar, símbolos da vida interior¹⁰¹. *Brilhe com olhos em destaque*¹⁰².

*O nariz não é muito grande, mas é largo demais e chama a atenção. De tal forma que não deixa que os bonitos olhos da modelo se destaquem*¹⁰³. Propp¹⁰⁴ mostra que os esquemas de percepção e de apreciação de diversas partes do corpo indicam entre estas uma hierarquia estética. Com a separação entre corpo e indivíduo as situações onde predomina a materialidade física sobre o sujeito

⁹⁸Courtine, J. *A história do rosto*, p. 226, *op. cit.* O autor mostra que essa forma de atenção ao rosto caracteriza o processo é indissociável da individualização e da socialização pela expressão.

⁹⁹Nahoum, V. *op. cit.*, p.

¹⁰⁰Ibid

¹⁰¹Nahoum sublinha que toda uma psicologia decorre deste primeiro olhar consensual, ou seja, são os traços escuros que caracterizam uma intensa personalidade.

¹⁰²*Boa Forma*, março 98, p. 41

¹⁰³*Corpo a corpo*, abril, 1997, p. 46.

¹⁰⁴Propp, V. *Comicidade e Riso*

tendem a ser desprestigiadas esteticamente. Como afirma o autor, tornar um indivíduo risível é chamar atenção para uma parte de seu corpo de modo que o constranja, ou seja, fazê-la sobressair em detrimento do sujeito. Propp mostra que a evidência corporal tende ao cômico. As próprias partes físicas são vistas nessa perspectiva. É assim, por exemplo, que se privilegia os olhos que refletem o ser, sua realidade profunda, sua espiritualidade, ao nariz, expressões de funções puramente fisiológicas. A boca, por sua vez, deixa de ser enfatizada enquanto órgão de deglutição para se destacar no papel do contato com o outro pela palavra¹⁰⁵.

A exaltação do indivíduo requer a camuflagem da materialidade física. As características estéticas que em geral estão em desacordo com o princípio de definição da particularidade e de expressão da individualidade tendem a se desenhar numa imagem de feiúra. O predomínio do corporal sobre o indivíduo remete à materialidade física indócil ao controle do indivíduo - a pele que teima a enruguar, distender, franzir, as gorduras que insistem no corpo, que lhe retiram a harmonia, que desestabilizam a forma, a geometria. É um gesto fundamental de embelezamento o cuidado para que todo o corpo seja bem delimitado. O corpo perfeito, fabricado pelo mercado de construção e remodelação da aparência simboliza a infinitude, o domínio de si: um corpo que pertence não à natureza, mas ao indivíduo. A fisionomia, as curvas, os contornos, devem ser redesenhados sob uma forma mais precisa, mais estilizada. É necessário não entregar a aparência física a si própria; daí a importância de se controlar as formas, o grão da pele, a barba,

¹⁰⁵ Bakhtin nos lembra da boca escancarada como órgão devorador, símbolo do corpo grotesco.

os pelos, o cabelo, possibilitando-se, assim, liberá-la de todos os excessos de matéria, favorecendo o indivíduo, o estilo:

*Sobrancelhas revoltas são coisas de homem. Pêlos saindo pelo nariz, não*¹⁰⁶.

*Não tem nada mais anti-estético do que uma virilha escura, pelinhos escapando do biquini e bolinhas encravadas.(...)Nem o biquini mais maravilhoso do mundo, nem um corpo escultural quebram o impacto de uma virilha com pêlos grossos e escuro à mostra(...)*¹⁰⁷

Os músculos podem ser exibidos com maior ou menor evidência, mas é necessário que todas as formas físicas estejam em harmonia e bem definidas. Os modelos estéticos primam por um corpo esbelto e geometricamente desenhado. O arredondamento do corpo, evoca a animalização do humano, a matéria física informe contra a expressão e personalidade. O gordo, por exemplo, atenua os contornos da definição do corpo, e assim da identidade do sujeito. Suas manifestações evocam o ridículo, o excesso, o estorvo, o desregulamento - nos limites do espaço do corpo, na alimentação, hábitos, hormônios, emoções¹⁰⁸ etc:

*Fui à casa de uma amiga e, na hora de levantar da cadeira, fiquei entalada. A cadeira veio junto com o bumbum. Foi deprimente. Prometi a mim mesma que no dia seguinte iria procurar uma academia*¹⁰⁹.

Roupas aderentes fazem um gorducho parecer um colchão amarrado. Se sua gordura se concentra no traseiro, use paletós à

¹⁰⁶ *Vip*, junho, 1998, p. 104.

¹⁰⁷ *Corpo a corpo*, janeiro, 1997, p. 36.

¹⁰⁸ Durif, *Op.cit.*

italiana, com duas amplas aberturas laterais (mire-se no exemplo de Jô Soares). Mas se você for do tipo Faustão, com um torso poderoso, um paletó sem as fendas traseiras pode ter um efeito emagrecedor. Ou quase...¹¹⁰

O corpo gordo reveste os primeiros traços de animalidade: sobre sua aparência, mas também na sua atitude, no seu pensamento e no seu modo de nutrição¹¹¹.

Emagreça a sua cabeça: quando as emoções pesam na balança (...)¹¹²

A cultura moderna, que situa a visão no topo da hierarquia dos sentidos, dedica à pele uma extrema atenção na apreciação estética. É ela que delimita o corpo interior do exterior, demarcando o espaço individual, dando, portanto, coerência a imagem moderna da carne fechada em si mesma, perfeitamente lisa, acabada. É objeto de repúdio tudo que tende a agredir essa imagem, tudo que evoca o corpo voltado para fora dele mesmo, para as saídas de seu invólucro. A superfície que envolve o corpo deve ser lisa, polida, sem rugas, onde nada escape ao controle. O interior físico não deve se manifestar no exterior. Como é o caso das estrias, celulites, flacidez. Estas, exibidas ao olhar remetem ao desregramento corporal interno, à matéria física entregue a si própria. A celulite, por exemplo, desencadeia-se quando *por algum motivo, as paredes dos vasos capilares que irrigam a pele ficam frágeis, deixam vazar líquido que se acumula entre as células de gordura e não conseguem*

¹⁰⁹ *Corpo a corpo*, abril, 1997, p. 74.

¹¹⁰ *Vip*, julho, 1997

¹¹¹ *Ibid*

¹¹² *Boa Forma*, setembro, 1997, 68.

*levar embora as toxinas*¹¹³. Daí a importância em se corrigir a face e o corpo, em se extrair as marcas, os excessos de sinais morfológicos, cicatrizes, manchas, verrugas, saliências, asperezas. Repugna o *corpo esburacado que pode absorver ou deixar escapar, sem reter, nem conter*¹¹⁴. São imagens que contradizem imediatamente o corpo moderno, reenviam à materialidade, ao corpo escancarado a sua realidade crua: *Nariz sem cravos: Poucas coisas na vida podem ser tão asquerosas e doloridas quanto passar horas na frente do espelho espremendo cravos do nariz. Ou melhor, pode: sua namorada resolve fazer a faxina para você. (...)* ¹¹⁵.

Sob o propósito de afirmar valores corporais, de expor o íntimo em toda a sua descontração, a ética dos cuidados físicos apaga tudo que emana do interior. A liberação do corpo faz-se sob a égide da higiene, de um distanciamento da animalidade do homem: seus odores, secreções, idade, fadiga.

*Você só pode se dar ao luxo de não usar desodorante se transpirar muito pouco - quase nada - e se o seu suor não tiver cheiro (o que é raríssimo). Caso contrário, ele será um aliado diário. (...)*¹¹⁶

A eliminação de qualquer odor físico mostra a pouca intimidade das pessoas com a materialidade corporal. O cheiro do próprio corpo, uma das características mais particulares e identificadoras de cada pessoa, assim como as linhas das mãos, é interiorizado pelo sentido social como objeto de repúdio¹¹⁷. Nosso sistema de valores associou os odores corporais ao desgosto, este

¹¹³ *Boa Forma*, dezembro, 1998.

¹¹⁴ Courtine, J. *Le fisionomie du corps impudique*

¹¹⁵ *Vip*, maio, 1998, p. 105.

¹¹⁶ *Corpo a corpo*, janeiro, 1997, p. 81.

¹¹⁷ Le Breton, D. *op. cit.* O autor lembra da importância da educação na infância para imbuir na criança o sentido negativo dos odores corporais. No entanto, ela resistirá muito tempo antes de interiorizar o significado social do odor que consiste essencialmente no repúdio.

aspecto é ainda mais acentuado quando se trata dos odores dos outros.

*Não existe nada mais decepcionante do que um rapaz lindo, charmoso, envolvente, mas, ao se aproximar, sentir um aroma desagradável vindo de sua boca. Pior ainda quando alguém chama você discretamente para avisar: você está com mau hálito. A segurança o bom humor, o sorriso desaparecem como que por encanto*¹¹⁸.

O odor atua em profundidade sobre nossos comportamentos. A presença do cheiro do próprio corpo humano modifica imediatamente o contato social. Proferir-se a respeito do odor de uma pessoa ou de si próprio é sempre objeto de grande resistência. Os cuidados corporais acentuam seu caráter negativo, principalmente no que diz respeito às relações sociais. As atenções estéticas sublinham as grandes vitórias da ciência e tecnologia com respeito a atenuação dos odores do corpo humano - desodorantes corporais, desodorantes vaginais, até mesmo saliva artificial, para os casos mais persistentes de mau hálito. O perfume, que vem substituir essa característica intrínseca a cada corpo, afirma-se, paradoxalmente, como uma marca identitária. Daí a importância da originalidade, especificidade na escolha das essências. Valorizando a aparência e a apresentação de si, é um recurso poderoso no jogo da atração e sedução. O perfume identifica-se mais com a representação social do corpo do que o odor característico do corpo em si, adequando-se, inclusive, à pluralidade, versatilidade e diversidade dos comportamentos individuais: *Assim como seu dia não é sempre igual, o seu perfume também não deve ser (...) Moments, uma linha de fragância para*

¹¹⁸ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1998, p. 82.

*cada momento de seu dia*¹¹⁹. O perfume se adequa aos estados de espíritos, às diferenças de personalidade. *Allure(...) um perfume para quem tem presença marcante é feminina e gosta do jogo da sedução*. Por outro lado, os odores corporais associados à higienização inadequada, sublinha atitudes relativas ao nojo do próprio corpo, dispositivo fundamental do processo civilizatório no desenvolvimento do repúdio e resistência à materialidade física. Sua presença remete sempre ao interior físico. O mal cheiro do corpo constitui-se dos atributos símbolos da feiúra. Como se esta categoria estética não pudesse se apresentar sem imagens de *impureza orgânica*¹²⁰. Sua eliminação é, portanto, requisito imprescindível da beleza e higiene pessoal. O demérito estético incide também na idéia do corpo mal higienizado, construindo uma imagem de beleza que produz sempre um corpo sem odor, perfeitamente limpo, distanciado de seu próprio interior orgânico.

*Um bom chuveiro faz milagre(...); Esperar que um banho cumpra apenas as funções rotineiras de higiene é desprezar todo o seu potencial de proporcionar beleza saúde e prazer*¹²¹.

*H₂O fórmula de beleza*¹²²

*Dez razões para você beber mais água*¹²³

*Um copo d' água em jejum limpa o aparelho digestivo e estimula os rins. Livre das toxinas, sua pele respira e fica bonita*¹²⁴.

¹¹⁹ *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 16.

¹²⁰ Nahoum, V. *op. cit.*

¹²¹ *Corpo a corpo*, maio, 1997, p. 36.

¹²² *Corpo a corpo*, novembro, 1997, p. 84.

¹²³ *Boa Forma*, 1997, maio, p. 78

A água é um referencial extremamente enfatizado nos cuidados físicos. Une imagens essenciais das atenções estéticas: beleza, saúde, bem-estar, disposição, transformação física e interior. Nas informações estéticas é bem recorrente as idéias de limpeza, desobstrução, purificação, desintoxicação. Os tratamentos de controle dos processos físicos cruzam e confundem as esferas da estética, saúde, higiene¹²⁵. As atenções com o corpo que, como já falamos, confundem-se constantemente com outros referenciais, articula-se também estreitamente a higiene. O argumento estético desenvolve-se também através do argumento higiênico e vice-versa. Levando-se em conta que a pele apresenta-se como objeto fundamental nos cuidados físicos, a higiene recebe destaque considerável na mediação entre saúde e beleza, apresentando-se como requisito imprescindível para a conquista da boa aparência. Os cuidados nesse sentido são minuciosos. As loções específicas para a limpeza do rosto limpam em profundidade a sujeira que penetra os poros desobstruindo-os, purificando a pele. Uma pele perfeitamente limpa favorece a oxigenação, melhora a penetração e absorção dos cremes hidratantes. Por isso é necessário além do uso de produtos de limpeza adequado a cada tipo de pele, a esfoliação (a *faxina* na pele, como se referem as informações estéticas), além dos tratamentos profissionais, como periodicamente uma limpeza de pele feita por esteticistas, e em alguns casos o peeling. São os processos cuidadosos de limpeza da pele que possibilitam a eliminação de células mortas e favorece a renovação cutânea contribuindo na conquista e manutenção da juventude.

¹²⁴ *Corpo a corpo*, janeiro, 1999, p. 12.

¹²⁵ Vigarello mostra que a higiene foi se desenvolvendo primeiramente para ser vista, para cumprir uma função estética.

O cuidado constante de si transforma a própria definição de saúde. As linhas do corpo dizem respeito à saúde do organismo. Manter uma vida saudável é condição fundamental para a aquisição de beleza. São os hábitos não sadios que se apresentam como importantes fatores para o desenvolvimento de uma série de traços físicos feios. Esses conselhos são uma constante nos periódicos, que sublinham enfaticamente as personalidades no mundo da estética que têm como seu *segredo* de beleza principal a manutenção de hábitos saudáveis. Assim, a aquisição de uma boa aparência requer um maior esclarecimento sobre as qualidades e composição dos alimentos, seus nutrientes, calorias, carboidratos, proteínas, gorduras. Da mesma forma faz-se necessário uma prática racional do exercícios sem exageros ou negligências e orientada sempre para o aumento da resistência física. A atenção com a saúde é uma forma de controlar os processos orgânicos que engendram traços de feiúra. Pele, cabelo e corpo bonitos são sinônimos de pele, cabelo e corpo saudáveis. Os empreendimentos são meticolosos nesse sentido. É a perda da saúde do corpo que é fator fundamental no aparecimento de traços de feiúra, considerando-se aí os mais diversos aspectos físicos em que esse processo pode se manifestar : a celulite é resultado de uma má oxigenação das células, e acúmulo de toxinas. Prescreve-se a necessidade de se evitar o álcool o açúcar, a gordura, além da importância de se ingerir muita água para como auxílio na eliminação das toxinas. A prevenção das estrias requer cuidados com a hidratação, elasticidade da pele e controle do peso, já que este problema é produto do esgarçamento das fibras elásticas da pele, a gordura localizada se acumula entre a pele e a musculatura, alimentação saudável e exercícios regulares são fundamentais para evitá-la. Enfim, o processo de polidez da aparência envolve um

olhar e um controle minucioso do corpo produzindo verdadeiros empreendimentos na administração dos processos orgânicos, transformando tratamentos de beleza em tratamentos de saúde.

Os cuidados estéticos associados aos valores de maximização das performances físicas, apóiam-se na imagem de um corpo desvinculado dele mesmo, de seus próprios limites. Seu discurso ressalta os progressos técnicos e científicos que respondem à nossa demanda por liberação da realidade corporal, sublinhando conquistas favoráveis à manipulação dos limites físicos:

*Você precisa apenas tirar o comprimido do bolso e tomar. Não estamos falando de uma, mas de três pílulas. Uma faz seu cabelo parar de cair. Outra traz sua ereção de volta. E a última impede que você tenha filhos caso não queira (...) Conheça as verdades e os exageros sobre as revolucionárias pílulas masculinas(...)*¹²⁶.

Tornado o corpo objeto privilegiado de conservação, as preocupações veiculadas nestes textos com respeito aos aspectos físicos feios, estão associadas à presença constante do medo do corpo orgânico e de sua realidade de envelhecimento e morte. As revistas são preenchidas por imagens de corpos sem idade. O envelhecimento revela-se como uma alteridade absoluta que em nada se aproxima da representação de corpo e dos ideais aí atrelados como dinamismo, prazer, sedução, juventude, etc. Além disso, o envelhecimento abala o desejo de controle do corpo, de domínio da matéria. Competências essas que têm como símbolo a juventude física. O corpo modelado, desenraizado de si mesmo fascina porque representa o pleno domínio humano sobre o âmbito corporal. O mal

¹²⁶ *Vip*, abril, 1998, p. 94.

estar do envelhecimento e morte são apelos implacáveis, contra os referenciais que envolvem os estilos de vida aí veiculados.

A maior parte dos atributos considerados feios refletem características da velhice, mesmo quando estes encontram-se presentes nos jovens, pois são traços que expressam em última instância o predomínio da matéria sobre a forma¹²⁷. A gordura envelhece, o emagrecimento, proporciona jovialidade às pessoas, tanto em aparência quanto em dinamismo. A magreza é símbolo de juventude. Também a feiúra que se apresenta no exagero dos traços de um rosto retira-lhe juventude e leveza. Uma maquiagem muito pesada, por sua vez, aumenta os anos de uma mulher.

Nas revistas, ao mesmo tempo em que se reitera a feiúra dos traços físicos envelhecidos, exalta-se os sucessos atuais no prolongamento da juventude. Procura-se mostrar que o corpo está cada vez mais sob controle¹²⁸.

Uma pílula ao dia, somente uma, e sua disposição e saúde estarão garantidas. Vida longa. Muito longa. Você já ouviu isso em algum lugar? Então prepare-se para ouvir de novo, só que desta vez sem acreditar que se trata de um milagre - milagres não existem. Estamos falando do DHEA, (...). Ela é a nova menina dos olhos da medicina preventiva, cujos poderes contra cânceres, diabetes, osteoporose, obesidade e problemas do coração na idade avançada

¹²⁷ Gagnebin, M. *La fascination de la laideur I' e n-deçà psychanalytique du laid*, Editions Champ Vallon, 1994

¹²⁸ É importante destacar um aspecto mais positivo que pode estar imbuído nesse processo. Featherstone argumenta que a categoria da velhice pode estar sendo desconstruída na cultura moderna. *Várias formas de doenças antes especificadas e atribuídas à velhice, são agora vistas como passíveis de ocorrer em qualquer fase da vida. Há, portanto, um sentido de que os velhos são iguais a todos nós e a possibilidade de uma imagem mais positiva da velhice no ocidente.* Na cultura de consumo a velhice é apresentada com imagens que a retratam como uma fase da vida em que a juventude, vitalidade e atratividade podem ser mantidas. Contudo essas tendências são extremamente cerceadas pelo fator econômico. Os grupos sociais economicamente mais baixos são sempre mais limitados à materialidade corporal.

vêm sendo estudados com claro entusiasmo por endocrinologistas e geriatras. Considerado o marcador biológico dos humanos (grosso modo, quanto menos há dele no sangue, mais perto da morte se está), seu uso sintetizado, controlado e dirigido poderia ajudar a evitar doenças e afastar a decrepitude¹²⁹.

O corpo obsoleto

A repulsa à materialidade física revela-se não somente em função dos padrões estritamente estético das revistas, mas também em função do universo social que aí é representado, o conhecimento que se apresenta deste, os valores que lhes são atribuídos. A ética dos cuidados físicos articula-se a uma representação de mundo e corpo apoiada nos conhecimentos técnicos e científicos. O profundo enraizamento do sistema de valores relativos a essas instâncias progrediu bastante, inscrevendo na vida de cada um o predomínio de uma racionalidade que tende a fabricar um referencial único as condutas humanas mais ordinárias, inclusive no âmbito da corporeidade. Nesse sentido podemos dizer que os traços da feiúra contradizem não só às regras de produção da aparência, mas à ordem tecnológica, econômica e social a que este universo social se vincula.

O quadro social, as estruturas urbanas, influem sobre nossas orientações sensoriais. As cidades passam por transformações sociais e simbólicas, que repercutem também em nossa representação do corpo e na criação de categorias estéticas. Os processos de racionalização, urbanização, industrialização e estetização do mundo

¹²⁹ *Vip*, fevereiro, 1997

transforma o campo perceptivo, a sensibilidade com o corpo na vida cotidiana, modifica expectativas e percepções estéticas e consequentemente o julgamento sobre o outro em função dessas impressões. É nesse sentido que determinados traços físicos e formas de apresentação corporal tornam-se de certa forma obsoletos. É este ambiente que produz a matéria-prima para a construção de categorias de percepção estética. A feiúra de uma aparência não contraria apenas modelos estéticos atrelados uma forma de uso e domínio do corpo pelos indivíduos, ela se mostra também estranha e obsoleta com respeito a todo um modo de vida veiculado nesses periódicos cuja a própria relação com o corpo é expressão.

*(...) a última geração dos autobronzeadores promete cor duradoura pelo seu corpo todo. E, o que é melhor, sem areia, cloro ou borrachudos! (...)*¹³⁰

*Use o sol de laboratório*¹³¹.

*O sol em novas embalagens (...)*¹³².

O modo de percepção estética diz respeito a formas de representação do mundo. Esses enunciados traduzem bem o requinte de um modo de vida e de relação com o corpo mediado pela sofisticação científica e tecnológica. As revistas reportam-se a espaços sociais, estilos de vida habituados a uma vida asceptizada, tecnologizada. A sofisticação desses modos de vida modifica a sensibilidade com o corpo, investem na sua artificialização.

¹³⁰ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1999, p. 60

¹³¹ *Boa Forma*, fevereiro, 1997, p. 59

¹³² *Corpo a corpo*, novembro, 1998, p.137.

Incorporam um caráter grosseiro, impõem a obsolescência a um conjunto cada vez maior de traços físicos, produzindo a ruptura de seus laços de utilidade, associando-os a uma estética da feiúra. São aspectos físicos que perdem sua identificação perante os referenciais estéticos atreladas aos espaços sociais mais modernizados. O horror à materialidade física se enraíza na vida moderna e se redesenha constantemente à medida em que se refina o modo de vida e de relação com o corpo consagrados.

Algo deu errado no processo de evolução genética. Que outra razão existiria para haver, até hoje a inutilidade como amígdalas, apêndice, e pior de tudo, barba e bigode? O que é afinal de contas fazer a barba? É passar toda a vida adulta fazendo aquilo que a natureza não fez¹³³.

O uso de bigode divide seu charme pela metade. Se você tiver lábio leporiano ou for iraquiano, todos serão mais tolerantes com seu bigode¹³⁴.

Pêlos nunca mais. Barbas selvagens que formam um colar de espinhas no pescoço a cada escanhada é coisa do tempo das cavernas. A depilação a laser extermina pêlos definitivamente ou por períodos prolongados (...) ¹³⁵.

A ética dos cuidados físicos modernos exibem uma contradição. Articula-se mais especificamente a um universo social mais urbanizado, e a estilos de vida mais sofisticados. Ou seja, o

¹³³ *Vip*, dezembro, 1997, p. 164.

¹³⁴ *Vip*, julho, 1997, p. 104.

¹³⁵ *Vip*, julho, 1997, p. 93

mesmo espaço social que concentra e engendra com mais ênfase a própria dinâmica dos processos que negam o corpo. As práticas corporais já são concebidas e estabelecidas a partir das características desse espaço. São suas próprias expressões : *Não pegue o carro para comprar um simples creminho, vá de bicicleta!*¹³⁶

O universo distanciado da experiência corporal já se apresenta como pressuposto. Os exercícios físicos se colocam de modo voluntário, temporário, direcionado para objetivos de estética e saúde, mas tomando de antemão um mundo tecnologizado, distanciado das atividades corporais. Estas não se interpõem ao distanciamento físico estrutural da sociedade. Como mostra Le Breton, as alianças ontológicas do homem com seu corpo só se reestabelecem de modo provisório por meio de exercícios, mas não atingem o problema de fundo, o da atrofia das funções corporais na vida cotidiana¹³⁷. O autor mostra como o triunfo da arquitetura e do urbanismo racionalista reflete uma submissão da cidade à circulação automobilística e favorece a atrofia da experiência corporal humana. As grandes cidades se estruturam de modo a deixar pouco lugar à sensorialidade, à mobilidade do corpo. Esta ausência da sensibilidade física na relação com o mundo impulsiona os indivíduos a desenvolverem à margem de seu cotidiano as atividades físicas.

*As elites e a cultura erudita desde o fim do renascimento são envolvidas pelo desejo de se libertar desse dado precário que é o corpo*¹³⁸. O progresso técnico-científico se faz no sentido da desmaterialização do corpo. Tanto no que diz respeito à representação corporal, às práticas de cuidados físicos como no

¹³⁶ *Corpo a corpo*,

¹³⁷ Le Breton op. cit

¹³⁸ *Ibid*

espaço social ao qual estas se atrelam. O desenvolvimento da ciência e tecnologia não cessou de afastar a esfera propriamente física da condição humana. A história do corpo no interior do mundo ocidental se revela, desde a renascença, como um empreendimento sempre crescente no espelho tecno-científico que o distinguiu do homem e o impregnou de índice depreciativo. A dimensão mais sensível e física da existência humana tende a permanecer mais distante à medida em que se estende os meios técnicos. O conforto se desenvolve restringindo as formas de uso do corpo no dia a dia. As atividades físicas e sensoriais do corpo pelas quais o sujeito constrói a vivacidade de sua relação com o mundo e toma consciência da matéria que o envolve e estrutura sua identidade pessoal tendem a se atrofiar e a se resumir essencialmente à visão.

Esse modo de vida atua na própria elaboração da identidade pessoal, e portanto, nas formas de percepção e apreciação estética. O corpo é desenraizado de sua existencialidade, de sua materialidade. É instrumentalizado em função dos conhecimentos e valores que organizam tanto o universo físico como a própria relação com o corpo. A aparência física moderna se apresenta na cena dos encontros cotidianos afastada do corpo natural de forma inédita. A ciência e tecnologia apresentam-se como intermediários sempre mais determinantes desta relação entre corpo/sujeito. Devido a própria sofisticação do jogo com os signos, o corpo torna-se mesmo uma imagem em relação ao corpo real. *Trata-se sempre de extrair da aparência humana sua muito humana aparência (...), de fazê-la um instrumento simbólico, objeto de poderes*¹³⁹. O discurso sobre o corpo investe no jogo com nossos sistemas de interpretação, orientando com respeito à monitoração e administração dos sinais e

¹³⁹Héritier, J. op. cit., p. 102

gestos físicos - o vestuário, o estilo, o tom de voz, a maneira de se portar, a fim de exhibir os sinais que lhes são convenientes. O artifício adquire um papel fundamental na apresentação social. O corpo mostra-se, nesse sentido, flexível e superficial em função dos diversos referenciais que ele pode assumir: na construção dos padrões físicos, nas roupas, adornos, nas sensações, no comportamento, na sexualidade.

*(...) as tendências de cabelo para os próximos meses:
Cortes inspirados na arquitetura, com muitas linhas geométricas;
cabelos finalizados com gel para dar um look futurista, moderno;
curtos com recorte ousados, que realçam o formato do rosto e
“colam”na cabeça sem nadinha de volume lateral;
cores inusitadas como pêssego, quase rosa¹⁴⁰.*

(...) saiba as etiquetas da academia O segredo do sucesso é não deixar ninguém perceber que você levava uma vida sedentária (...) Aposte num figurino básico: camiseta simples (prefira aquelas com inscrições do tipo Campeonato Interestadual de Mountain Bike, 5. ConvençãoFitness & Saúde, Encontro Nacional de Triatletas e coisas do gênero...); (...) Se você quer passar a idéia de que levanta peso, coloque um cinturão de couro em torno da coluna (...); (...) Jamais desfile pelos corredores de óculos escuro. Não é assim que você vai aparentar intimidade com o sol. Soa mais como coisa de investigador de polícia ou maconheiro(...)¹⁴¹

Pinte e corte... pelo computador

¹⁴⁰ *Boa Forma*, outubro, 1998, p. 47.

¹⁴¹ *Vip*, março, 1998, p. 89.

A video Engenho & Arte lançou uma nova versão do programa WinHair 98 com 1001 tipos de cortes e penteados. O processo é simples: o profissional realiza e analisa no computador algumas alterações possíveis no seu visual, até chegar a imagem ideal (...) ¹⁴².

Também os diversos campos de investimento no corpo modificam o próprio vivido corporal. Este vai sendo preenchido crescentemente por um conjunto de informações técnicas e regras práticas advindas de médicos, fisioculturistas, conselheiros de moda, etiqueta, sexólogos etc. O indivíduo divide com esses diversos especialistas a percepção de seu corpo. Sua corporeidade é percorrida por um saber cada vez mais instrumental. É sua própria autonomia em relação a seu corpo que acaba se subtraindo em função de um conjunto de conhecimentos e informações. O comportamento sexual ilustra bem o retraimento da “espontaneidade” do indivíduo devido a esta gama de imposições de padrões de comportamentos que modelam atitudes, aspirações, pré-disposições, sentimentos relativos a esta esfera. Os periódicos fornecem conselhos que modelam minuciosamente todo o vivido deste âmbito pessoal: como agir, falar, sentir, tocar, etc. Nesse sentido, o comportamento corporal faz-se mecânico e instrumental. Pois se torna desprendido das histórias individuais, minimizando-se a espessura propriamente humana na relação com o corpo, fazendo deste algo artificial em relação ao indivíduo que o habita. Otimizar as performances do corpo. Procurar extrair rendimento máximo nas diversas expressões da corporeidade - técnicas de higienização, relaxamento, dormir, comer. As práticas de cuidados físicos dissolvem a própria idéia do sujeito. Os ideais de maximização das performances corporais

¹⁴² *Corpo a corpo*, abril, 1998, p. 20.

acabam se movendo em função de seu próprio processo, fazendo esquecer a marca do indivíduo no próprio referencial de corpo.

O desenvolvimento dos campos orientados para o embelezamento físico torna a própria presença ou ausência de trabalho sobre o corpo símbolo de prestígio ou desprestígio estético. Ao corpo não investido atribui-se crescentemente mais designações estéticas negativas. A sofisticação do universo social e dos estilos de vida aos quais as práticas corporais se remetem, apóiam-se no afastamento da esfera propriamente corporal da vida humana e passam a atribuir cada vez mais a este âmbito traços estéticos da feiúra. O corpo de hoje requer uma prática constante de exercícios físicos, para que suas formas sejam consideradas belas, distanciando-se cada vez mais das suas formas naturais. São as práticas de modelagem física, os diversos dispositivos para a confecção da aparência, para controle do corpo e de seus processos biológicos, que corrigem ou até proporcionam beleza a essa carne informe, que é o “corpo em si”.

O corpo feminino, por exemplo, não deve mais ser tão magro, como no início dos anos 90, segundo informam os periódicos. No entanto, o padrão físico não deve retornar as suas formas naturais. As curvas precisam ser perfeitas como uma forma geométrica. Não há retorno a natureza, as formas da carne em si, mas muito ao contrário, há a apuração, a construção calculada do corpo.: *braços: firmes na medida certa, pernas: definidas e torneadas, barriga: musculosinha e reta (...) ¹⁴³. O que se exalta não é tanto o corpo, como sua linha ¹⁴⁴. O corpo feminino só responde ao ideal uma vez subtraído dos excessos de matéria. A forma ideal nunca é o real, o natural. O corpo de origem adquire demérito estético em função do*

¹⁴³ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1999, p. 95.

corpo trabalhado. O seio natural, por exemplo, mesmo jovem, é superado esteticamente pelo seio siliconado; este é mais firme mais jovem, mais perfeito. As próteses corrigem a forma, o tamanho, a firmeza natural do seio. Não se destinam mais apenas a problemas relacionados ao envelhecimento ou deformidades.

A ciência e a técnica tentam ao mesmo tempo eliminar o corpo e o imitar na busca contínua por uma versão mais perfeita. Os dispositivos técnicos e científicos melhoram as atividades físicas, aperfeiçoam-lhes o desempenho, reforçam-lhes a resistência. O corpo não só se presta a mover a representação como de modo ambíguo a ser movido por ela. O corpo natural, sempre muito falho na perspectiva desses investimentos, é modelado a partir da imagem ideal¹⁴⁵. Assim, os dispositivos de maximização das performances físicas chegam mesmo a retirar o corpo de cena em diversos aspectos¹⁴⁶.

*Mostre suas garras: Se você quer exibir garras de tigresa neste verão que tal apostar nas unhas postiças? A linha americana Press&Go tem 22 cores e opções de formato (quadrada e oval), largura (pequena, média e grande) e tamanho (longa e curta)*¹⁴⁷.

Por mais que você se esforce, na Dicorp os resultados serão sempre melhores.

Até pouco tempo a ginástica e a dieta eram as únicas alternativas para conquistar um corpo belo. Hoje a avançada tecnologia do

¹⁴⁴ Pennachioni, I. *op. cit.*

¹⁴⁵ Rail, G *op. cit.*

¹⁴⁶ Pois trata-se de práticas estéticas que são expressões dos avanços na instrumentalização moderna do corpo. Um exemplo concreto dessa concepção funcional em todas as esferas da corporeidade são os conflitos éticos que a partir daí se desencadeiam: possibilidades de clonagem humana, útero de aluguel etc. Ver Le Breton *op. cit.*

¹⁴⁷ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1999, p. 20

*sistema Dicorp comprova que beleza não precisa ser sinônimo de sacrifícios (...)*¹⁴⁸

*Saliva Artificial (...) Uma empresa americana conseguiu introduzir no mercado uma saliva artificial que possui três componentes orgânicos importantes para melhorar as defesas da boca (...)*¹⁴⁹

Contudo, o que pretendemos destacar não é um julgamento de valor a respeito do uso da ciência e tecnologia nas interações dos indivíduos com o mundo e seu corpo, e o modo como essa relação é representada nos periódicos. O que nos interessa sublinhar é que é em função da circulação de todos esses referenciais produzidos pela técnica, ciência, e outros campos que trabalham o corpo através da ética dos cuidados físicos que torna tão distante, tão arcaica a materialidade corporal. Reconfigura-se assim a imagem moderna da feiúra à medida em que o corpo é apropriado cada vez mais pelo social e esse refinamento da aparência que afasta progressivamente o corpo natural redesenhando-se cada vez mais diversos traços do corpo a ser encarados como rudes. A matéria corporal bruta e sua realidade de envelhecimento e morte é aspecto totalmente contraditório a esse universo. Como afirma Le Breton, a velhice e a morte não são sequer tabus na cultura moderna, essas categorias se encontram fora do âmbito das trocas. O tabu ainda faz sentido no tecido social, uma vez que ele reenvia a uma fronteira em torno do qual se estrutura a identidade comum do grupo. Nem a velhice nem a morte cumprem esse papel, elas são imagens de anomalia, representam *o corpo afastado do campo simbólico que atribui*

¹⁴⁸ *Corpo a corpo*, janeiro, 1999, p. 128.

*sentido e valores às ações sociais: incarnam a irredutibilidade do corpo*¹⁵⁰. Sua presença inverte a relação de domínio entre corpo e indivíduo. Evoca a limitação do indivíduo e do mundo humano pela realidade crua do corpo. A própria concepção de si e a construção da personalidade já exclui a materialidade física e sua realidade de degeneração e morte. A morte surge como um contra-senso com respeito à própria imagem que o sujeito tem de sua existência construída pela noção de controle e afastamento de sua realidade física. O corpo envelhecido denuncia, assim, a impotência da razão perante a morte¹⁵¹.

Ressurgências do corpo

Gostaríamos agora de sublinhar as próprias contradições desse processo que se revela na ética de cuidados físicos veiculadas nas revistas.

O corpo é uma realidade paradoxal. Nele se prestam as ambivalências do prazer e da dor, da força e da fraqueza, da saúde e da doença, da vida e da morte, da cultura e da natureza. A ética dos cuidados físicos evidencia uma gama de imagens atreladas a expressões paradoxais do corpo. Na busca por um equilíbrio do corpo, pela qual passam os cuidados com a boa aparência, o reverso desse processo apresenta-se como uma imagem constante, afirmando

¹⁴⁹ *Corpo a corpo*, fevereiro, 1998, p. 82

¹⁵⁰ *Le Breton, op. cit.*, p. 146

¹⁵¹ *Morin, E. O homem e a morte*, p. 261

os referenciais refutados. As práticas de cuidados físicos introduzem na própria relação com o corpo, como imagem recorrente, a feiúra e a idéia de envelhecimento e morte que ela evoca.

Para Gagnebin¹⁵², a feiúra é apenas a marca do peso do tempo, mas paralelamente ela sugere que a vida humana se situa no tempo. O autor, utilizando os conceitos de Canguilhem¹⁵³ sobre o monstruoso, entende que a feiúra parece participar dos traços específicos da monstruosidade como traços característicos da morte. Procurando definir a monstruosidade, Canguilhem analisa o fenômeno da morte. Para ele, a morte constitui uma ameaça permanente e incondicional de decomposição física e biológica. A morte é vivida como uma limitação pelo exterior, através da ameaça do vivo pelo não vivo. Já a monstruosidade, enquanto uma distorção que se processa na forma, constitui-se como uma ameaça do interior que produz a limitação do indivíduo. Enquanto a morte vem do exterior destruir a vida, a monstruosidade só se realiza através do indivíduo. Gagnebin entende que a feiúra apresenta traços ao mesmo tempo da morte e da monstruosidade. A feiúra é uma negação do indivíduo do mesmo modo que a morte, mas que se realiza no indivíduo como a monstruosidade. A feiúra, tal como a morte é uma ameaça permanente e incondicional de decomposição do organismo. Todo indivíduo está destinado a tornar-se feio, assim como todo indivíduo um dia morrerá. Porém a feiúra apodera-se dos seres progressivamente, ela opera *no tempo* e não *no limite do tempo*, como é o caso da irrupção súbita da morte. Assim como a monstruosidade, a feiúra é uma limitação do humano pelo interior, que se processa no seio da própria vida anunciando a ameaça evasiva da morte. Se a morte se apresenta como negação súbita do vivo a

¹⁵²Gagnebin, M. *op. cit*

feiúra parece mais uma perda lenta do vivo, mas que anuncia no presente a ameaça tão evasiva quanto distante da morte.

A feiúra é sempre inerente ao corpo. Uma vez que as atenções modernas com a aparência dizem respeito à administração de diversos processos corporais, e ao depreciação que aí se engendra de determinados atributos físicos, é interessante notar como esse discurso, mesmo focalizando e exaltando a beleza física fazem da feiúra uma idéia insistente, incindindo tanto na configuração física externa quanto como ameaça latente, na disfunção orgânica. Imagem essa que se impõe como suporte dos próprios valores que sustentam as práticas corporais.

Quanto mais o corpo é regulamentado e se constróem formas de intervenção estética, mais se cria o corpo que se queria ter, e a insatisfação com o corpo que se tem. O enaltecimento e maximização das performances físicas no domínio da aparência, saúde, sexualidade, etc, reforçam por outro lado o temor dos males que lhes são subjascentes¹⁵³. O corpo real é sempre percebido em função da imagem ideal. Nos periódicos femininos, nos quais a mulher é perseguida pelo modelo ideal, os traços da feiúra são sempre presentes, ela é permanentemente incomodada pela própria imagem. Há sempre o que aperfeiçoar, corrigir, esconder, maquiar. As roupas vestem tais insatisfações estéticas. Camuflam quadris largos ou estreitos, seios grandes ou pequenos, pernas grossas ou finas.

Os instrumentos e serviços criados para aumentar a saúde e embelezar as aparências desencadeiam preocupações com respeito a aparência e funcionamento corporal outrora inexistentes. As formas de dedicação à estética e saúde do corpo são mais numerosas, mais

¹⁵³ Canguilhem, *La monstruosité et le monstrueux*, Diogene, n. 40, 1962

¹⁵⁴ Vigarello, G. *La non-maîtrise dans les modèles anciens et modernes d'entretien de la santé*. Communications, 56, 1993.

diversificadas, refinam-se constantemente. O que significa um melhor conhecimento, implica também a consciência de um número maior de riscos, e portanto a prescrição de maiores cuidados específicos - *os especialistas já consideram a falta de atividades físicas tão prejudicial quanto o tabagismo*¹⁵⁵. Nas revistas vemos uma gama de referências que determinam as formas ideais de preservação do corpo. Os tratamentos estéticos exigem, como vimos, atenção com a saúde de diversos processos físicos. *Cuidado, unhas fracas pode ser sinal de problemas de saúde*¹⁵⁶. A imagem da feiúra remete ao sentimento de constante mal estar com o corpo que se engendra através do cultivo de hábitos de vigilância e controle contínuo do corpo. Sublinha-se o detalhe precrevendo-se cuidados minuciosos:

*Se você volta e meia acorda com os olhos inchados, evite dormir de bruços. Esta posição facilita o acúmulo de fluidos na região e, por isso, pode ser a causa secreta daquelas incômodas bolsinhas nas pálpebras. Dormir de costas pelo contrário, facilita a drenagem de líquidos acumulados na região pela circulação sanguínea*¹⁵⁷.

A função primeira da relação com o corpo em busca do embelezamento é a de proteção e controle. *Aos 15 anos a palavra é proteger(...), aos 35 anos a palavra é combater(...), aos 45 anos a palavra é regenerar (...)*¹⁵⁸ Estes gestos fazem da feiúra uma imagem sempre recorrente. As atenções corporais colocam em questão infinitas necessidades de nosso corpo e inúmeros problemas sempre na eminência de ocorrerem. A ênfase à suscetibilidade física a

¹⁵⁵ Vip, abril, 1997.

¹⁵⁶ Boa Forma, setembro, 1997, 34.

¹⁵⁷ Vip, agosto, 1997

problemas estéticos é frequente. Parte-se do princípio que há sempre algo para o indivíduo fazer pelo seu corpo, há sempre um objetivo a alcançar, a perseguir, sublinhando-se uma constante insatisfação com a auto imagem. O ideal de corpo, e todos os requisitos associados a sua conquista e manutenção situa os indivíduos perante a grande fragilidade inerente a esse modelo, que aponta para os diversos erros de conduta e perigos de surgimento de sinais estéticos desagradáveis. Apesar de toda a exaltação à boa aparência e bem estar físico esse mesmo discurso faz da feiúra imagem frequente. Seus traços se modificam e se acrescentam à medida que surgem mais e mais restrições ao corpo e que surgem o comportamento de se defender continuamente. O triunfo da produção do embelezamento físico se associa ao horror à feiúra.

Cada sugestão de cuidados, cada visão do corpo orientando práticas disciplinares, produz em contrapartida a imagem dos riscos. As revistas destacam esse sentimento crescente de controle. Inumeráveis são as circunstâncias que podem gerar prejuízos estéticos: exercícios incorretos, alimentação inadequada, hábitos. O perigo é constante, a referência a um corpo perfeito torna indispensável a permanente vigilância. Nada mais sensível que este corpo mecânico, nada mais suscetível. As sofisticadas preocupações com a saúde e beleza destacam mais do que nunca o risco.

Será que ela é tão saudável quanto parece?

*Existem doenças que não anunciam sua chegada. Ai (...) você nem percebe que o perigo é eminente*¹⁵⁹

¹⁵⁸ *Corpo a corpo*, julho, 1997, 52-53.

¹⁵⁹ *Boa Forma*, julho, 1998, p. 70.

*Desde o nascimento, cada minuto de sol sem proteção pode ser muito perigoso. Estudos comprovam que 70% dos estragos acontecem até os 20 anos. Aos 40 eles aparecem na forma de manchas, rugas e até tumores*¹⁶⁰

*O colarinho e a gravata não devem pressionar a laringe e as pregas vocais. Evite também os cintos apertados, que pressionam o diafragma e dificultam o desempenho do aparelho fonador*¹⁶¹.

Apesar de todas as evocações ao corpo como instrumento de prazer, satisfação e realização pessoal, a auto-vigilância física deve ser um estado de espírito permanente, impondo aos indivíduos o fado do dever em diversas práticas que implicam vários tipos de restrições em suas atitudes, hábitos e vontades.

Na relação com o próprio corpo a alimentação é vivida como uma tentação constante:

*Quando der vontade de beliscar, tome 2 copos de água antes... e pense se vale a pena beliscar enquanto bebe*¹⁶².

*Penso em comida o dia todo; não tenho força de vontade*¹⁶³

*Doces e salgadinhos cabem na palma da mão... Como é mesmo aquela história? “Um minuto na boca, um ano nos quadris*¹⁶⁴”

O comportamento do indivíduo sempre resiste. Emprega-se um discurso com tonalidade moralizante que o estimula a lutar contra a

¹⁶⁰ *Vip*, março, 1997, p. 92.

¹⁶¹ *Vip*, maio, 1998, p. 104.

¹⁶² *Corpo a corpo*, janeiro, 1997, p. 68.

¹⁶³ *Corpo a corpo*, abril, 1997

¹⁶⁴ *Corpo a corpo*, abril, 1997, p. 70.

fraqueza de conduta, contra os excessos, os maus hábitos. Apresenta-se certos prazeres, atitudes e emoções traduzidos diretamente em termos de prejuízos estéticos :

Digamos que você engorde 1 quilo a cada fim de semana - uma contabilidade nada improvável, se você acredita que os domingos são feitos para comer e dormir. Digamos que você não consiga perder peso no decorrer da semana, o que pode acarretar um corpanzil de tamanho triplicado até o final do ano (...¹⁶⁵).

Agora que o calor acabou você está sem motivação para enfrentar a ginástica? Nem pensar! Nenhuma atividade física é benéfica se não houver constância, regularidade. Lembre-se: por mais treinada que você esteja, bastam apenas três semanas de sedentarismo para que os níveis de condicionamento cardiovascular voltem a zero¹⁶⁶.

Adeus, Força! Um sedentário perde 4% da massa muscular a cada década, entre 25 e 40 anos. Depois dos 50, vão para o espaço 10% dos músculos¹⁶⁷.

O discurso voltado para os cuidados com a beleza física remetem-se constantemente à imagem contrária como ameaça em função de descuido. Este temor é aspecto fundamental que se apresenta frequentemente nas práticas de cuidados físicos. É a imagem da feiúra e seus diversos prejuízos em termos sociais e de saúde que se tem que evocar para se lutar contra as resistências do

¹⁶⁵ Vip, abril, 1997, p 97.

¹⁶⁶ Boa Forma abril 1998, p. 103.

¹⁶⁷ Vip, março, 1998, p. 92

indivíduo. As orientações para a modelagem física, as imposições de um modelo estético, e de uma forma de relação com o corpo em seus mais diversos aspectos, têm nas atitudes perceptivas e comportamentais dirigidas a aparência, um importante instrumento propulsor, um referencial fundamental que engendra a dinâmica da relação entre indivíduo e sociedade que as práticas corporais expressam.

“Lembro do dia em que minha mãe me acompanhava em uma loja de roupas para gordo e, enquanto eu experimentava umas peças, ela pegou uma calça imensa pendurada no meu provedor: ‘Vou devolver esta calça, ela é o dobro das suas’, disse. ‘Não mãe, esta calça é exatamente do meu tamanho. ‘Acho que foi um episódio que eu percebi o quanto eu precisava reagir. A minha única saída era viver em um spa. Raspei a poupança.(...) Fiz a mala e fui”¹⁶⁸

A consciência do desprestígio estético do próprio corpo é imagem capital na assimilação das práticas corporais a serem perseguidas. O repúdio a aparência feia, propicia uma mudança na forma de se relacionar com o corpo. A tomada de consciência da feiúra desperta a recusa do corpo e uma atitude de reação.

Contudo, a materialidade física se reafirma de formas diferentes. Os avanços tecno-científicos, reenviam ainda mais ao horror a realidade corporal crua. O progresso nunca elimina totalmente a materialidade corporal, e assim nunca subtrai esse mal estar, ao contrário todos os esforços têm sua contrapartida de reenvio a este temor. O corpo não pode na realidade igualar-se a uma máquina, pois persiste sua fragilidade e seu caráter de envelhecimento e morte. Pois com o desenvolvimento dos

¹⁶⁸ *Boa Forma*, fevereiro, 1997, p. 76.

conhecimentos e das formas de intervenção com respeito ao corpo, redesenha-se ainda mais sinais de problemas físicos, os erros de conduta, e as necessidades de reparos corporais.

O processo de envelhecimento deve se colocar permanentemente sob controle. Deve ser combatido desde seus primeiros sinais, os primeiros cabelos brancos, as primeiras rugas. É preciso se proteger contra o envelhecimento antes mesmo de exteriorização física. Os gestos de cuidados do corpo jovem são acompanhados por antecipação, pela imagem do envelhecimento incorporada nos gestos de prevenção. Os cuidados físicos ensinam o que fazer para evitar os sinais do tempo a partir dos 15 anos: *Aos 15 anos a palavra é proteger. Pretende chegar aos 30, 40 anos com um rostinho dez anos mais jovem? Então já sabe, nada de adiar os cuidados que vão proteger sua pele, mesmo que hoje ela pareça um pêssgo de tão lisinha e aveludada. Lembre-se : você não pode ver mais ela está envelhecendo um pouquinho a cada dia (...)*¹⁶⁹

A busca pela eliminação dos atributos físicos depreciados, tendo como uma de suas expressões a camuflagem da evidência física de seu caráter de envelhecimento e morte, torna uma constante a imagem da auto-destruição. A estética e saúde apresentam-se conjugadas nesta luta e submetidas a formas de regulamentação baseadas na resistência à auto destruição. O corpo enquanto objeto de preservação fundamental para a realização pessoal é atravessado e envolvido por discursos que incentivam a contar formas de gerar equilíbrios físicos e psíquicos: *O álcool, em doses moderadas, faz bem à saúde. O psicólogo Geoff Lowe, professor da Universidade Hull, no norte da Inglaterra, constatou que beber uns goles a mais*

¹⁶⁹ *Corpo a corpo*, julho, 1997, p. 51.

melhora o humor – e o riso tem o poder de fortalecer o sistema imunológico das pessoas. Um antigo estudo feito naquele país em 1933 – e confirmado cerca de 50 anos depois – revelou que as pessoas habituadas a tomar uma taça de vinho por dia correm menos risco de sofrer de problemas cardíacos, se comparadas com aquelas que não consomem nenhum tipo de bebida alcoólica¹⁷⁰.

Pessoas que trabalham o dia todo em pé podem atenuar e prevenir distúrbios na circulação sanguínea com o uso da meia Repousante da Lupo. Confeccionada em lycra ela foi criada para atender uma antiga reivindicação das consumidoras: uma meia de descanso transparente e bonita.(...)¹⁷¹

Vitamina C em dose dupla - Para extrair o máximo da imunidade que a vitamina C concede aos seus seguidores, tome duas doses por dia. A vitamina é expelida de seu corpo 12 horas depois de tomada , segundo o bioquímico americano Alfred Ordman, do Beloit College de Winsconsin. Se, por exemplo, você toma 5 miligramas por dia, tome duas doses de 2,5 miligramas. Uma pela manhã, uma à noite. Essa atitude protegeria seu organismo contra câncer e distúrbios coronários mais que grandes doses únicas¹⁷².

A repetida conquista de uma excelente saúde e de juventude depende da consciência dos riscos transforma-se num acaso controlado de tudo o que pode acontecer como ameaça contra esta imagem de unidade do corpo. Este, minuciosamente cuidado, torna-se um corpo perseguido e visto como foco permanente de ameaça e

¹⁷⁰ *Boa Forma*, maio 1997, p118.

¹⁷¹ *Corpo a corpo*, abril, 1997

¹⁷² *Vip*, março, 1997, p. 98.

dor. Jeudy mostra como todo esforço na busca e manutenção das qualidades ótimas do corpo evoca a imagem de auto-destruição. *As aparências do desafeto relativamente à manutenção do corpo, quer se trate de hábitos, do espaço envolvente, da limpeza, do "mau-aspecto"... acabam por se apresentar como signos de auto-destruição".- A moral se perpetua nos modernos conceitos de "saúde do corpo", já não se apresenta de forma legisladora, desenvolve-se numa ética não de um corpo são mas de um "corpo-que-sobrevive. Se a aliança entre saúde e a beleza motiva as buscas de um equilíbrio, submete-se aos códigos de regulamentação baseados na referência à auto-destruição*¹⁷³. Com os avanços da medicina, o desenvolvimento de cuidados específicos para resistir a formas de envelhecimento, a expectativas criadas pelas doenças parece apresentar-se atualmente como uma obstinação em limitar em rejeitar as imagens do envelhecimento e do próprio definhamiento do corpo.

O risco no entanto está presente nestes textos. O corpo saudável revela suscetibilidade a falhas, o controle do organismo, seus defeitos. Tais evocações ora se apresentam como assuntos centrais ou periféricos, mas estão sempre presentes. A noção do risco orienta uma série de discursos, práticas, conselhos, apresentando-se assim como um lado obscuro, um aspecto de indeterminação, permitindo sua integração ao próprio modelo físico veiculado. Diversas são as circunstâncias e fontes de desequilíbrios físico. Os gestos de controle acrescidos produzem novas zonas de riscos, novas coações a serem vividas. Há sempre referências aos riscos, que vão adquirindo novos traços com as descobertas científicas. Os males que ameaçam o corpo, sua estética, saúde são

¹⁷³ Jeudy, H. P. *Equilíbrios Imaginários*, Revista de Comunicação e Linguagens n.10/11, 1990, p. 18

redesenhados pelas descobertas científicas, que acrescentam-lhes maiores detalhes :

*Alergia pode engordar: Por trás de uma lista de alimentos (...) pode estar uma nova explicação para obesidade. Acredita-se que certos tipos de alimentos responsáveis por alterações químicas no organismo de algumas pessoas, que podem aumentar a fome ou diminuir a saciedade (...)*¹⁷⁴.

*O número de calorias faz muita diferença para quem quer emagrecer. Contá-las ansiosamente, porém, não é a melhor estratégia para perder peso. Esta é a conclusão de um estudo recente realizado por cientistas da Universidade Real de Copenhague e publicado no British Medical Journal. O acompanhamento de 43 homens obesos durante dois anos mostrou que os voluntários submetidos a uma dieta sem contagem calórica emagreceram três vezes mais do que aqueles que contabilizaram cada caloria ingerida!*¹⁷⁵

Toda relação de equilíbrio é problemática. A noção de risco comanda uma série de imagens. É aspecto fundamental das práticas corporais, dos conselhos estéticos, dos gestos embelezadores. Assim, o caráter inapreensível do corpo se reafirma nas próprias técnicas que buscam sua racionalização. As ações destinadas a fortalecer e embelezar o corpo contém sua parte de impotência e risco. Os instrumentos e serviços criados para aumentar a saúde e embelezar as aparências remetem ao surgimento de preocupações em relação ao funcionamento corporal antes inexistentes. Assim também os conhecimentos do corpo que aí são veiculados indicam novas

¹⁷⁴ Boa Forma, setembro, 1997, p. 16.

causas para diversos problemas, além de novas coações a serem vividas.

A imagem da feiúra e os referenciais aos quais ela se atrela ressalta a tendência que o corpo tem de se colocar à deriva. Os aspectos físicos relativos à materialidade física e sua realidade de envelhecimento e morte, constituem-se como a contrapartida dos processos envolvidos no refinamento do corpo e da aparência, remetem sempre ao caráter inapreensível do corpo. O que nos escapa ao controle sempre retorna e surpreende.

Vigarello nota, com respeito ao desenvolvimento dos conhecimentos voltados para a saúde física, que este não apenas indica o deslocamento de fronteiras entre o que é controlado e o que não é, mas produz uma visão cada vez mais renovada do que escapa ao domínio. *É o conteúdo de inquietude que muda, mais talvez, do que sua intensidade: é o panorama dos objetos ameaçadores, aqueles das defesas falhas e dos fracassos inevitáveis. Um desenvolvimento quase lógico se impõe no estatuto dado ao impossível: O ganho de conhecimento, a objetivação progressiva dos males asseguram maior domínio sobre o corpo, permitindo-se melhor medir o que não é dominado ou simplesmente não dominável. Nesta avaliação nova o ingovernável é cada vez mais redesenhado*¹⁷⁶.

Muito amplos são os fatores desconhecidos para não serem levados em conta ou simplesmente evocados. Qualquer modelo de saúde que pretende alguma verdade deve ilustrar suas fraquezas. Deve revelar o ingovernável. O percurso histórico mostra, segundo o autor, como o lento enriquecimento dos modelos corporais, sua complexidade progressiva, seu aprofundamento não corresponde sempre a algum sentimento de conquista sobre esta impotência.

¹⁷⁵ Corpo a corpo, abril, 1998, p. 17.

Muito ao contrário, a visão alarmista dos riscos a certeza de sua infinidade se acrescentam ao mesmo tempo em que cresce a segurança de um maior domínio. O fortalecimento do governo do corpo bem como da sua ingovernabilidade aumentam juntamente.

As estruturas sociais atravessam o corpo, mas não o reduzem a si próprias. O corpo mesmo controlado, refinado, estetizado, emerge de diferentes formas na feiúra da materialidade física, e na realidade ainda inapreensível do envelhecimento e morte. O corpo é um espaço de inscrição do social, mas nunca é totalmente apreendido pela sociedade. Ele retorna continuamente, apresenta sempre um traço de sua materialidade alheia à vontade humana, e que remete para si mesma. Como destaca Le Breton, o corpo permanece um vestígio irreduzível que a modernidade e a tecnologia que não conseguem o apreender totalmente. A resistência sempre se levanta como um ponto fora do social e sempre, portanto, abrindo novas interpretações sobre o sistema ao qual ela se exclui e se contrapõe.

¹⁷⁶ Vigarello, G. *op. cit*

Considerações finais

Uma vez que o corpo nunca é apreendido totalmente pelos dispositivos culturais que possibilitam sua normalização 'as expectativas sociais, uma forma de contestação social pode assumir também a feiúra canônica como performance.

É o caso dos punks, para citar um exemplo entre outros. A força de sua "mensagem" reside na sua surpreendente apresentação de si: eles são percebidos pelas pessoas sob o aspecto da feiúra evidente. Sua apresentação estética fere os rituais sociais encarnados no corpo sob diversos aspectos. Podemos destacar seu vocabulário e vestimenta ao estereótipo da prostituta e da vulgaridade, como olhos e boca muito pintados, roupas justas e provocantes, cabelos tingidos em cores chamativas. Os punks exibem também diversas formas de mutilações e violência corporal, cujo signo mais conhecido é o alfinete ostentado nas roupas e na face. Eles evocam a selvageria, sobretudo pelos cabelos eriçados e endurecidos, ou ferem o olhar das pessoas com a exposição do crânio nu, que em nossa sociedade denota uma espécie de violência simbólica¹⁷⁷. Maertens compreende existir em grupos como este uma negação do discurso e do código vestimentário burguês até no que diz respeito aos papéis sexuais¹⁷⁸. Embora esses grupos perderam sua força atualmente, algumas de suas características se espalharam em certos grupos de jovens. Estes caricaturam os punks dos anos 80 : a tatuagem, o cabelo eriçado, o jeans rasgado, que destaca o

¹⁷⁷ Ver ROUË, Marie *la punkitude, ou un certain dandysme*, *Anthropologie et Sociétés*, 1986, vol. 10 n.2 p. 37-55

¹⁷⁸ MAERTENS, J. T. citado por Maisonneuve, J. Maisonneuve mostra, contudo, que estas formas de oposição aos rituais convencionais, tendem a se localizar no domínio da vestimenta, sem negar totalmente

desmazelo com a aparência física. Esta forma de apresentação de si que circula nos estereótipos contemporâneos pretende expressar oposição aos valores socialmente prestigiados. Contudo, de um modo mais geral, as características dos punks banalizaram-se ainda mais, foram absorvidas pelo próprio sistema de consumo que vende esse estilo, diluindo a força de sua contraposição estética e social.

É papel fundamental do consumo procurar recuperar, incorporar e explorar as diferentes formas de gosto com respeito a aparência corporal, que circulam paralelas aos padrões oficiais (o que aconteceu também com o hippie). A lógica deste sistema apreende, incorpora e “normaliza” no universo de significados da mídia e publicidade essas formas não oficiais de apresentação estética. Assim, transformando em estilos de produção de si disponíveis no mercado, o que em sua forma original, apresentaria diversos traços do que se vê como feio, se extrai por esse processo seus aspectos de contravenção social que modelam essa representação de feiúra. Promove-se, portanto, uma adequação tanto normativa quanto estética no processo que regulariza as aparências desviantes. O consumo adequa esses traços ao mercado e publicidade, “oficializando-os”, e assim, embelezando-os. Diversas imagens que se apresentam a nós como feias são suscetíveis desse tratamento estético, dado o poder do mercado em jogar com diversos referenciais sociais.

A esse respeito, Caldas¹⁷⁹, um profissionais área de moda, ilustra bem a forma de incorporação das diferenças pela estética do consumo e a *estilização* do que se apresenta como *marginal*. Nesse

os modelos estéticos oficiais.

¹⁷⁹ Caldas, D. e Queiroz, M. O novo homem: comportamento, moda e mercado, in: *Homens*, Senac, 1999, p. 149-162.

sentido, ele destaca um grupo de jovens de periferia das grandes cidades formados por *skaters*, grafiteiros, e mais tarde, *rappers* com respeito, justamente, a esse processo bem *Não se trata de uma "juventude dourada"*, - diz o autor - *seus conceitos estéticos e ideologia estão ligados às periferias urbanas, de onde vieram, de modo que as tensões sociais os tocam mais profundamente - afinal eles vivem no meio delas*¹⁸⁰.

O sistema de consumo produz através da negociação de suas identidades uma forma eficaz de controlar e integrar, pelo viés da expressão estética, o que diverge social, cultural e esteticamente. Como mostra Caldas, o grupo em questão, de início hostil aos produtos da moda, ganharam uma expressão estética, o *streetwear*, que foi influenciando cada vez mais vários setores do mercado. Diversos segmentos da indústria da moda passaram a investir em roupas *adequadas* a essa clientela, vendendo e difundindo esse estilo. *O caso mais conhecido é o das fábricas de agasalhos esportivos que passaram a associar seus logotipos com as músicas e os personagens "street"*¹⁸¹ A integração da diferença passa recriação desta em função dos interesses do consumo, quanto mais é incorporada, mais perde seu caráter de origem. *Marcas que jamais tiveram tiveram identidade com garotos de periferia descobriram esse nicho de mercado (...). A música, através, dos videoclips contribuiu na difusão desse estilo, e a MTV passou a ser uma passarela de garotos e garotas que antes juravam odiar a moda....Agora eles seriam capazes de deixar todo o salário em troca de um par de tênis da marca "certa", elemento imprescindível para criar o "look street", junto com as correntes e o chapéu*¹⁸².

¹⁸⁰ *Ibid*, p. 138

¹⁸¹ *Ibid*, p. 159

¹⁸² *Ibid*, p. 159

A moda retira o caráter de alteridade de grupos como esse, reinterpreta e reelabora sua diferença em função de um modelo aceitável e vendável. A incorporação mercadológica da diferença recria a mesma apenas formalmente, esvaziando seu sentido original em proveito da reafirmação dos valores consagrados. *O streetwear foi promovido a inspiração de grandes estilistas, como Lagerfeld para Chanel. Saiu da marginalidade, e hoje, shows de grifes desse estilo são tão concorridos quanto os dos criadores consagrados. (...) O importante disso tudo para a indústria da moda? São adolescentes que a partir dos 10 anos já se vestem com expressão, criando eles mesmo seu estilo*¹⁸³.

Qualquer deformação do corpo, qualquer desvio deste com respeito às expectativas sociais recebe uma forma. O corpo que escapa às normas do consumo é moldado socialmente sob uma estética da feiúra. Uma das ordens sociais que se impõem de modo cada vez mais generalizado é a da estetização do mundo. À medida em que este imperativo, na esfera da imagem humana, engendra formas de produção estética que tornam possível o embelezamento até das aparências originariamente tidas como feias, através de sua incorporação no sistema de consumo, a feiúra tende a se apresentar como o corpo que não pode ser apreendido por este sistema, que de alguma forma, resiste à própria lógica do consumo e da publicidade, da ciência e da tecnologia. É este que abala imediatamente nossos referenciais.

O corpo sempre tende a escapar ao processo social subtraindo-nos de nossos parâmetros habituais. Nesse movimento, ele tanto

¹⁸³ *Ibid.*, p. 160

encontra espaço para agir sobre a lei, fazendo-se lugar de diferentes inscrições sociais (como foi o caso dos punks, contracultura etc), como também retorna sem se direcionar propriamente à inscrição de outros sentidos, mas aberto à interpretação - o que talvez abale de modo mais profundo. Essas contrapartidas, através dos espaços e contradições próprias às normas que inscreve o corpo no social, são muitas vezes assimiladas sob uma representação da feiúra.

O louco é um exemplo das formas de resistência corporal inscrita nesta classificação estética. A cultura moderna, assinalando a categoria estética como lugar onde incide outros parâmetros identitários estabelece a relação entre loucura, doença e feiúra. Le Breton mostra que o corpo do louco envolve uma constante ironia, interrogando em profundidade os indivíduos sobre o modo pelo qual eles assumem os interditos e as reticências de suas modalidades físicas. O louco desarticula o ritual de interação que mantemos com o corpo. O modo como lida com seu corpo ou fala sobre este, seus movimentos, os traços do rosto, o tom de voz, o riso, o olhar rompe com nossas expectativas. Ele encarna uma perturbação nos processos identitários, que asseguram a coesão de grupos sociais. Alguma coisa em sua imagem, apresenta-se em excesso, indefinível. Vemos em seu corpo moldado de alteridade social a imagem da feiúra. As leis da razão produzem um modelo de corpo são. A própria leitura das expressões faciais e corporais é uma forma de interpretar uma alteração mental. Sua aparência diferenciada é correlata a seu desvio psicológico. Assim como a aparência física desvaloriza-se esteticamente ao manifestar uma disfunção de seu interior orgânico, da mesma forma, ao revelar uma perturbação no âmbito psíquico, o corpo desfigura-se na imagem da feiúra. Por esse efeito estético o louco introduz uma dissonância, até uma discordância nos quadros de

referência partilhados. Ele perturba nossa regulação permanente de camuflagem da evidência corporal, ao expor certos aspectos do corpo que deveriam permanecer ocultos. Sua relação com o corpo, escapando às regras da racionalidade e sociabilidade, reenvia-nos à feiúra da materialidade física.

O processo social que alimenta a produção moderna dos estilos de vida e de relação com o corpo produz imagens específicas de marginalização social nas características da aparência feia. O espaço e o corpo são submetidos à inspeção social. Mais o urbanismo racionaliza e programa a vida, mais o objeto urbano lhe escapa. A sofisticação do corpo e do espaço urbano se acompanha de segregação social, numa estética invertida. *Algo resiste à lógica do planificadores, seus elementos se deslocam sem arestas*¹⁸⁴. A urbanização coloca assim uma fragmentação no espaço físico que se vincula a valores e comportamentos, e que apresenta também uma expressão estética. A legitimação de estilos de vida sofisticados, gera exclusão de outros, cujas práticas de apropriação material e simbólica são consideradas ilegítimas porque socio-economicamente deficientes. O processo de sofisticação da vida urbana e da relação com o corpo se realiza também na produção da marginalização e do periférico. Estas se inscrevem tanto no corpo como no espaço urbano ao qual estas se remetem. Porém, lembrando do que destaca Berthelot, a respeito de que todo trabalho social sobre o corpo pode ser compreendido também como trabalho do corpo sobre o social - já que este nunca é um simples recipiente de inscrições¹⁸⁵ -, a feiúra, produto dessa interação entre corpo e sociedade, exhibe suas próprias expressões do social.

¹⁸⁴ Mons, A. *L'immonde urbain, Images et fantasmes*, Traveses, n. 37, 1986, p. 57-62

Nahoum afirma que enquanto a majestade, face ostentatória do corpo político, monopoliza os signos de beleza como a luz e seus brilhos, os materiais do luxo, os gestos de cuidados multiplicados; à sua periferia, as manchas da sombra fabricam a feiúra feita de obscurecimento, de sujeira, de dilaceração e dores. A feiúra do mundo enquanto espetáculo social tende a crescer longe do poder, como a miséria e a loucura¹⁸⁶.

Os traços físicos feios reportam-se ao corpo que ocultamos, seja evidenciando sua materialidade, seja expressando seu distanciamento dos cuidados e práticas corporais prestigiados socialmente. É justamente nos espaços urbanos mais marginalizados, onde se conjugam esses dois aspectos.

Essas expressões de feiúra nas cidades surgem como irregularidade, mostrando esteticamente as formas da desigualdade social cujo o corpo é expressão. Pois se por um lado a modernidade promoveu uma série de práticas e cuidados com o corpo, muitas delas quase imperceptíveis de tão incorporadas em nosso cotidiano, por outro, esse mesmo processo denuncia e acrescenta ainda mais os sinais da feiúra naqueles que exclui totalmente.

Nesse sentido reportamo-nos a Mons¹⁸⁷, que fala que existe uma luta cúmplice entre a cidade manifesta e a cidade oculta. Essas oposições tem como uma de suas formas de expressão fundamentais o jogo de imagens entre beleza e feiúra. O cotidiano das cidades apresenta imagens de feiúra que contrastam de forma discrepante com os referenciais de corpo da cultura moderna que preenchem nosso imaginário. A paisagem da cidade difunde diversas referências com respeito a cuidados e confortos físicos em seus mais vários

¹⁸⁵ Berthelot, Jean *Les Sociologies et le corps*, Current Sociology, vol.33 n.2, 1995

¹⁸⁶ Nahoum, V., op.cit.

¹⁸⁷ Mons, A. op. cit

aspectos : cosméticos, roupas, carros, alimentos e que, no entanto, se apresentam paralelamente às imagens da fome, sujeira, dor, violência. O corpo expressa as circunstâncias sociais, as formas de vínculo social dos indivíduos e, uma vez que o prestígio estético se dá em função dos signos do poder e da ordem social, a rua parece se configurar como um espaço social dos indivíduos que tendem a incarnar diversos signos da feiúra de modo mais acentuado.

É interessante notar como a forma pela qual as imagens feias, irrompem subitamente abalando-nos a segurança apoiada em nossos referenciais sociais tradicionais. São imagens que nos retiram instantaneamente do âmbito da ordem e das leis sociais, e que por isso mesmo suscitam o mal estar. O corpo constituído pelos sinais da feiúra, manifesta uma desarticulação da ordem social. Nesse sentido, a indigência choca não só por sua condição social, choca também pela forma com que expõe os corpos à vista das pessoas, pelos dejetos e odores que deixa nas ruas, por sua despersonalização, por seus traços brutalizados, por suas imagens de degeneração, envelhecimento, deformidade, etc. Nossa impressão estética nas ruas é fator fundamental, para abalar nossa tranquilidade habitual, como por exemplo, na evocação de suspeita moral sobre os passantes. Nesse caso, os sinais da feiúra recebem papel de destaque para suscitar o temor. As cores também se apresentam de acordo com nossos referenciais estéticos na composição deste jogo de imagens. O escurecimento da cidade acentua o caráter apreensivo das imagens.

Se podemos ver um exemplo dos signos da beleza, em seu extremo, no universo demasiadamente exposto da mídia, podemos perceber nessas imagens que se ocultam nas ruas - e que emergem de modo irregular - como se conjugam vários signos da feiúra em seu

grau extremo, devendo-se considerar aí a manifestação das diversas componentes - sociais, morais, físicas - que intersectam o veredito estético.

Mons¹⁸⁸ mostra como as cidades modernas, racionalizadas e tecnologizadas abrigam ressurgências de um universo afastado do urbano moderno, evocando diversas referências repulsivas e apoiado em suas próprias regras de convivência. Mundo este que se torna mais bárbaro no reflexo da cidade manifesta. Assim, consideramos de acordo com Nahoum, que a majestade das figuras sagradas, poderosas legítimas, até razoáveis espelham, uma imagem, do bizarro, da feiúra das coisas profanas, ilegítimas, desarrazoáveis. Desse modo, compreendendo que o cruzamento belo/feio se apresenta também em função dos espaços de poder, podemos notar como várias imagens da rua nos oferecem uma amostra dos diversos signos de feiúra que a sociedade produz. São imagens que mostram, em conjunto, as diversas expressões estéticas do que se coloca à margem, como os indivíduos isolados nos presídios, favelas, hospícios, ruas etc.

¹⁸⁸Mons, A. *op.cit*

ARIÈS, P. *Une histoire de la vieillesse*. Communications, n.7. Paris, Seuil, 1983

ATTIAS-DONFUT, C. *Jeunesse et conjugaison des temps*, Sociologie et sociétés, vol. XXVIII, n.1, 1996, p. 13-22.

BANTON, M. *A idéia de raça*, Edições 70, S.P, 1977, p.24-38.

BAKHITIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Hucitec, São Paulo, 1996

BARTHES, Roland *Encore le corps*, Critique, 1982, n.423-424 p. 645-654

BAUDRY, P. *Da máscara ao invólucro: a liquidação do humano?* Revista de Comunicação e Linguagens 10/11, 1990, p. 53-56

BERNARDS, M. *Le corps*, Paris, J.P. Delarge, 1976

BERTHELOT, J. M. *Les Sociologies et le corps*, Current Sociology, vol.33 n.2, 1995

----- *Corps et Société : Problèmes méthodologiques posés par une approche sociologique du corps*, Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXXIV, 1983, p.119-131

----- *Du corps comme operateur discursif*. Sociologie et Sociétés, vol XXIV,1, 1992, p. 11-18

BOLTANSKI, Luc *As Classes Sociais e o Corpo*, Edições Graal, R.J., 1979

Bourdieu *La Distinction. Critique sociale do jugement*. Minuit, Paris, 1979 p.189 -230

----- *Razões Práticas*

----- *Gostos de classe e estilos de vida*, in: Pierre Bourdieu, ORTIZ, R. (org), São Paulo, Ática, 1983

----- *Remarques Provisoires sur la Perception Sociale du Corps*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n.14, abril, 1977

CALDAS, D. e QUEIROZ, M. *O novo homem: comportamento, moda e mercado*, in: *Homens*, Senac, 1999, p. 149-162.

CANGUILHEM, Georges *La monstruosité et le monstrueux*, Diógene, n.40, 1962, p. 29-43

CHARTIER, Roger *Comment penser l'autocontrainte?*, Communications, n. 56, 1993, p. 41-49

COURTINE, J. *Corps, Regards, Discours : typologies et classifications dans l'age classique*, Langue Française, n. 74, 1987,

p. 108-128

----- *História do Rosto*, Teorema, Lisboa, 1995

----- *La physionomie de l'homme impudique*,
Communications, n.46, 1987, p.79-89

CRESPO, J. *História do Corpo*, Bertrand Brasil, R.J.,1990

DEBERT, G. G. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12 n. 34.

DUBOIS, Philippe *Glacé D'Effroi : Les Figures de la Peur ou les de l'expression à la représentation*, Traverses, n.25, 1982, 137-147

Duflos-Priot, M. *L'Apparence Individuelle et la Représentation de la Réalité Humaine et des Classes Sociales*, Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXX, 1981

----- *Le maquillage, séduction protocolaire et artifice normalisé*, n.46, 1987 p. 245-252

DURIF, C. *Perceptions et représentations du poids et des formes corporelles: une approche psychoethnologique*. Informations sur les sciences sociales, vol 29, 1990

ENNUYER, Bernard *L'Objet "Personne Âgée"*, Autrement, n. 124, 1991, p.14-28

FAIVRE, J. *Autoplastie de l'apparence ou enquête sur la chirurgie esthétique*, Ethnologie Française, VI (3-4), 1976, p. 233-248.

FEATHERSTONE, Mike *O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo*, in: Debert, G.G. (org) Antropologia e Velhice, Textos Didáticos, n. 13, março/ 1994.

----- *The body in consumer culture*, Theory, Culture and Society, I (2), p. 18-33

----- *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*, Studio Nobel, S. P. 1995

----- O Desmanche da Cultura

FISCHLER, Claude *La symbolique du gros*, Communications, n. 46, 1987, p. 255-277

GAGNEBIN, Murielle *Fascination de la laideur: l' e n-deçà psychanalytique du laid*, Editions Champ Vallon, 1994

----- *D'Eros à Narcise*, Esprit, n.2, 1982, p. 51-66.

GAVARD, Jean-Paul *L'Idée du corps, l'image du moins*, Communication et langage, 113, p. 57-66

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*, Unesp, São Paulo

GIL, José *Metamorfoses do Corpo*, A Regra do Jogo Edições, Lisboa, 1980.

GIL, José *Corpo, Espaço e Poder*, Litoral, Lisboa, 1988

GOFFMAN, Erving. Estigmas: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar, R.J., 1982

GROSZ, E. *Le corps et les connaissances. Le féminisme et la crise de la raison*, Sociologie et sociétés, vol. XXIV, n.1, 1992, p. 47-65

GUILLOU, Michel. *L'ordure, la vengeance*, Traverses, n.37, 1986, p. 127-133

GUIMARÃES, A. S. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*, Novos Estudos, 43, 1995, p. 26-44.

HÉRITIER, J. *Le martyre des affreux - la dictature de la beauté*, Paris, Denoel, 1991

IANNI, O. *A racialização do mundo*, Tempo Social, Revista de Sociologia Usp, 8(1), 1996 p. 1-23

JEUDY, H. P. *Equilíbrios Imaginários*, Revista de Comunicação e Linguagens 10/11, 1990

----- *La publicité et son enjeu social*, Paris, Puf, 1977, p.149-206

LASCAULT, G. *Le monstre dans l'art occidental*, Paris, Klincksieck, 1973

LE BRETON, D. *Sociologie du corps: perspectives*, Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. XC, 1991, p. 131-143.

----- *Anthropologie du Corps et Modernité*, PUF, Paris, 1990

----- *Corps et symbolique sociale*, Cahiers Internationaux de Sociologie, vol LXXIII, 1982, p. 223-232

MAFFESOLI, Michel *Le rituel de la vie quotidienne comme fondements des histoires de vie*, Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXIX, 1980, p. 341-349

MAGUIRE, J. e DUNNING, E. *Rôle des processus sociaux dans le sport, les relations entre les sexes et le contrôle de la violence*, Sociologie et sociétés, vol. XXVII, n.1, 1995, p. 117-137.

MATOSSIAN, C. *Du crachat ou la puissance du visqueux, L'ordure, la vengeance*, Traverses, n.37, 1986, p. 97- 104

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, EPU, EDUSP, 1974

MONS, Alain-Pierre *L'immonde urbain, Images et Fantômes* Traverses, 37, 1986, p. 57-62

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1999, p. 99-140.

NAHOUM, V - (org) *Beauté, laideur*, Communications, n. 60, 1995

NAHOUM, V. *La Belle Femme ou le stade du miroir en histoire*, Communications, n. 46, 1987, p. 22-32

OREL, T. *L'Étude du Corps dans les Rituels/ Note D'Orientation* Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXXIV, 1983

ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, Brasiliense, S. P. 1985, p. 13-44

----- *Mundialização e Cultura*, Brasiliense, S.P, 1994

ORY, P. *L'invention du bronzage*, Autrement, n. 91, 1987, p. 104-115

PELLEGRINO, P. *Epistémologie de l'espace et sociologie des lieux: espace social, représentations des lieux et transformations contemporaines de l'espace*. Espaces et sociétés, 48, p- 151- 167

-----*Types, modèles et emblèmes*, Espaces et Sociétés, n. 73

PERROT, Philippe *La Vérité des Apparences ou Le Drame du Corps Bourgeois (XVIIIe - XIXe)* Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXXVI, 1984, p. 185-199.

PERROT, Philippe *Le corps féminin : le travail des apparences, XVIII-XIX siècle*, Editions du Seuil, 1984.

PROBYN, E. *Corps féminin, soi féministe. Le dédoublement de l'énonciation sociologique*, Sociologie et sociétés, vol. XXIV, n.1, 1992.

PROPP, V. *Comicidade e Riso*

VETTRAINO-SOULARD, M. C, *La communication olfactive*, Communication et langages, 92, p. 102-109

VIGARELLO, G. *La non-matrise dans les modèles anciens et modernes d'entretien de la santé*, Communications, 56, 1993, p. 9-22.

RAIL, G. *Le sport et la condition post-moderne*, Sociologie et sociétés, vol. XXVII, n.1, 1995, p. 139-150.

REMY, Jean *La mode, les positions moyennes et les spatializations du social*, Espaces et Sociétés, n. 63, p. 51-73

ROCHA, E. P. G. *Magia e Capitalismo : um estudo antropológico da publicidade*, Brasiliense, São Paulo, 1985

RODRIGUES, A. D. *O corpo e a linguagem*, Revista de Comunicação e Linguagens 10/11, 1990, p. 25-32

ROSELYNE, Rey *Hygiène et souci de soi*, Communications, n. 56, 1993 p.25-39

ROUÉ, Marie *La punkitude, ou un certain dandysme*, Anthropologie et Sociétés, 1986, vol. 10 n. 2, p 37-55

SANSOT, Pierre.. *Ville et poésie, Espaces et Sociétés*, n. 15, p. 17-28

SANT'ANNA, D.B. (org.), *Políticas do corpo*, Estação Liberdade, S.P., 1995

SCHEs, Christian. Higiène Publique et ordre social, Les Temps Moderns, nov, n. 412, 1980

SCHILDER, Paul *L'Image du corps*, Paris, Gallimard, 1974, p. 185-316

SODRÉ, M. *A Comunicação do Grotesco*, Vozes, Petrópolis, 1971

----- *Claros e escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1999, p. 231- 272

VANEIGEM, R. *Considérations fragmentaires sur l'integration du corps au processus marchand*, Revue de l'Université de Bruxelles, n. 4, 1987, p. 199-204.

VIGARELLO, Georges. *Les vertiges de l'intime*. Esprit, 1975, p. 69-78

----- *O limpo e o sujo*, Martins Fontes, S.P., 1996

----- *La non-maîtrise dans les modèles anciens et modernes d'entretien de la santé.* Communications, 56, 1993.